

DE HOMINIS DIGNITATE

ORATIO EX IOANNIS PICI MIRANDULENSIS
CONCORDIAE COMITIS

Discurso pela Dignidade do Homem

Giovanni Pico

Tradução bilingue,
anotada e comentada por
Antonio A. Minghetti



36

 editora fi

Eis aí a respeitável função de tantos outros homens de similar nobreza, tão eruditos quanto aqueles das “antigas cortes”, os quais vertem ao vernáculo, traduzem ao nosso Português, aquelas sábias palavras daqueles “antigos homens”, transpondo para nós a “razão de suas ações”. Antonio Minghetti nos oferece, assim, uma belíssima tradução anotada e comentada desta importante e, em grande medida, desconhecida obra - O discurso pela dignidade do homem - escrita por Pico della Mirandolla, durante a encantadora Renascença. Sem dúvida, um trabalho finamente cuidadoso como requer uma empresa desse tipo. Minghetti nos proporciona, desse modo, a possibilidade de adentrarmos a “corte” onde habita esse “antigo homem”, nos permite lermos este “bom livro” em nosso próprio idioma, nos possibilita que Pico della Mirandolla nos revele “seus melhores pensamentos”.

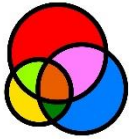
DE HOMINIS DIGNITATE

ORATIO EX IOANNIS PICI
MIRANDULENSIS CONCORDIAE
COMITIS

ab Conclusionis Nongentae
ad Pacem Philosophia
(Rinascita - 1487)

Comitê Científico da Série Filosofia e Interdisciplinaridade:

- **Agnaldo Cuoco Portugal**, UNB, Brasil
- **Alexandre Franco Sá**, Universidade de Coimbra, Portugal
- **Christian Iber**, Alemanha
- **Claudio Goncalves de Almeida**, PUCRS, Brasil
- **Cleide Calgareo**, UCS, Brasil
- **Danilo Marcondes Souza Filho**, PUCRJ, Brasil
- **Danilo Vaz C. R. M. Costa**, UNICAP/PE, Brasil
- **Delamar José Volpato Dutra**, UFSC, Brasil
- **Draiton Gonzaga de Souza**, PUCRS, Brasil
- **Eduardo Luft**, PUCRS, Brasil
- **Ernildo Jacob Stein**, PUCRS, Brasil
- **Felipe de Matos Muller**, PUCRS, Brasil
- **Jean-François Kervégan**, Université Paris I, França
- **João F. Hobuss**, UFPEL, Brasil
- **José Pinheiro Pertille**, UFRGS, Brasil
- **Karl Heinz Efken**, UNICAP/PE, Brasil
- **Konrad Utz**, UFC, Brasil
- **Lauro Valentim Stoll Nardi**, UFRGS, Brasil
- **Marcia Andrea Bühring**, PUCRS, Brasil
- **Michael Quante**, Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha
- **Migule Giusti**, PUC Lima, Peru
- **Norman Roland Madarasz**, PUCRS, Brasil
- **Nythamar H. F. de Oliveira Jr.**, PUCRS, Brasil
- **Reynner Franco**, Universidade de Salamanca, Espanha
- **Ricardo Timm De Souza**, PUCRS, Brasil
- **Robert Bandom**, University of Pittsburgh, EUA
- **Roberto Hofmeister Pich**, PUCRS, Brasil
- **Tarcílio Ciotta**, UNIOESTE, Brasil
- **Thadeu Weber**, PUCRS, Brasil



Série
Filosofia & Interdisciplinaridade

36

DE HOMINIS DIGNITATE

ORATIO EX IOANNIS PICI
MIRANDULENSIS CONCORDIAE
COMITIS

ab Conclusionis Nongentae
ad Pacem Philosophia
(*Rinascita - 1487*)

*Discurso pela
Dignidade do Homem*

Giovanni Pico

Tradução Bilingue
anotada e comentada de:
Antonio A. Minghetti

Porto Alegre
2015

Φ editora fi

Direção editorial: Agemir Bavaresco

Diagramação e capa: Lucas Fontella Margoni

Imagem da capa: Retrato de Giovanni Pico della Mirandola

Revisão do autor



Todos os livros publicados pela
Editora Fi estão sob os direitos da

Creative Commons 4.0

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Série Filosofia e Interdisciplinaridade - 36

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

PICO, Giovanni.

Discurso pela dignidade do homem [recurso eletrônico] /
Giovanni Pico [tradução, organização, introdução e notas
Antonio A. Minghetti] -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.
178 p.

ISBN - 978-85-66923-81-0

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Pico, Giovanni. 2. Renascimento. 3. Humanismo 4. Tradução.
5. Comentário. I. Título. II. Série.

CDD-100

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia 100

*Que obra-prima é o homem! Como é
nobre em sua razão! Que capacidade
infinita! Como é preciso e bem-feito em
forma e movimento! Um anjo na ação!
Um deus no entendimento, paradigma
dos animais, maravilha do mundo.*

**Trecho da obra Hamlet,
de William Shakespeare (1564-1616)**

<i>Apresentação</i>	/ 11
<i>Traductionis commentatio</i>	/ 13
<i>Exórdio</i>	/ 13
<i>Filosofia Remanente</i>	/ 18
<i>Biografia de Pici Mirandulensis</i>	/ 33
<i>Filosofia do Oratio</i>	/ 40
<i>Tradução anotada e comentada</i>	/ 52
<i>Apendice</i>	/ 158
<i>O Humanismo Renascentista</i>	/ 158
<i>Epilogo do tradutor</i>	/ 166
<i>Obras relevantes de Pico</i>	/ 169
<i>Referências bibliográficas à tradução</i>	/ 171
<i>Glossário</i>	/ 175

Apresentação

Prof. Dr. Pedro Leite Junior - UFPEL
Mtnd. William Saraiva Borges - UFPEL

“Quando cai a noite, volto para casa e entro em meu escritório; e, à porta, dispo-me das vestes cotidianas, cheias de lama e lodo, e me enfio em panos reais e curiais; e, vestido decentemente, entro nas antigas cortes dos antigos homens, onde, recebido amorosamente por eles, farto-me daquele alimento que é só meu e para o qual nasci; lá, não me envergonho de falar com eles e perguntar-lhes a razão de suas ações; e eles, por sua humanidade, me respondem; e, por quatro horas de tempo, não sinto nenhum tédio, esqueço qualquer aflição, não temo a pobreza, não me assusta a morte; transfiro-me todo para eles.”

Com essas palavras, extraídas de uma carta dirigida a Francisco Vettori, em 1513, Nicolau Maquiavel caracteriza sua experiência como leitor de textos antigos e clássicos. Com efeito, Maquiavel sequer emprega os termos “livro” e “leitura”. Não obstante, a que se referia o pensador florentino senão a leitura dos clássicos universais? Caso contrário, de que outra maneira seria possível entrar nas “antigas cortes dos antigos homens”, e ser “recebido amorosamente por eles”, e ser alimentado por eles, e ser respondido por eles?

A esse propósito, afirma Descartes, em 1637, no seu *Discurso do Método*: “A leitura de todos os bons livros é como uma conversa com as pessoas mais ilustres dos séculos passados, que foram seus autores, e mesmo uma conversa refletida na qual eles só nos revelam seus melhores pensamentos.” De fato, a leitura dos “bons livros”, a leitura das obras clássicas produzidas pelas “pessoas mais ilustres dos séculos passados”, podem nos

entronizar “nas antigas cortes dos antigos homens”, nas quais não nos atormenta “nenhum tédio”, nem “qualquer aflição”, nem temor da “pobreza” ou da “morte”.

Ora, nós que habitamos o jardim no qual viceja a “última flor do Lácio” (Olavo Bilac), como poderemos visitar essas “cortes” e dialogar com esses “homens”, se já não mais falamos nem compreendemos seu linguajar? Como poderemos nos fartar “daquele alimento que é só meu [nosso] e para o qual nasci [nascemos]”, isto é, toda a sabedoria contida nessas majestosas obras escritas por esses nobres homens, se já não somos capazes de lê-los em seu Grego ou em seu Latim? Estaríamos nós privados dessa tão profícua convivência? Estaríamos nós impedidos de banquetearmo-nos com aquele “alimento que é só meu [nosso]”? Ao que parece, esse não é o caso!

Eis aí a respeitável função de tantos outros homens de similar nobreza, tão eruditos quanto aqueles das “antigas cortes”, os quais vertem ao vernáculo, traduzem ao nosso Português, aquelas sábias palavras daqueles “antigos homens”, transpondo para nós a “razão de suas ações”.

Antonio Minghetti nos oferece, assim, uma belíssima tradução anotada e comentada desta importante e, em grande medida, desconhecida obra – *O discurso pela dignidade do homem* – escrita por Pico della Mirandolla, durante a encantadora Renascença. Sem dúvida, um trabalho finamente cuidadoso como requer uma empresa desse tipo. Minghetti nos proporciona, desse modo, a possibilidade de adentrarmos a “corte” onde habita esse “antigo homem”, nos permite lermos este “bom livro” em nosso próprio idioma, nos possibilita que Pico della Mirandolla nos revele “seus melhores pensamentos”.

Pelotas, 2015.

Traductionis commentatio

Exórdio

O corpus objetivado nesta tradução, ***Oratio Ioanis Pici Mirandulensis - Concordiae Comitibus***, em sua ***Editio princeps*** consta do acervo do “*progetto di collaborazione tra Università degli Studi di Bologna e Brown University*”.

Seu tempo, a Renascença Italiana e seu espaço, o movimento humanista, cenário no qual a tônica do espírito romântico consistia em refutar orientações e preocupações teológicas, ao centrar no projeto construtivo do homem, a exploração de todas as possibilidades de seu existir. Essa vanguarda didascálica foi iluminada pela figura de Giovanni Pico della Mirandola e de seu contributo ao movimento renascentista, que posteriormente se transformaria no berço do Iluminismo, ao fim do século XVIII e, em assento basal da Declaração dos Direitos Humanos da ONU no século passado, com revérberos hodiernamente revestidos de ampla veemência, que invitaram sobre maneira a tradução desta obra.

Omnes homines dignitate et iure liberi et pares nascuntur, rationis et conscientiae participes sunt, quibus inter se concordiae studio est agendum (Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)¹

¹ Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

A construção do *discursus*, o *Oratio*, se fez em dois episódios; um primeiro que compõe o parágrafo primeiro ao vigésimo terceiro, no qual Pico promove um prólogo de introdução à sua tese, em que apresenta os argumentos que fundamentam sua filosofia, quando apresenta o homem como um ser livre e perquisidor das Leis Naturais e Divinas. Outro, um segundo, composto pelos parágrafos vigésimo quarto ao quadragésimo sétimo, onde Giovanni Pico trata especificamente do compromisso da filosofia com a indispensabilidade da dignificação do homem.

Pode-se considerar o *Oratio*, nos moldes do aritotélismo, como um discurso apofântico, dado possuir índole atributiva; não é, pois um texto enunciável, mas enunciativo, onde a premissa se faz o próprio contexto gerador do discurso, o que requer em sua tradução, atentar para a distinção entre a competência semio-narrativa e a competência discursiva; esta última paralela à enunciação, quando consiste da tomada de estruturas semio-narrativas e sua transformação para estruturas discursivas. Não obstante, ainda são recorrentes as formas semio-narrativas dotadas de estatuto transcendental, que no *Oratio* se revestem de universalidade posto se conservarem historicamente através de suas traduções.

O discurso de Giovanni Pico é histórico no sentido em que o sujeito enunciadador está espaço-temporalmente localizado e submetido às forças psicossociais que caracterizam uma determinada época. Para Parret (1990), esse tipo de discurso manifesta um conjunto de regularidades; assim submetido às regras cujo estatuto é necessário determinar em sua interpretação. No caso específico do *Oratio*, este não refere apenas regras gramaticais para erigir a adequada formação sintática das frases, mas de estratégias alocadas em uma retórica refinada e enunciativa, que à época impunham o convencimento, no que implicava o *Oratio* ser aceito, pragmaticamente, no seio de uma comunidade erudita muito singular.

A característica do estilo adotado por Giovanni Pico, ao longo do discurso foi de apresentação de uma temática, sempre como resultado de uma interpelação ou de um apelo, para concluir a partir de injunções com discursos outros que envolve uma série imensa de saberes. No entanto, o sentido discursivo do *Oratio* de Giovanni não se aufere por adição de sentidos expressos pelas unidades constituintes, mas sim a partir do sentido globalizante de todos os discursos anelados ao longo do texto, os quais requerem esclarecimentos adicionais, por vezes até subliminares.

Pico promove uma intensa procura da verdade como reflexo, partindo de momentos históricos anteriores, os quais serviram de elementos de recorrência comprobatória de sua defesa. A busca, por esta na tradução, fez considerar a recomendação de Paulo Ronai:

Conduzir uma obra estrangeira para outro ambiente linguístico significa querer adaptá-la ao máximo aos costumes do novo meio, retirar-lhe as características exóticas, fazer esquecer que reflete uma realidade longínqua, essencialmente diversa. Conduzir o leitor para o país da obra que lê, significa, ao contrário, manter cuidadosamente o que essa tem de estranho, de genuíno e acentuar a cada instante a sua origem alienígena (RONAI. 1981. p. 20).

Ao carácter interdiscursivo em todo o *Oratio*, não se pode deixar de mencionar que a relação entre ele e, todos os discursos outros nos quais se fundamenta, já implica uma relação de tradução, que não se oferece passivamente e, que deve ser interpretada a partir das tensões filosóficas que gera.

O conhecimento filosófico e linguístico de Giovanni Pico era excepcionalmente amplo e refinado, a ponto de receber de seus contemporâneos a alcunha de “A

fênix dos gênios”, referência em Winfried Böhm (2010, p.59). No *Oratio*, Giovanni Pico fez uso do latim *scholasticus*, cuja erudição retrata o pensamento crítico daquele momento vivido pelas universidades da Europa, no qual a língua perpassava os domínios: científico, eclesiástico e literário, que refletiram principalmente o período humanista italiano, cujas características basilares foram a manutenção das quatro conjugações, a ausência de artigos e preposições, a ordem indireta das palavras na frase, o verbo no infinitivo e por vezes um período inteiro na função de objeto direto. Giovanni utiliza, em determinados momentos, a estrutura linguística do *Acusativo com Infinito* e do *Ablativo Absoluto*, importante construção de literatos latinos multíscios, que soará estranha àqueles que a desconhecem e que, sem seu conhecimento, faz a tradução assaz complexa.

O Acusativo com Infinito denota uma construção latina, na qual uma oração subordinada depende de um verbo transitivo direto, que se localiza na outra oração; o sujeito da oração subordinada vai para o Acusativo, e o verbo se põe no Infinito; a respectiva conjugação, em latim, não é visível. Vide este exemplo socrático de Acusativo com Infinito: *Unum scio, me nihil scire*. Tradução literal: “Conheço um, nada conheço”; Tradução adequada: “Só uma coisa sei, que nada sei”; a segunda oração “que nada sei” tem a função de objeto direto da oração principal.

O ablativo absoluto traduz, geralmente, uma circunstância de tempo, de causa, de modo e até de instrumento; daí poder ser transformado em um ablativo absoluto de uma oração do modo finito, consentindo à circunstância que ele expressa. Exemplo de Ablativo Absoluto em Cícero, com o verbo *sum* absconso: *O fortunatam natam, me consule, Romam!* (Cic.) - Tradução adequada possível: Óh Roma nascida afortunada, *sendo* eu cônsul (observe a entrada do verbo “ser” na tradução). O ablativo absoluto ocorre com os participípios do presente e os do pretérito e, com determinados adjetivos; contudo,

com o particípio do verbo “sum” (ser), em latim ele é omitido. Os termos da oração subordinada não têm quaisquer relações com os da oração principal. Assim o Sujeito da subordinada vai para o Ablativo (complementos circunstanciais como adjuntos adverbiais e agentes da passiva), juntamente com os Adjuntos adnominais (se existirem) e igualmente, o particípio do verbo para o caso Ablativo.

Muito embora o *Oratio* servisse, no século passado, de base para a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, ele possui um caráter temporal e decisivo para seu entendimento, o que me levou a condiderar uma recomendação de George Steiner:

Uma coisa é clara: cada ato de linguagem tem um **determinante temporal**. Nenhuma forma semântica é atemporal. Quando usamos uma palavra, pomos a ressoar, por assim dizer, **sua inteira vida pregressa. Um texto está inserido num tempo histórico específico**; ele tem o que os linguistas chamam de uma estrutura diacrônica. Ler de forma abrangente é restaurar tudo o que for possível em termos das adjacências de valores e intenções em meio às quais a fala efetivamente ocorre... Devem-se dominar o contexto espacial e temporal de um texto, as amarras que prendem mesmo a mais ideiossincrática das expressões poéticas ao idioma circundante [...] **(g.m.)** (STEINER, 2005, p.50 e 51)

Por tanto, se propor à tradução de autores como Giovanni Pico, *a priori* significa deparar o desafio tão imponderável quão prazeroso no enfrentamento da retórica. Ainda, dado que cada parágrafo do texto reflete um momento histórico, no qual forças sociais se convulcionavam, o tradutor se depara com a exigência de um conhecimento *lato* na área da filosofia, teologia,

misticismo e sociologia; portanto no *Oratio*, o fenômeno da intertextualidade exigiu um acentuado, mas necessário incremento de citações, interrelacionados com o *corpus* de tradução, às quais comento em notas de rodapé.

Filosofia Remanente

Para entender o pensamento de Giovanni Pico em seu *Oratio*, necessário se faz traçar a retrospectiva que lhe antecedeu e, que deu origem à filosofia humanística. Historicamente é possível creditar sua gênese à filosofia cristã dos apóstolos ditos intelectivos, Paulo e João, período conhecido como neotestamentário e, o desenvolvimento posterior dos conhecidos *Ecclesia Patres*, daí a nomenclatura de Patrística. Paulo e João se constituíram nos primeiros teóricos a elaborarem uma doutrina da verdade da *fé* no Cristianismo, como amparo às incidas pagãs e às cizânias heréticas desse período.

Os primeiros séculos da era cristã da Patrística, reconhecida como a Idade de Ouro, foi destinada à conciliação da nova religião, enquanto pensamento filosófico cristão imbricado entre posições gregas e então romanas, que se prestaram à tarefa religiosa, sobretudo a de evangelização e conversão de incautos, período em que o Verbo se fez infinitivo e não mais como participio. À Patrística coube, fundamentalmente, uma filosofia que elucidasse gradualmente, o conjunto dogmático da cristandade e, acolá preservar a *fé* e a liturgia, para deliberar o rumo da Igreja. Destes Pais, destaque especial àqueles que por seu notório saber, atenderam a três pré-requisitos: *eminens doctrina, insignis vitae sanctitas, ecclesiae declaratio*, por isso considerados Doutores da Igreja. Destes doutos na igreja Ortodoxa constam, São João Crisóstomo, São Basílio Magno e São Gregório de Nazianzo e, da igreja Latina, Santo Ambrósio de Milão, São Jerônimo de Estridão, São

Gregório Magno e, o ingente Santo Agostinho de Hipona, caudilho incondicional de elucidações que envolviam a criação² do mundo a partir do nada, do pecado original do homem, de Deus como trindade Una, a natureza dual, humana e divina do Cristo encarnado, do juízo final e ressurreição dos mortos, da insubstância do mal e o como este adentrava o mundo, posto tudo fosse criado por Deus, a summa perfeição e bondade. Em *De Doctrina Christiana*, obra seminal para a instituição da Igreja Cristã na Patrística, Agostinho escreveu:

Em relação a nós mesmos, que gozamos e usamos de todas as coisas, somos de certo modo também uma coisa. E, certamente, uma grande coisa é o homem, pois feito à imagem e semelhança de Deus! Não é grande coisa enquanto encarnado num corpo mortal, mas sim enquanto é superior aos animais pela excelência da alma racional. [...] É perfeito o homem quando orienta toda sua vida para a Vida imutável e adere a ela com todo o seu afeto, enquanto o fato de se amar por si próprio não tem referência a Deus. É voltar-se para si

² Observação contida na contra capa de todos os livros do expressivo filósofo brasileiro Huberto Rohden: Creador com “e”, do latim *credere*, significando *criar* a partir do nada, o que diferencia do criador em português, onde o criar tem a conotação de transformação, ou seja, criar algo a partir de outra substância. Essa pesquisa procurou ser fiel a Huberto Rohden (conceituado filósofo brasileiro e catarinense), que em suas obras utiliza o termo Creador, até porque nenhuma das línguas neolatinas, fora do português moderno, tampouco o inglês, aceita a grafia Criar/Criador no lugar de Crear/Creador. Do latim *credere*, crear indica a transição do Todo Universal para alguma parcela individual, ao passo que criar é a transição de uma parte finita para outra parte finita. Crear pressupõe fazer algo aparecer do nada, enquanto criar é apenas a transformação de algo já existente em outra substância. Segundo Rohden, Deus é creador, e um fazendeiro seria um criador (*in* ROHDEN, prefácio de *Filosofia da Arte*, Ed Martin Claret, 2007).

próprio, e não para o Ser imutável. Por isso, ninguém pode fruir de si próprio sem alguma perda. Desse modo, quando o homem se une totalmente ao Bem imutável e abraça-o, é mais perfeito do que quando dele se separa e volta-se sobre si próprio. [...] É preciso, pois, ensinar ao homem a medida de seu amor, isto é, a maneira como deve amar-se a si próprio, para que esse amor lhe seja proveitoso (SANTO AGOSTINHO, 2002, p. 58-63).

Santo Agostinho há seu tempo, preconizara que a filosofia auxiliaria a compreensão de passagens obscuras das Sagradas Escrituras, auxiliando a *fé* cristã ao fornecer uma explicação racional de teses teológicas, como a da existência de Deus, tal que dessa forma se poderia afirmar que a filosofia seria serva da teologia.

No período que antecede o surgimento do islamismo, a Igreja Cristã estava solidamente consolidada em quase toda a orla do Mediterrâneo e, a *fé* cristã se expandia entre os povos bárbaros que ocuparam progressivamente a Europa, como os visigodos e os francos, não obstante ainda existissem heresias, como o arianismo, o nestorianismo, o monofisismo, o donatismo, o maniqueísmo e o pelagianismo, entre outras.

No quarto século, o Império Romano por razões de governabilidade, se dividiu em dois: o primeiro, Império Ocidental, com sede na Itália, e o segundo, Império Oriental, com sua capital em Constantinopla. No século quinto, em 476 d.C., face a desestruturação administrativa e política, o Império Romano do Ocidente entra em colapso, quando Roma é tomada de pelos Hérulos, período conhecido como a “era das trevas”; a única instituição poderosa e universal que porfiou foi a Igreja, enquanto o Império Oriental, que posteriormente os historiadores denominariam Império Bizantino, haveria de perdurar por mais mil anos, até 1453, quando ocorreu a Queda de

Constantinopla; esse império, culturalmente, foi o mais afetado a proeminente expansão do islamismo.

A periodização daquilo que historicamente se denominou *Medioevo* no Ocidente (passível de contestações históricas outras), inicia com o fim de período antigo, especificamente com a queda de Roma e, o pontificado do primeiro papa Gregório Magno no ano de 590, quando o Ocidente passou por reformulações geo-políticas que vai até a Reforma Protestante; daí a designação de Idade Média, o período intermediário entre a Idade Antiga e a Idade Moderna, esta considerada a partir do ano de 1300, com novas crises e profundas transformações face o Renascimento.

Nesse momento da história, surge uma nova variante filosófica denominada Escolástica, corrente nascida na Europa no *medievo*, ou seja, na construção do sacro império romano bárbaro, filosofia que dominou o pensamento cristão entre os séculos IX e XIV e, que bem representa o último período do pensamento cristão. O Escolasticismo, realça o aprofundamento no estudo da filosofia, nela incluída a teologia, em abrangente contexto de conhecimentos, envoltos especialmente de princípios cristãos, representados pelo ensino das artes liberais; o *Trivium* – a gramática, a retórica e a dialética e, o *Quadrivium* – a aritmética, a geometria, a astronomia e a música.

Neste cenário a caução da Igreja se via ameaçada e constrangida, em sua pretensão de domínio ecumênico, principalmente após perder física e definitivamente a Terra Santa no ano de 1303. Essa decorrente miscigenação implicou a cultura ocidental se ver imbricada com a dos povos invasores, no que resultaram movimentos como o Hermetismo, o Humanismo, o Neoplatonismo, o Secularismo e posteriormente o Iluminismo.

A partir de meados do século XII, principalmente, ocorre uma mudança de orientação no pensamento de autores judeus, quando o aristotelismo substituiu o

neoplatonismo e, se tornou a principal influência sobre o modelo metafísico adotado pelos filósofos judeus; floresce o esoterismo através da Kabbalah em toda a Europa, principalmente na Espanha, sistema filosófico-religioso judaico, que integrava elementos que remontavam ao início da era cristã, com preceitos práticos e, especulações de natureza mística, esotérica e taumatúrgica, pela qual se afirmava ser o universo uma emanção divina, o que seria de grande valia para a interpretação e deciframento dos textos bíblicos do Antigo Testamento.

Etienne Gilson (1995), em sua obra *A Filosofia na Idade Média* ressalta que, vários dos grandes pensadores do século XIII intencionaram imbricar teologia natural e teologia revelada: “[...] a primeira concordando com a segunda nos limites de sua própria competência e reconhecendo a sua autoridade em todas as questões relativas a Deus e, que ela própria não conseguia resolver” (GILSON, 1995, p. 638).

A Escolástica resulta essencialmente de uma face neoplatônica, ao reviver Santo Agostinho e, conciliar elementos da filosofia de Platão com valores de ordem espiritual, quando sobressai seu principal representante o teólogo italiano São Tomás de Aquino, que na tentativa de conciliar razão e *fé*, revisita Aristóteles a partir de uma perspectiva cristã, por entender que ambas viriam do Creador, no que revive a máxima *credo ut intelligam* de Santo Agostinho, que defendia a autonomia da *fé* a qual lhe subordinaria a razão, entendendo que a *fé* reconstituiria a via de retorno à origem divina e, reinstituísse a condição humana em sua vida vivida, à época decaída.

Por sua vez, São Tomás de Aquino embora não abdicasse da premissa agostiniana de subordinação da razão à *fé*, acrescentou e mesclou o conhecimento sobrenatural emanado da *fé*, com o conhecimento natural da luz da razão, mas influenciado pelo aristotelismo, defendia a

autonomia da razão para a obtenção de respostas aos mistérios divinos.

Entre a riqueza de contribuições do período da Escolástica, podemos destacar pensadores como: Alberto Magno, João Duns Scot, Roger Bacon, Guilherme de Ockham, Anselmo de Cantuária, Boaventura de Bagnoreggio, Pedro Abelardo, Bernardo de Claraval, João Escoto Erígena, Jean Buridan, Nicole Oresme, Robert Grosseteste e, dentre o objetivado nesta tradução, Giovanni Pico della Mirandola.

Etienne Gilson (1995) cita que nesse período, grande foi o esforço dos escolatas em determinar um ponto comum, tal que os dados da *fé* e os conhecimentos racionais pudessem conformar um único sistema intelectual. Não obstante o esforço de Giovanni Pico, segundo Etienne Gilson, o escolaticismo não conseguiu encontrar esse ponto único, mas sim inúmeras vicissitudes desde São Tomás a São Boaventura, passando pela influência hostil à ortodoxia católica dos averroistas, que revelava a insolubilidade da tese de conciliação entre a filosofia natural e a teologia revelada.

Essa conciliação foi inumada decisivamente pela querela de 1277, a qual confrontou a infinita liberdade de Deus com um mundo regido por imperativos lógicos, fundamentados no aristotelismo, o que era sustentado pela maioria dos mestres escolásticos, resultando particularmente, como ressalta Etienne Gilson (1995) no século XIV, à crítica teológica da filosofia e, da filosofia a certas instâncias da teologia.

Este período de opacidade polemológica, devida à presença de uma subjectividade enunciante, interpôs conflitos múltiplos entre os povos, mas foi ainda gravemente abalado por mercenários no seio da Igreja cristã, que levaram a eleição simultânea de dois Sumos Pontífices, um em Avignon e outro em Roma, levando à prostração credível da Igreja a qualquer vindicação de um

estado universal. Surgiram, ainda, outros movimentos pendenciadores como o da “Querela das Investiduras”, movimento pelo qual causídicos da Igreja protestavam contra a nomeação de bispos e papas pelo Imperador; evento conhecido como a “Concordata de Worms”, pela qual o imperador teria poder de nomear bispos com autoridade secular, mas não possuíam a autoridade sagrada, não celebravam a cerimônia religiosa de posse. Ainda, ficava terminantemente proibida a prática de *cesaropapismo*, que significava a união dos poderes imperiais e religiosos e, a prática então usual de simonia, que consistia na venda de cargos eclesiásticos. As práticas religiosas e, as nomeações de cargos religiosos seriam atribuições exclusivas do papa.

Não obstante a *Vulgata* de São Gerônimo significar a *divulgada*, segundo alguns historiadores, versão questionada por outros, durante o período medieval a Igreja colocou inúmeros impedimentos no sentido de que a Bíblia ficasse restrita apenas a pequeno círculo de sacerdotes, bispos e papas, com a sua explanação absolutamente proibida a membros ignaros. Em 1211, o bispo de Metz vindicou ao papa Inocêncio III a existência de círculos de ignaros que, à revelia da soberania eclesiástica, estavam acessando às Sagradas Escrituras. Em 1229 o Concílio de Toulouse determinou:

Proibimos aos ignaros de possuírem o Velho e o Novo Testamento [...] Proibimos ainda mais severamente que estes livros sejam possuídos no vernáculo popular. As casas mais humildes lugares de esconderijo, e mesmo os retiros subterrâneos de homens condenados por possuírem as Escrituras devem ser inteiramente destruídos. Tais homens devem ser perseguidos e caçados nas florestas e cavernas e, qualquer que os abrigar será severamente punido (Concil. Tolosanum, Papa Gregório IX, Anno Chr. 1229, Canons 14:2).

Francisco Bethencourt Hélio Daniel, historiador português e autor do livro *História das Inquisições* (2000), considera que naquele período existia por parte da Igreja de Roma, um constante temor pela propagação do Evangelho e, com o conhecimento da Palavra de Deus, tanto como com a possibilidade de tradução da Bíblia para outras línguas. O simples fato de um católico vulgo ler as Escrituras, o sujeitaria a heresia, ser excomungado e levado à fogueira, posto que a Bíblia divulgada obstaculizasse as pretensões da Igreja de Roma, em submeter todos os povos sob seu império.

Neste cenário de inúmeras distensões, se destaque a figura de Guilherme de Ockham (~1280 - ~1349), frade franciscano e filósofo escolástico inglês, considerado o último grande nome da filosofia medieval. Suas ideias se converteram rapidamente em objeto de controvérsia, cuja história apresenta duas possibilidades, a primeira que o filósofo foi chamado a Avignon (sede temporária do papado), no ano de 1324, onde acusado de heresia, passou quatro anos em uma prisão domiciliar; outra possibilidade histórica é que ali estivesse para ensinar filosofia, mas acusado de ensinar heresias arrebatou inúmeros inimigos, em especial os seguidores de São Tomás de Aquino. Da controvérsia entre o papado e os franciscanos sobre a doutrina da pobreza apostólica, tema central dos aderentes a São Francisco de Assis, Ockham concluiu que o papa João 22 era um herético, o que o fez fugir de Avignon para Pisa em 1328. Depois de sua fuga, Ockham foi excomungado, porém continuou escrevendo e assumiu a liderança de um pequeno grupo de franciscanos dissidentes.

A seguir o proeminente teólogo inglês John Wycliffe (1320-1384) considerado precursor das reformas religiosas que sacudiram a Europa nos séculos XV e XVI, questionador de dogmas controversos como: a compra do perdão dos pecados, o poder de excumunhão e a transubstanciação; repudiado pela Igreja, principalmente,

por ser o precursor das traduções da Vulgata para a língua inglesa e, por tê-las entregue aos membros ignaros. Pode-se considerar que Wycliffe tenha aberto o caminho para que pensadores da época como Pico, repensassem a racionalidade do conceito à época, de homem, de natureza e de deidade.

À época de Giovanni Pico, destaque especial merece seu amigo e protetor, o líder religioso e monge dominicano Girolamo Savonarola (1452-1498), reformador e intérprete dos contrastes da cultura do Humanismo e do Renascimento, cuja trajetória de pregador e reformista italiano, incidiu em um ingente esforço para eliminar os excessos da nobreza e a corrupção da Igreja na Itália renascentista. Frei Savonarola pretendia resgatar o sentido da fé católica, ao satanizar a corrupção dos governantes de Florença, principalmente o pecado da usura, o *mutuum date nihil sperantes* proibido pela Igreja desde o século IX, bem como a venda de indultos que envolvia instâncias do Vaticano, até que em 1497 foi excomungado e, em 1498 foi preso juntamente com alguns seguidores, tendo como destino a forca e depois a fogueira.

Outra distensão de proeminência é a do monge agostiniano germânico, professor e doutor em teologia, Martinho Lutero (1483-1546), que em 1515 denunciou abusos da igreja católica e questionou, principalmente, o pecado original, a compra de lotes no céu e, o pagamento em ouro aos padres, para que estes concedesse o perdão, posto entendesse que o perdão verdadeiro apenas seria obtido pelo indivíduo que realmente se arrependesse; afirmava que: "O verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo evangelho da Glória e da graça de Deus". Em primeiro de novembro de 1517, a exemplo do que já havia feito Pico, Lutero pregou no portal da igreja do Palácio de Wittemberg, noventa e cinco teses que tratavam do tema das indulgências. Suas teses foram publicadas e ao chegarem à opinião pública, deram origem à reforma

protestante, ao mesmo tempo em que Lutero era destituído de seu cargo de vigário.

Na sequência é necessário evidenciar o professor e teólogo cristão francês João Calvino (1509-1564), que por volta de 1536, em Genebra, seguindo os passos de Lutero, se fez adepto ao movimento conhecido como Protestantismo, ao romper com a igreja cristã e, estabelecer uma nova doutrina ao publicar estudos sistemáticos sobre religião, nominados posteriormente de Calvinismo.

Calvino divergia de Lutero em alguns pontos, principalmente na questão da salvação pela *fé*; defendia a ideia de que a *fé* não era suficiente, uma vez que o homem já nascesse predestinado por Deus, para a vida eterna ou para a condenação. Calvino criou o Consistório de Genebra, um conselho de “12 anciãos” para reger a vida religiosa do novo Credo, o qual interferiu sobremaneira nos costumes, nas crenças e na própria organização político-administrativa das cidades, propagando-se celeremente por toda a Europa, principalmente pela Inglaterra, Escócia, França e Holanda, aludindo a princípios que tratam da riqueza material, que para Calvino seria um sinal da graça divina sobre o indivíduo, conceito imediatamente assimilado pela burguesia, para justificar o lucro em suas atividades financeiras, o que até então era condenado pela Igreja Romana.

Sem, evidentemente, exaurir o séquito de dissidentes cristãos dessa época, destaque peculiar a Giordano Bruno (1548 – 1600), professor, escritor, filósofo, cosmólogo, teólogo, e frade dominicano italiano, inditosamente condenado à morte na fogueira pela Inquisição Romana, acusado de heresia por distinguir erros teológicos de seu tempo. Admitia que a religião estivesse longe da racionalidade por se distanciar da filosofia e da ciência. Foi um peregrino na França, Inglaterra, Suíça e Alemanha, porém ao voltar a Veneza em 1592, foi preso pelas autoridades eclesiásticas da Inquisição e, dado não

abjurasse de suas ideias, da prisão só saiu para ser queimado em praça pública. Giordano Bruno publicou aproximadamente 40 obras, das quais destaque merece a *De Infinito Universo e Monde*, onde delinea suas teorias: do heliocentrismo, da infinitude do Universo e da pluralidade de mundos. Desta obra consta: “[...] O mundo é infinito porque Deus é infinito [...] Nós declaramos este espaço infinito, dado que não exista qualquer razão, conveniência, possibilidade, sentido ou natureza que lhe trace um limite [...]” (1984, p. 76).

Segundo Pirenne (1963, p.199), as linhas de força que levaram a transformações diversas nos Séculos XIV e XV, permearam por:

1. Caracteres econômicos dos Séculos XIV e XV:

O fim do período de expansão da economia medieval, com o aparecimento do desenvolvimento da indústria e do comércio, transformando profundamente o espírito e a própria existência da sociedade, o qual provocou interpelações específicas à Cultura e seu *modus vivendi*, causando estranhamentos e ocasionando oposições e interpenetrações conceituais.

2. A fome de 1315 e a peste negra:

A terrível fome que dizimou a Europa de 1315 a 1317, causou o maior estrago até então conhecido. Trinta anos mais tarde, um novo desastre, ainda mais espantoso, a peste negra que assolou o mundo. Acresça-se a estas, conflitos políticos e sociais principalmente na Itália e Alemanha, e a guerra dos Cem Anos entre França e Inglaterra, as quais mudam os eixos de poder e faz surgirem novos estados e novos poderes, com grandes monarquias na Europa Ocidental e conseqüente fracasso das monarquias na Europa do Norte e de Leste. Toda esta conjuntura leva o homem à pré-aceitação fatídica da vida com sua miséria terrena e a

esperança de na eternidade celeste encontrar sua felicidade. Contra este estado de coisas, o movimento renascentista se propõe descortinar a potencialidade humana e de construção de um paraíso terrestre a partir de sua vida vivida.

3. Os Príncipes e os Capitalistas: Há, posteriormente, uma transferência do poder Monárquico aos Mecenas, face à evolução técnica dos ofícios e a transferência do poder econômico aos homens do comércio, surgindo uma nova categoria de força, o mecenato.

4. Influências da Escolástica ou Escolasticismo: A Escolástica representa o último período do pensamento cristão, que vai do começo do século IX até o fim do século XVI, isto é, da constituição do sacro império romano bárbaro, ao fim da Idade Média. A *escolástica* surge, historicamente, do especial desenvolvimento da dialética, onde nesta, Pico della Mirandola foi Mestre. Pico se manteve fiel aos princípios desta nova filosofia, que possuía traços marcadamente *clássicos e helênicos* com influências da *cultura judaica e cristã*. A Escolástica possui uma constante de natureza *neoplatônica*, que conciliava elementos da filosofia de Platão com valores de ordem espiritual, reinterpretadas pelo Ocidente cristão. Surgiu da necessidade de responder às exigências da *fé*, ensinada pela Igreja, considerada então como a guardiã dos valores espirituais e morais de toda a Cristandade. Assim, o Humanismo foi lastreado sob Influências do neoplatonismo, e em idéias filosóficas clássicas com contradições originadas pelo sincretismo de crenças na mitologia, na feitiçaria e astrologia e nas experiências da ciência que ora se iniciava nas primeiras Universidades.

5. Novas relações entre a Igreja e os homens:

Novas relações provocadas por diversos movimentos, como o cisma e a crise conciliar; a heresia e as hesitações do movimento doutrinal e o humanismo cristão; a reforma protestante de Lutero, a reforma da igreja pregada por Calvino; a reforma anglicana e a ética protestante; a contrarreforma e a reforma católica, as inquisições (espanhola, portuguesa e romana), o concílio de Trento; as guerras religiosas na França.

Segundo a Profa. Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo (2012), este período foi influenciado pela filosofia judaica dominante principalmente entre os séculos XI e XII, por pensadores como Isaac Israeli, Salomão Ibn Gabirol, Ibn Hasday e Saadia Al-Fayyumi, com duas linhas de pensamento: alguns, seguidores do Kalam judaico, eram defensores da teologia racional, enquanto outros, adeptos do neoplatonismo, seguiam a filosofia de Filon de Alexandria (10 a.C - 50 d.C), renomado filósofo egípcio do judaísmo helênico, considerado como o primeiro filósofo a tentar uma exegese filosófica, ao interpretar os textos bíblicos a partir da filosofia de Platão, empreendendo uma busca de equivalentes, para postular a existência de uma única verdade expressa de modos diferentes:

Considera-se que a Filosofia Judaica propriamente dita surge com Filon de Alexandria, um judeu helenizado, considerado no âmbito do médio-platonismo, e o primeiro a tentar uma compatibilização entre a filosofia grega e as Escrituras. Seu pensamento foi mais aproveitado pelos cristãos do que absorvido na própria comunidade judaica. Após séculos com pouca expressão propriamente filosófica, o pensamento judaico ressurge com força no Medievo sob o domínio Islâmico (MACEDO, 2012, p. 01).

A relevância cultural judaica na corte de Florença pode ser aferida pelo afresco *A Jornada de Magi*, de Andrea del Sarto, pintado em uma das paredes do *Palazzo Médici Riccardi*, que retrata membros da família Médici e sua corte, juntamente com o filósofo judeu Elia Del Medigo, seguidor das doutrinas de Averróis, considerado à época, o maior conhecedor da filosofia aristotélica e, elaborador de um tratado sobre a filosofia judaica, *Sefer Behinat ha-Dat*, “O Exame da Religião”, publicado muitos anos depois de sua morte, em 1629.

Alguns historiadores creditam que foi com Elia del Medigo, que Giovanni Pico tenha realizado seus estudos da língua hebraica e da Kabbalah, posto defendesse a tese da identidade entre conhecimento filosófico e culto religioso, postulando que o cristianismo fosse uma Filosofia-religião de dimensão mística, absorvida das doutrinas caldaica e hebraica. O Livro do Esplendor, *Sefer há-zohar* e a Kabbalah, afastaram a interpretação dualista maniqueísta dos neoplatônicos, que afiançava o princípio da oposição entre o espírito (o bem) e a matéria (o mal), ao propor um monismo próprio do monoteísmo judeu, que pregava a unicidade da fonte do bem e do mal, muito embora tão somente o bem emanasse da essência divina espiritual.

Do Islamismo, também estudado e acatado por Pico no *Oratio*, surgiu sob a proteção do Corão, o livro sagrado do Islã, a cultura mulçulmana e o Sufismo conhecido como corrente mística, na qual seus adeptos procuravam desenvolver uma relação íntima, direta e contínua com Deus, fazendo uso de práticas espirituais transmitidas pelo profeta Maomé. Segundo Montanelli e Gervaso (1967), o Corão desfia o livro de Isaías, cuja fonte de inspiração foi a hebraica que acabara por atingir também o Cristianismo, quando ambas acordam que Deus é único e supremo; a única discordância, de hebreus e mulçumanos seria a ideia a trindade desse Deus Cristão, no que para eles se constituiria como uma heresia: “[...] o profeta Maomé

afirmara que Alá era o Deus não apenas dos árabes, mas de todos, portanto os fiéis deveriam levar o seu verbo a todo mundo e, de converter a Ele o maior número de pessoas que pudessem” (1967, p.238)

Giovanni Pico finalizou o *Oratio* no ano de 1486, quando o crescimento do Islã no Oriente avultava do Egito até Constantinopla e invadia o Ocidente através da África chegando ao continente europeu, em especial à Itália, com quem constituíra intenso tráfego comercial. Esse momento marca intrinsecamente a história da filosofia ocidental, influenciada que foi, sobretudo pela tomada de Constantinopla pelos turcos no ano de 1453, incidente que levou inúmeros eruditos bizantinos a se refugiarem na Itália, fazendo desta o grande berço de filósofos árabes, bizantinos e judeus, que juntamente com os cristãos inculcaram a filosofia oriental com partes da filosofia platônica e aristotélica. Igualmente, surgiram cientistas com conhecimentos avançados em astronomia, alquimia e astrologia, restaurando o interesse pelo estudo da matemática e pelos numerais hindus, que também influenciaram os estudos da filosofia reinante.

A Escolástica Cristã ao reverberar o islamismo e o judaísmo, se viu em distensão ante o poder Clerical e, por longo tempo ficou confinada a um gueto de intelectuais, estudiosos no âmbito científico/acadêmico, denotados como Orientalistas.

Ernest Cassirer (2001), dessa onda intelectual, destaca a figura de Giovanni Pico, cujo pensamento expressa o confronto entre emissários da tensão moral peculiar ao espírito do movimento renascentista, resultante de uma dualidade que envolvia o livre arbítrio do homem; *voltar-se* ao mundo e ao mesmo tempo dele *se apartar* inteiramente. Nesse momento histórico de renascença, Cassirer aponta que no *Oratio*, a identificação da falta de substância à dignidade do homem, foi condição e sentido para o embate por sua autonomia pela qual o homem

encontraria seus valores, distinguindo-se na natureza, mas para tanto se vendo obrigado a se voltar para ela. Esta querela envolvia o conhecimento de *si* que dependeria do conhecimento do Todo, conquanto o conhecimento desse Todo implicasse a liberdade de não se estar acorrentado em definitivo a quaisquer formas de verdades terminantes.

No parágrafo segundo do Oratio, ao descrever a genealogia humana, Giovanni destaca o homem como um interposto entre as criaturas da natureza e o divino, refazendo o percurso entre o amor celeste e amor terrestre, encontrado no “Alcíbiades e Sócrates” em O banquete de Platão. Muito embora não esteja claro na argumentação de Giovanni Pico, é possível ler entre linhas que o Homem é a mais privilegiada de todas as criações, mais até que os anjos, porque pode escolher o como ser neste mundo. Talvez, não por acaso que o francês Blaise Pascal (1623 – 1662), físico, matemático, filósofo moralista e teólogo, revivesse esse adágio que mostra o homem como um intermezzo entre estes dois extremos: “O homem não é nem anjo nem animal; a infelicidade exige àquele que intente se fazer de anjo, que em besta se conceba”.

Biografia de Pici Mirandulensis

Giovanni Pico della Mirandola, filósofo, erudito neoplatônico e humanista, nasceu em 24 de fevereiro de 1463, em Mirandola no ducado de Modena, Itália, e faleceu obscuramente a 17 de novembro de 1494, em Florença, aos 31 anos. Em 08 de fevereiro de 2008, a *BBC News* noticiou que pesquisadores da Università Degli Studi di Bologna, Pisa e Lecce, teriam esclarecido o mistério de sua morte; a análise de seus restos mortais revelaram que ele foi envenenado por arsênico.

Giovanni Pico teve dois irmãos, Conde Galeotto (1442–1499), que seguiu com a dinastia da família, e

Antonio (1444–1451), general do exército imperial. Os pais, conde Gian Francesco I e condessa Giulia Boiardo, eram senhores do Castelo do Principado de Mirandola, quando no século XIV auferiram do Imperador Sigismundo, soberano do Sacro Império Romano-Germânico, o feudo de Concórdia.

Giovanni Pico, já na infância empolgava por suas dotações intelectuais, com quatorze anos de idade ingressou na Universidade de Bolonha para estudar Direito Canônico e se preparar para a carreira eclesiástica, donde surgiu seu interesse pela Filosofia, Teologia e Filologia; daí passar sete anos em viagem pela Itália e França, onde tomou ciência e iniciou o estudo da Kabbalah, influenciado pelos hebreus Elias de Medigo e Flávio Mitriades. Giovanni Pico, sem abandonar as grandes conquistas da escolástica, se dedicou com avidez ao estudo da *Kabbalah*, por entender a premência do conhecimento das fontes hebraicas e talmúdicas e, do estudo nas principais faculdades de Ferrara, Pádua, Pávia e Paris, resultou que aos dezoito anos de idade, já dominava vinte e duas línguas, com plena fluência em italiano, latim, grego, árabe, aramaico e hebreu, por isso reconhecido como *de omni re scibili*. No rastro do mestre Marsilio Ficino, defendia o sincretismo ideológico, a partir de concepções platônicas em contra ponto às ideias de Aristóteles.

Em suas viagens pela Europa, adquiriu de um impostor cerca de sessenta manuscritos hebreus, os quais conteriam segredos da Natureza e da Religião, supostamente de autoria do escriba judeu Hesdras, filho do sumo sacerdote Seraías, autor bíblico de um dos livros históricos do Antigo Testamento: “[...] tulit quoque

princeps militiae Seraian sacerdotem primum et Sophoniam sacerdotem secundum et tres ianitores”³ (II Reis 25:18).

Estes manuscritos levaram Giovanni Pico a se interessar pelo estudo da Kabbalah e do Talmúd, imbricando esse conhecimento místico-religioso com a filosofia e a teologia, ao ter como objetivo principal conciliar religião e filosofia.

O acatamento a prisca teologia, aliciou Giovanni Pico à Academia Platônica, instituição fundada no século XV em Florença, Itália, formada por um grupo de renascentistas intelectuais, helenizantes e humanistas, que tutelados por Cosimo de Medici, conhecido como “Lourenço, o Magnífico” e, com membros renomados, entre outros Angelo Poliziano e Marsilio Ficino, este que traduzira Platão para o latim. O grupo se propunha resgatar a Academia de Platão da antiga Grécia através de estudos e traduções de textos clássicos:

Como afirma Symonds em *Renaissance in Italy*, Roma tornara-se “uma fábrica de traduções do grego para o latim”. A justificativa era altaneiramente autoevidente. A tradução poderia assegurar que o homem moderno não seria privado da sabedoria e dos benefícios do passado. A *dignitas* da pessoa humana, a realidade transcendente do intelecto humano era asseverada pelo fato de que o mundo novo poderia reconhecer-se na excelência do antigo. Embora suas interpretações fossem amplamente errôneas, Ficino encontrou em Platão um espelho realçador, uma imagem mais esplêndida e, no entanto, totalmente reconhecível dos seus traços e daqueles de seus contemporâneos. Uma humanidade comum tornou a tradução possível (in STEINER, 2005, p.269).

³ O comandante da guarda levou também **Seraías**, o chefe dos sacerdotes Tsefaniáhu, Sofonias o subsacerdote, e os três guardas do portão de entrada.

A união de estudos anteriores com as discussões dentro deste grupo, levou Giovanni Pico de índole eclética, a não tardar em dar mostra de sua identidade; a não dependência exclusiva do pensamento filosófico grego; para tanto estudou profundamente Zoroastro e Moisés, Orfeu e Pitágoras, a teologia Cristã e, especialmente a filosofia Islâmica e a *Kabbalah* Hebraica, para as quais Giovanni alegava conterem a raiz da sabedoria e a síntese entre filosofia, ciência e religião.

Giovanni Pico, pois defendia uma religião humanista e leiga, ou seja, sem interferências clericais e, resultante da fusão do islamismo com o judaísmo e o cristianismo, sob o estro grego. Seu pensamento implicava o homem se desenvolver segundo o arquétipo platônico, recriando-se indefinidamente, no que revive Heráclito de Éfeso (544-484 a.C.), considerado o Pai da Dialética, que afirmava ser o movimento, o princípio e a causa de todas as coisas, as quais não permaneceriam em suas formas originais, não obstante nossos sentidos nos enganarem ao notar a permanência, posto nossa inteligência saberia que tudo está em constante mudança no devir.

Da doutrina de Orígenes de Cesareia (185-253), teólogo e filósofo neoplatônico da patrística, considerado um dos Padres gregos, que afirmava ter a escritura três chaves de interpretação; literal, alegórica e celestial ou oculta, Pico fez uso para escrever seu *Heptaplus* (1480), um relato histórico do Gênesis, sob a forma de um entendimento sétuplo da evolução e da Natureza, desde os reinos elementares até os reinos supramundanos. Em sequência e na mesma linha de pensamento, escreveu *De ente et Uno*, onde elucida inúmeros conceitos contidos nos livros mosaicos, platônicos e aristotélicos e, ainda uma detalhada Apologia na qual defende suas concepções que fundamentou em pensadores gregos, árabes, hebreus e latinos.

Segundo o Professor Alfredo Carlos Storck (2003), durante os séculos XI e XII, teria surgido na escolástica latina medieval um novo tipo de intelectual, que não mais satisfeito com o conceito instituído de cristandade, buscava desenvolver o conhecimento humano em sua totalidade, para tanto assimilaram conhecimentos greco-árabes. Segundo Storck, esses pensadores participavam ativamente de disputas públicas, a *disputatio* que retomava a idéia inicial da dialética aristotélica:

Estas eram precedidas de uma pesquisa que envolvia a *lectio*, basicamente a explicação de um texto observando a uma determinada ordem: leitura em voz alta de uma seção de um texto; apresentação da estrutura do texto, evidenciando sua divisão e colocando em destaque certas frases que mereceriam comentário detalhado; exposição de cada uma das partes com maior ênfase naquelas passagens com maiores dificuldades; discussão em detalhe, normalmente seguindo a forma de uma *quaestio*, de frases ou dificuldades previamente selecionadas (STORCK, 2003, p. 22).

Storck cita que as *quaestiones disputatae* surgiram como desenvolvimento da *quaestio*, que implicitava a importância da prática da *quaestio* como encerramento de uma *lectio*, enquanto a *disputatio* tinha seu início com o mestre propondo um tema (2003, p.22).

Foi com esse espírito que em dezembro de 1486, Giovanni Pico propôs suas *quaestiones disputatae* reprisando um costume acadêmico em voga em Paris, ao elencar suas teses intituladas de *Conclusiones Philosophicae, Cabalisticæ et Theologicae*, com as quais pretendia reconciliar Cristo com Maomé e a Kabbalah, fixando-as nas portas da Cidade Eterna e, a elas creditando o desvelamento dos fundamentos de toda a gnose da humanidade, posto concordassem

conhecimentos do neoplatonismo, do hermetismo e do cabalismo, além de versar sobre lógica, matemática e física.

Giovanni pretendia defender essas teses ante uma corte judicante e, para tanto, ofereceu custear as despesas de doutores teólogos que se dispusessem vir à Roma para confrontar suas conclusões, em uma altercação epifânica. No oratio, Giovanni faz uma introdução retórica respeitosa, chamando a estes mentores de Pais (da sabedoria), referência a Patrística e, acena com proposições filosóficas que viriam, no intuito de despertar o interesse pela dialética, intenção velada neste primeiro momento e que certamente viria num segundo.

A publicação das teses, de cunho revolucionário à época, gerou alarido em Roma, sobretudo no intento de Giovanni em harmonizar Cristo e Maomé, o que obrigou o Papa Inocência VIII, agastado com a possível repercussão desse debate público, a proibir o evento, e instituir uma Comissão de Inquérito, que das novecentas teses, impugnou treze delas: quatro consideradas ousadas e heréticas; outras seis condenadas com menor severidade por dubitabilidade; e, três distinguidas como heréticas. Entre estas, as proposições que referenciavam Orígenes o Pagão (~210 – 280), discípulo de Plotino na Escola Catequética de Alexandria regida por Amônio Sacas, que escreveu um tratado *A cerca dos Demônios*, excomungado por defender a reencarnação e, a que trata da magia e da Kabbalah como uma ciência que prova a divindade de Cristo.

A Igreja convidou Giovanni a se retratar, o que efetivamente fez. No entanto, embora concordasse de início, foi imprudente quando, na pretensão de justificar as objeções, escreveu o opúsculo *Apologia Ioannis Pici Mirandolani, Concordiae Comitibus*, antecipando a refutação de tais teses sem a autorização formal de Inocência VIII, que em agosto de 1487 editou a bula em que rejeitava as teses *in totum*. Destas, na primeira parte do *Oratio*, onde Giovanni trata

da dignidade humana e da paz, consta dezesseis proposições sobre Alberto Magno; quarenta e cinco sobre Tomás de Aquino; doze sobre Avicena; uma sobre Al Farabi; quinze sobre Plotino; nove sobre Jamblico Calcis; cinquenta e cinco sobre Proclo Licio; e, quarenta e cinco sobre a Kabbalah. Da segunda parte, oriundas de seu estudo do orfismo e da magia, constam aproximadamente quinhentas proposições pessoais sobre o entendimento do universo, através do Hermetismo e da Kabbalah; estas foram objeto das maiores críticas por parte da Igreja. A Cúria Romana acusou Giovanni Pico de heresia e, proíbe definitivamente a discussão, obrigando-o a assinar uma carta renúncia às suas conclusões doutrinárias.

Giovanni se evadiu sorrateiramente para Bolonha e depois para a França. O Papa emitiu ordens de captura e, a pedido dos enviados papais, Carlos VIII de França o aprisionou. Da sua prisão, próxima a Lyon, Giovanni Pico foi levado ao castelo de Vincennes, onde recebeu tratamento de recipiendário, enquanto amigos e tutores cogitavam sua desacoimação, o que por fim ocorreu em 1488, por intercessão do rei e do Núncio Apostólico.

Com sua prisão revogada retorna a Florença sob a proteção pessoal de seu suserano, o príncipe florentino Lorenzo de Médici, onde por influência do amigo Girolamo Savonarola, ingressou na Ordem dos Dominicanos. Em 1491 Pico renunciou ao título, à fortuna e, revelou que desejava se tornar um asceta errante e professor, quando em 1492 foi absolvido da acusação de heresia pelo papa Alexander VI.

No *Oratio*, Giovanni dissimula sua concepção de Deus, posto soubesse das eventuais retaliações a que estaria sujeito; seu juízo de deidade implicava uma luz além da consciência finita dos homens; um olhar mais perspicaz reconhecerá por certo um politeísmo obducto no texto, em uma referência ao Deus do Antigo Testamento, que aparenta ter múltiplas personalidades e, por vezes Giovanni acena com uma fusão do Deus cristão com deuses outros da cultura pagã. É de ressaltar que na busca por heresias no

Oratio, à Comissão Papal de Inquérito essa minudência passou absorta.

No final de sua vida, Giovanni Pico relega a ciência profana e, se dedica à defesa do Cristianismo ante as investidas das doutrinas judaica, islâmica e inserções outras da astrologia; parte derradeira de sua obra foi publicada em 1495, em Bolonha, com o título *Disputationes Adversus Astrologiam Divinatricem*.

Em 17 de novembro de 1494, quando contava com 31 anos de idade, fenece Giovanni Pico della Mirandola; enterrado em San Marco, quando então seu amigo Savonarola, após o funeral, de imediato disponibilizou o *Oratio* ao mundo.

Seu sobrinho, o também filósofo Giovanni Francesco Pico della Mirandola, escreveu uma detalhada biografia de Giovanni e, efetivamente a 20 de Março de 1496, os prelos da gráfica *Benedictus Hectoris* em Bolonha, estamparam a histórica coletânea de escritos de Giovanni Pico, conhecida inicialmente como *Elegantissime Epistolae* e, posteriormente renomeada por *De Hominis Dignitate Oratio*, introito peremptório às suas novecentas teses; corpus traduzido nesta tese.

Filosofia do Oratio

O *Oratio* de Giovanni Pico della Mirandola, considerado “*il manifesto del Rinascimento*”, fez de seu autor o idealizador da *Pax Philosophica* e, se tornou a tônica do século XV e do Renascimento ao fundir a metafísica e a ética, fundamentando-as na liberdade de escolha do homem, fator determinante à dignidade essencial da criação divina. O *Oratio* preconiza que somente a dialética harmonizaria as filosofias díspares, ao conciliar ciência e religião, no sentido de que desvela o cerne de todos os sistemas. Giovanni, como seu mestre Marsilio Ficino, utilizou no *Oratio*,

principalmente concepções de Platão e de fontes hebraicas e talmúdicas, na busca pela essência do humanismo cristão, a partir de uma visão metafísica e neoplatônica do universo, como a grande cadeia que emana de Deus.

Marsilio Ficino retratou seu pensamento filosófico na obra *De Immortalitate Animorum*, onde trata da imortalidade da alma; nesta, exalta o Homem como um micro-universo, um microcosmo como complemento do macro-universo, o macrocosmo. Derivou este conceito à concepção simbólica da natureza, na qual cada uma das partes do universo retrataria seu todo, concepção extraída da medicina grega clássica e de doutrinas filosóficas antigas como o estoicismo e o epicurismo, que conjecturavam a correspondência entre o corpo humano e seus membros às partes constitutivas do universo.

Segundo a Professora Silvia Alejandra Manzo (2006), esta antiga doutrina na qual o mundo – o macrocosmo e, o interior do homem – o microcosmo, mantém entre si uma relação de reflexo mútuo, que durante o humanismo neoplatônico do Renascimento ganhou renovada adesão, com contribuições provenientes da magia, da Kabbalah, do hermetismo e da alquimia. Igualmente Giovanni Pico defendia a tese da identidade entre conhecimento filosófico e culto religioso, acreditando que o cristianismo fosse uma Filosofia-religião, com elementos da magia, provindos da doutrina caldaica e da Kabbalah da doutrina hebraica.

A partir da concepção de Ficino, onde as correspondências entre as partes que compõem o todo são descritas em termos de antipatias e simpatias, semelhança e dessemelhança, atração e repulsão, Giovanne Pico estabeleceu sua visão no *Oratio*, na qual o homem em sendo um microcosmo, conteria todos os elementos do macrocosmo e desta forma seria constituído dos elementos das três ordens desta realidade: o mundo intelectual

(divino); o mundo celeste (dos astros) e o mundo elementar (terrestre).

Para William Wilson, o homem vive numa eterna busca deste seu microcosmo, de seu *Eu* e de seus domínios. No prólogo da obra “A Tagédia: O homem – Edgar Allan Poe”, de Heriberto Arns, Wilson ao tratar dos grandes acontecimentos interiores, escreve: “[...] do mistério de sua existência, de seu próprio Eu. A existência já não é apenas o mistério do cosmos, mas de seu microcosmo, o mundo dos grandes movimentos interiores” (1959, p.19).

Huberto Rohden, filósofo catarinense, também coloca o homem nesta condição de um microcosmo, e como tal questiona: “por que este não refletiria o macrocosmo?” (ROHDEN, 2007, p. 14). Assim entendido, o macrocosmo concebido como totalidade vivente e pulsante, é uma unidade espiritual indissolúvel, na qual suas partes também estão animadas desta pulsação. Desta conceituação, é possível inferir que a natureza humana ocupa no *Oratio* um lugar especial, encerrando em *si*, uma parte da concepção organicista do mundo como representação de toda a criação divina.

Pico ao integrar os sentidos de micro e macrocosmo, em sua busca pela dignidade do homem, caminha em direção à vida potencial na qual o homem, composto de *Logos e Ratio*, é agido pelo Infinito e age nos finitos. O seu *Heptaplus*, um discurso que trata dos sete dias de criação do mundo, apresenta uma exposição místico-alegórica de acordo com os sete sentidos bíblicos; cinco sentidos físicos, o tato, o olfato, o paladar, a audição, a visão, e dois sentidos metafísicos, o psicológico e o espiritual. Da segunda parte do próêmio do *Heptaplus*, consta um comentário sobre *Gênesis*, onde se lê: “É uma expressão comum nas escolas afirmar que o homem é um microcosmo, cujo corpo é uma mistura de elementos, incluindo o espírito celestial, a alma sublimada, os sentidos de brutos, a razão, a mente angelical e, a imagem de Deus”

(Garin, 1942, p.193, *in* UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BOLOGNA).

Giovanni Pico, escreveu *De ente et uno*, com explicações de várias passagens dos livros mosaicos, platônicos e aristotélicos. Por tanto, é considerado o primeiro erudito cristão a mesclar elementos da doutrina cabalística e teologia cristã, dado que o *Oratio* se constitua em marco fundamental do século XV, ao propor a dialética como fonte de harmonia das filosofias díspares, ao sintetizar ciência e religião, e desvelar o cerne de todos os sistemas.

Com o *Oratio*, Giovanni Pico introduziu na Renascença o conceito de liberdade de escolha ao homem arquetípico, que fundiria a metafísica com a ética, ao se basear no alvedrio como fundamento da dignidade essencial do homem, na estrutura do cosmos. O método de realizar esta possibilidade divina se daria pela Tríade Superior, de fundamental importância na vida e na evolução do ser humano: a meditação, a inteligência intuitiva e a compaixão. Daí a essência do *Oratio*:

[...] para que tu, **livremente**, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria, segundo teu desejo e resolução. Você poderá se degenerar e se transformar em ser inferior, aquele considerado irracional; mas poderá se regenerar de acordo com sua decisão, e aproximar-se dos seres superiores que são divinos (MIRANDOLA, *in* *Oratio*).

A ideia de que o homem poderia ascender à cadeia dos seres, pelo pleno exercício de sua capacidade intelectual, foi uma profunda garantia de dignidade à sua existência peculiar na vida terrestre, dado que ao tempo de Giovanni Pico, à extensão dada ao vocábulo *homo* se designava o homem singular.

Giovanni distinguia o homem entre as criaturas divinas, como um interposto, descendente das superiores e soberano das inferiores. Ao posicionar e dimensionar o homem na natureza; revive a antilogia *Mensura Principium Hominibus* do sofista Protágoras de Abdera, para quem o único critério seria tão somente o homem singular, distinção em relação aos outros seres, por não ter um assento próprio, conforme retratou em seu conhecido axioma: “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são”. Esta máxima expressa a liberdade do homem que, sem imposições deve moldar a si próprio, escolher ser segundo a sua natureza.

Burckhardt (1991) distingue Giovanni Pico e, ao escrever sobre o humanismo, lamenta a lassidão da filosofia italiana, posto a Contra Reforma tivesse aniquilado a vida espiritual superior do povo. Para Burckhardt, Giovanni foi o único a defender alta e vigorosamente a verdade e a ciência de todas as eras, contra a adoração unilateral de seu tempo:

Ele sabia valorizar não apenas Averrois e os estudiosos judeus como também os autores escolásticos da Idade Média, de acordo com o tema de seus escritos. Numa de suas obras, ele os faz dizer: “Viveremos para sempre, não nas escolas dos caçadores de palavras, mas no círculo dos sábios, onde se conversa não sobre a mãe de Andrômaco ou os filhos de Niobe, mas sobre as causas mais profundas das coisas divinas e humanas; aquele que procurar bem verá que mesmo os bárbaros tinham inteligência (*mercurium*), não na língua, mas no peito”. Ele mesmo, escritor em latim vigoroso e nada deselegante, mestre da clara exposição, desprezava o purismo dos pedantes e a atual valorização excessiva de formas tomadas por empréstimo, especialmente quando estas se unem, como muitas vezes acontece, à

unilateralidade e involucram a indiferença pela verdade mais ampla das coisas em si (BURCKHARDT, 1991, p. 120).

Para Giovanni Pico, a raiz da dignidade residiria exatamente na afirmação de que somente os seres humanos poderiam mudar a si mesmos por seu livre-arbítrio. Giovanni observou na história humana que filosofias e instituições estão sempre evoluindo, fazendo da capacidade de autotransformação do homem a única constante.

Pico entendia que a demonologia promovida na Idade Média constituiria uma deterioração do *Sanctum Sanctorum*, equivalente latino do nome que os judeus davam à parte mais íntima do templo. Este termo era empregado para designar um lugar interdito aos profanos: “Bem-vindos, meus amigos! Estaremos talvez, mais à vontade no meu quarto de estudo! Por aqui! Há um degrau, cuidado! Eis o meu *Sanctum Sanctorum!*...” (EÇA DE QUEIROZ, *O Primo Basílio*, cap. VIII, apud Rónai, 1980, p.159).

Pico, embora fiasse na magia derivada do sortilégio, admitia a existência de outro encantamento mais elevado, extraída da filosofia natural no *Sympatheion*; harmonias simpáticas ou ressonantes que ligam os espíritos da terra às imagens celestiais e às potências verdadeiramente espirituais. Para Giovanni Pico, na filosofia natural, o homem se defronta com a meditação e a magia, como chaves para sua autotransformação, que reitera à iniciação um profundo estudo, dado possuamos natureza dupla, uma que nos atrai para os reinos divinos e comuns ao ser, e outra, onde o homem é precipitado na profundidade das esferas inferiores em um reino gerido pela cizânia.

Giovanni Pico via a magia natural como uma purificação, que transcenderia o reino astral até um *plenum* supracelestial e, para a esta adentrar se demandaria além da vontade própria da perfeição moral e espiritual, um denso conhecimento místico, cuja prática faria o homem se tornar

invulnerável no mundo e imortal na consciência, por isso nos convida a subir a escada de Jacó: “[...] videntque in somnis scalam stantem super terram et cacumen illius tangens caelum angelos quoque Dei ascendentes et descendentes per eam [...]”⁴ (Ge 28: 12).

No Oratio, Giovanni Pico considera que para o homem adentrar o augusto templo da verdade, que ilumina toda alma que vem a este mundo, seriam necessários obedecer a três *Preceitos Delphicos*. O primeiro é **nada em demasia**, posto que a moderação harmonizasse a mente e o corpo daqueles que aspirem ao conhecimento espiritual. No segundo, a genialidade de Giovanni Pico adentra a *sciencia* da psicologia, ao reviver a máxima contida no *Delphos Oraculum*, tão aludida por Sócrates: **Nosce te ipsum**⁵. O conhecer a *si-mesmo* de Giovanni não indica o mero conhecimento de si, como aptidões, caráter, temperamento, afeições, mas refere à gnose da alma, para que o homem viva de acordo com a sua natureza e ocupe o

⁴ E sonhou: e eis uma escada posta na terra, cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela [...].

⁵ Michel Foucault a partir de seu curso envolvendo Subjetividade e verdade de 1981 (*in* A Hermenêutica do Sujeito), ao ressaltar a noção de “cuidado de si mesmo” (*epiméleia heautoû*) e, as relações entre sujeito e verdade, considerou a noção de *epiméleia heautoû* como sobrepujada pela prescrição delfica do “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*), entendida como fundadora das relações entre sujeito e verdade. Foucault cita Roscher (1901), que estabelece os três preceitos do “conhece-te a ti mesmo”, a serem rememorados no ato da consulta ao Delfus:

- 1) nada em demasia: tu que vens consultar não coloques questões demais, reduzi ao necessário as questões que queres colocar;
- 2) quando vens consultar os deuses não faças promessas que não poderás honrar;
- 3) no momento em que vens consultar o Oráculo olha bem pra ti mesmo, examina em ti mesmo as questões que queres colocar, reduza ao máximo aquilo que queres saber.

lócus que lhe é devido, abaixo daquele a quem deve se submeter, acima do que ela deve dominar, ou seja, acima do corpo e abaixo de Deus. O terceiro seria **Tu és Atma**, o espírito universal que habita todo homem, indicando que Deus é o Todo e, que nesse se encontra toda a natureza, tal que Deus e sua Creação seriam a unidade. Enaltecer o homem como criatura de Deus, feito à sua imagem e semelhança, foi uma constância na cristandade, no entanto se acreditava que devido ao pecado original, este ser humano ao aportar neste mundo chegasse perdedor desta dignidade primitiva.

O Discurso à Dignidade do Homem foi o marco que firmou a nova posição do homem na Europa pré-renascentista, obra na qual se vê o homem através da imagem de Deus. Pico faz uso da magia tanto quanto da Kabbalah para justificar sua tese, pela qual o homem poderia controlar seu destino ao utilizar seus predicados de gênese, posto que a natureza humana fosse em *si* indeterminada e fraca, do que resultaria construir sua identidade pela pluralidade das culturas humanas. Pico exalta o homem à liberdade e à capacidade de saber e dominar a realidade em sua totalidade; foca sua obra aludindo ao projeto de construção do ser humano, que não possuindo nenhuma imagem determinada *a priori*, não teria outro caminho a não ser aquele que o destino lhe impôs, procurar a própria culminância.

Todavia, a glorificação humana não foi exclusiva do Renascimento, posto que a cultura grega já o tivesse feito em várias circunstâncias e momentos. O distintivo do movimento renascentista foi integrar a dignidade humana à liberdade, onde a fundamentação do argumento de Giovanni Pico consistia em provar que Deus não dera ao homem, como o fez as demais espécies, uma natureza fixa, ao contrário, dotou-o da benéfica de seu fadário eleger, poderia se inclinar em direção à animalidade ou se elevar na

direção do eminente excelso para se aproximar das coisas divinas.

Após ser alocado no centro do Universo, o Creador lhe falou:

Não te dei, Adão, um aspecto que lhe seja único, nem um lugar para assentar, nem um dom peculiar, para que tua face, teu lugar, teu dom, deseje-os, conquiste-os e os possua segundo teu juízo e tua decisão. As naturezas outras são pré-definidas e contidas em nossas leis. Tu, não submetido a quaisquer limites, só mercê do arbítrio que em tuas mãos coloquei, definas a ti próprio. Alocado no meio do mundo, poderá mais facilmente apreciar tudo quanto está à sua volta. (MIRANDOLA, *in* “Oratio Hominis Dignitate”, 1496).

Wolfgang Kersting (2005) faz uso do texto *ex-reflecto* para afirmar que Giovanni Pico mostrou a deplorada deficiência do humano em seu apresto natural, mas que na verdade esta seria uma vantagem inestimável, posto que o Creador por conta do nada dado lhe compensara com a mesura desmedida da liberdade, podendo sem quaisquer fixações naturais, dispor de toda a natureza tanto exterior quão interior, para plasmar de contínuo a sua imagem. Kersting contrapõem a política encontrada no *Príncipe* de Maquiavel à metafísica do *Oratio* de Giovanni Pico, posto que a obra de Maquiavel tivesse complementado a obra libertadora de Giovanni Pico, ao ampliá-la à cultura, à sociedade e à história:

Se Mirandola emancipa o ser humano de todas as predeterminações ontológicas, de toda definição substancial que o comprometa normativamente, Maquiavel, por sua vez, o liberta da constituição moral tradicional, de todos os grilhões da sociedade tradicionalista, em termos de ética das virtudes (KERSTING, 2005, p.11).

Observação relevante deparou Gershom Scholem (1972), que recorre à concepção cabalística de Issac Luria, para advertir que o Adão citado por Giovanni Pico no *Oratio*, rigorosamente não é o da tradição bíblica, mas sim *Adam Kadmon*, a primeira criação a surgir espontaneamente no vazio metafísico, a ocupar o centro do cosmos, por isso evidenciado na Kabbalah como o Homem Primordial. Scholem esclarece que o Adão da Bíblia é *Adam Há-Rischon*, que no plano antropológico derivaria de *Adam Kadmon*, o homem primevo em seu sentido ontológico: “[...] o drama do *Adam Kadmon* no plano teosófico, encontra repetição e paralelo no do *Adam Há-Rischon*” (SCHOLEM, 1972, p. 282).

O postulado de Scholem faz refletir a forma canônica do matemático francês Marie Ennemond Camille Jordan (1838 – 1922); uma forma de representar a matriz, o *Adam Kadmon*, através de outra matriz semelhante à original, o *Adam Há-Rischon*. Segundo Scholem, *Adam Kadmon* nada mais é que a primeira configuração de luz divina, a primeira e mais alta forma pela qual a Divindade se manifesta (1972, p. 268).

O *Adam Kadmon* também é referenciado nos *Upanishads*, como o sopro vital do Eterno, a primeira criação do cosmos, composto de elementos que viriam a se tornar o mundo. Na tradição Hindu, este homem é identificado com o todo do universo ou com a essência de todas as coisas. Nos *Upanishads*, em *Isha* encontramos:

A Vida no mundo e a vida no espírito não são incompatíveis. O trabalho, ou a ação, não é contrário ao conhecimento de Deus, porém, na verdade, se realizado sem apego, é um instrumento para ele. Por outro lado, a renúncia significa renúncia do ego, do egoísmo - não da vida. A finalidade, tanto do trabalho como da renúncia, é conhecer o Eu interiormente e Brahman

exteriormente, e perceber sua identidade. O Eu é Brahman, e Brahman é tudo (PRABHAVANANDA, MANCHESTER, 1987, p.10)

Giovanni Pico foi pioneiro na proposição de uma concepção de liberdade, que frutificasse a partir do livre arbítrio do homem primígeno, ao vê-lo como um hierofante que media o mundo para controlar seu destino através da ciência da natureza e, que busca no amor pela sabedoria, uma fonte para a verdadeira religião que volta às Antigas Fontes da humanidade. No início do *Oratio*, Giovanni Pico é contundente ao precisar o homem como uma obra a priori indeterminada, alocado por Deus no centro do Universo, com a capacidade e a responsabilidade de sua co-criação no definir a *si*:

Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, para que tu, **livremente**, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria, segundo teu desejo e resolução. Você poderá degenerar-se e transformar-se em ser inferior, aquele considerado irracional; mas poderá regenerar-se de acordo com sua decisão, e aproximar-se dos seres superiores que são divinos (**g.m.**) (Mirandola *in Oratio*).

O historiador italiano Delio Cantimori (1980) alerta para um estranhamento, que parece comprovar a ideia do *Adam Kadmon*: “É peculiar e muito expressivo que no célebre *Oratio*, Giovanni Pico ao fazer o Altíssimo falar a Adão, não dê destaque às Instituições Eclesiásticas. Quão não menos significativo é que se situe todo o fundamento do raciocínio piconiano em um período mítico anterior à queda de Roma” (**m.t.**) (1980, p. 156).

Todo o *Oratio* é perspassado pela ideia do Homem como uma criação distintiva e excepcional. Logo no

primeiro parágrafo, Giovanni trata da existência do Homem como um grande milagre, recorrendo a *Asclepius* em latim ou *Esculapio* em grego, o Deus da medicina, consubstanciado no argumento de Hermes Trismegistos, quando admirado expressa: «Magnum, o Asclepi, miraculum est homo».

A asseveração de Giovanni Pico secundou a do dramaturgo grego Sófocles (496 - 406 a.C), que também assinalou o homem como o grande milagre da Criação e, humanistas outros, que igualmente assim predicavam, a partir de tratados herméticos e da Kabbalah. Nas representações de *Antígone*, o coro recitava pungente:

Numerosas são as maravilhas da natureza, mas de todas, a maior é o Homem! Singrando os mares espumosos, impelido pelos ventos do sul, ele avança, e arrosta as vagas imensas que rugem ao redor! Ge (Gaia), a suprema divindade, que a todas as mais supera, na sua eternidade, ele a corta com suas charruas, que, de ano em ano, vão e vêm, revolvendo e fertilizando o solo, graças à força das alimárias! (SÓFOCLES, 1996, p. 164).

No Oratio, Giovanni aponta para um estatuto de autonomia da *recta ratio*, da qual a *philosophia* não é *ancilla* da *theologica*; bem ao contrário estabelece entre as duas uma concórdia harmoniosa, através da concepção de *homo magnum miraculum*, um universo contracto, em sua integral dignidade. O Discurso, portanto, não refere um mundo utópico, mas um factível.

Giovanni Pico embora estivesse com um pé na Idade Média e o outro no Renascimento, infelizmente, a brevidade de sua vida não lhe permitiu vivenciar os resultados da reforma renascentista, tampouco o Mundo Novo dela advindo.

Tradução

anotada e comentada

DE HOMINIS
DIGNITATE ORATIO
Ioannis Pici Mirandulensis
Concordiae Comititis (1487)

DISCURSO PELA
DIGNIDADE DO
HOMEM
Giovanni Pico

DIGRESSUS PRIMUM

§ 1.

1. Legi, Patres colendissimi, in Arabum monumentis, interrogatum Abdalam sarracenum, quid in hac quasi mundana scena admirandum maxime spectaretur, nihil spectari homine admirabilius respondisse.

§ 1. A existência do Homem como um grande milagre.

1. Pais veneráveis! Li em fontes árabes arcaicas que ao interrogarem o sarraceno Abdala⁶, sobre que o que existiria de mais admirável, notadamente na atividade mundana e, ele considerou que nada mais

⁶ Ao citar fontes antigas árabes, Pico não cita, mas sabe estar respaldado em orientações de seu mestre Flavius Mithridates, com quem fez seus estudos desta cultura. Da identidade de Abdallah foram criadas diversas hipóteses. Frequentemente os árabes se referem à Abd-Allâh como um servo de Deus. No entanto, é possível que Pico esteja se referindo a Abd-Allâh Ibn al-Muquaffâ, escritor de origem persa (718 – 775 a.C.), conhecido pelas versões que fez para a língua árabe de obras medo-persas (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*). Eu poderia ter traduzido literalmente a palavra *Patres* por “pais”, mas o fiz por **Mestres**, para mostrar o grau de reverência que Pico dedicava àqueles que detinham o poder do saber intelectual.

maravilhoso que o homem existiria.

2. Cui sententiae illud Mercurii adstipulatur: «Magnum, o Asclepi, miraculum est homo».

2. Esta máxima é coerente com outra célebre, de Hermes Trismegistus: *Oh! Asclépio⁷ que grande milagre⁸ é o homem.*

§ 2.

§ 2. A genealogia humana

3. Horum dictorum rationem cogitanti mihi non satis illa faciebant, quae multa de humanae naturae praestantia

3. Sobre este aforismo deífico, que mostra a abundante prestância da natureza humana⁹, a minha

⁷ *Asclepius* em latim e *Esculapio* no grego é o Deus da medicina, filho de Apolo e Coronis, deus de cura, do qual acreditavam os gregos, descendia o próprio **Hipócrates**, que tratava seus doentes fazendo-os ouvir cânticos considerados mágicos, mas, também relacionado ao **Imothep** egípcio. Pico está fundamentado em escritos à prova d'água de origem neo-pitagórica abordando uma doutrina atribuída ao grego **Hermes Trismegisto**, o inventor da escrita, que na mitologia romana era conhecido por Mercúrio. Trata-se de um complexo de conhecimentos arcanos entendidos como sapiência celeste, que são atribuídas ao deus Thot, 2000 anos antes da era cristã. Estão no grego e no latim e são citados provavelmente entre o I e III século d.C. Estes escritos foram traduzidos por **Marsilio Ficino**. Trismegisto ensinava aos seus discípulos que a essência do Universo era o próprio espírito, a racionalidade. Assim, servia aos princípios do Humanismo (*apud* ROHDEN, Huberto. **A Filosofia da Arte**. 1966, p.14).

⁸ O **Grande Milagre** é uma referência clara ao **homem animado**, entre outros seres da natureza, a quem se deveria adoração e honra, em face de sua distinção pelo próprio projeto divino, Porém, veladamente, é um intratexo que mostra uma contestação social e religiosa que vai permear todo o discurso de Pico.

⁹ Neste trecho fiz questão de respeitar o dito de Pico, quando afirma que o ser humano é um ser inacabado, e que se modela pela liberdade

afferuntur a multis: esse hominem creaturarum internuntium, superis familiarem, regem inferiorum; sensuum perspicacia, rationis indagine, intelligentiae lumine, naturae interpretem; stabilis evi et fluxi temporis interstitium, et (quod Persae dicunt) mundi copulam, immo hymeneum, ab angelis, teste Davide,	razão é incapaz de ajuizar. Dentre as criaturas o homem é um interposto ¹⁰ ; descendente das superiores e, soberano ¹¹ das inferiores, de senso perspicaz, sua razão ilumina o intelecto na interpretação da natureza ¹² ; é um intervalo estável no fluxo temporal e ainda (como dizem os Persas ¹³) a união vivente ¹⁴ deste
---	---

de escolha. Logo ele mesmo haveria que demonstrar sua não competência no tema que se propunha discutir, para justificar sua tese.

¹⁰ Pico está se referindo especificamente à idéia do homem como o microcosmo de Ficino, que considerava o homem como coletor por si próprio de todos os elementos e, assim seria **mediador e intérprete** de todas as coisas, inclusive de si próprio (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

¹¹ Optei por traduzir **regem** como soberano e não por **rei**, posto que a soberania não implique necessariamente na posse de um reinado.

¹² William Shakespeare, muito provavelmente deve ter lido Giovanni Pico, posto tenha escrito: “Que obra de arte é o homem: tão nobre no raciocínio; tão vário na capacidade; em forma e movimento, tão preciso e admirável, na ação é como um anjo; no entendimento é como um Deus; a beleza do mundo; o exemplo dos animais” (Trecho da obra **Hamlet**).

¹³ Praticamente toda a tese de Pico se sustenta a partir de um conhecimento que adquiriu ao acessar o **Caldaici de Oracoli**, um escrito místico-religioso creditado aos persas, que contém uma doutrina filosófica sagrada da Babilônia provavelmente do século II. Esse Oráculo Caldeu se constitui de fragmentos de um poema misterioso que dá instruções para a iniciação na filosofia divina com métodos da união mística.

¹⁴ *Mundi Copulam* poderia ter traduzido por himeneu do universo, mas fiz a opção por união vivente, para conservar o caráter do *lebenswelt*, sentida na sua racionalidade, o que dá a devida distinção aos humanos, conforme o ideário de Pico.

paulo deminutum.

mundo com os anjos¹⁵;
pouco inferior a estes
como testemunha David¹⁶.

¹⁵ É de profunda essência e altamente espiritual, a **verdade não objetiva** (pura fenomenologia) do poema põe em proeminência um mundo no qual o termo inteligível foi usado a fim de indicar que a compreensão humana é estendida. Falam aproximadamente em um Princípio supremo, "pai", "mente" ou "fogo" como origem de tudo. O princípio supremo era pensamento "*primeiramente, indestrutível, eterno, indivisível, um nada similar a nenhuma outra coisa, distribuidor de beleza, de toda a bondade e a todo aquele de Infinita prudência...*" o maior símbolo do poder da divindade foi chamado **fogo sagrado**". Observa-se ainda o sentido da sucessão hierárquica das entidades da criação, situando os homens **logo abaixo** dos **anjos.**, consoante os **Salmos Bíblicos 8, 5-8**: *O que é o homem, para dele te lembrares? O ser humano, para que o visites? Tu o fizeste pouco menos do que um Deus, e o coroaste de glória e esplendor. Tu o fizeste reinar sobre as obras de tuas mãos, e sob os pés dele tudo colocaste: ovelhas e bois, todos eles, e as feras do campo também...*

¹⁶ Do parágrafo 3 consta: *Horum dictorum rationem cogitanti mihi non satis illa faciebant, quae multa de humanae naturae praestantia afferuntur a multi* (minhas razões... penso não serem suficientes para concluir muito a respeito da superioridade da natureza humana). Neste trecho fiz questão de respeitar o dito de Pico, quando afirma que o ser humano é um ser inacabado, e que se modela pela liberdade de escolha. Logo ele mesmo haveria que demonstrar sua não competência no tema que se propunha discutir, para justificar sua tese. Entendemos que esta contemplação seria um resgate de um dos elementos da essência a ser preservada nesta tradução. Esta essência se apresenta como um legítimo a ser considerado durante todo o processo tradutório desta obra, ante o risco da tradução colocar o autor em oposição com sua própria tese. Observa-se, em Pico, o sentido da sucessão hierárquica das entidades da criação, situando os homens **logo abaixo** dos **anjos**: *Quid est homo quod memor es eius aut filius hominis quoniam visitas eum et constituisti eum super opera manuum tuarum [...]* (O que é o homem para lembrá-lo? São frequentemente filhos de Adão, pouco menos que os anjos; a eles coroastes com glória e honra, deste-lhes poder sobre as obras de vossas mãos, vós lhe submetestes todo o universo) (Sl de Davi, VIII 4-6).

§ 3.

4. Magna haec quidem, sed non principalia, idest quae summae admirationis privilegium sibi iure vendicent.

5. Cur enim non ipsos angelos et beatissimos caeli choros magis admiremur?

6. Tandem intellexisse mihi sum visus, cur felicissimum proindeque dignum omni admiratione animal sit homo, et quae sit demum illa conditio quam in universi serie sortitus sit, non brutis modo, sed astris, sed ultramundanis mentibus invidiosam.

§ 3. Homem! Venturoso ser vivente

4. Certamente é algo magnífico, mas não razão capital, para privilégio à tão alta admiração.

5. Pois, não deveríamos admirar mais os anjos e os beatíssimos coros celestiais¹⁷?

6. Afinal compreendi minha visão, o porquê do homem ser o mais afortunado dos seres animados, o mais digno de admiração; na hierarquia do universo é invejado não só pelos ignorantes, mas também pelos astros e pelos espíritos

¹⁷ A centralidade foi a Tese fundamental de *Theologia Platonica* de Marsilio Ficino, que de um lado coloca o espírito entre a matéria, e de outro a qualidade dos seres, entre inteligências angélicas e Deus. Pico, embora refém desta tese, intenta que a vocação da creatura humana não é submeter-se *estaticamente* (crítica velada ao domínio da igreja) ao uso desta centralidade, mas no ato instintivo de cruzar o mundo das imagens pré-configuradas, até a assimilação do absoluto de *si*, sem imagens instituídas, a partir de sua própria origem e destinação. Muito provavelmente retira este ensinamento do Homem do Mito da Caverna da obra República de Platão (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

supramundanos¹⁸.

7. Res supra fidem et mira.

7. Coisa incrível e miraculosa!

8. Quidni? Nam et propterea magnum miraculum et admirandum profecto animal iure homo et dicitur et existimatur.

8. Porque não? Efetivamente por isso, o homem é o grande milagre; admirado por quão extraordinário ser animado.

9. Sed quae nam ea sit audite, Patres, et benignis auribus pro vestra humanitate hanc mihi operam condonate.

9. Pais! A mim concedam atenção, mas aquilo que ouvirem o façam com indulgência ante vossa humanidade.

§ 4.

§ 4. Deus um arquiteto sem arquétipos

10. Iam sum[m]us Pater architectus Deus hanc quam videmus mundanam domum, divinitatis templum augustissimum, archanae

10. Logo, o supremo Deus, Mestre arquiteto de tudo que jaz no mundo, o venerável templo da divindade, o construiu com

¹⁸ Quando Pico fala de um lugar privilegiado, apresenta uma idéia de destino não ligada ao conjunto de acontecimentos aleatórios, que independente da vontade se produz na vida humana, mas sim às teorias do estoicismo, onde **Crisipo** afirma ser o destino “*um poder espiritual que, por ordem governa e, administra todo o universo*”. Isto indica uma razão segundo a qual o mundo é dirigido, tem uma direção, e esta reservou ao ser humano uma das mais altas categorias na execução desse projeto, porque Ele seria o construtor, Arquiteto do Templo do Universo; Ele é o *Verbum Sapienti*.

legibus sapientiae
fabrefecerat.

leis da arcana Sapiência¹⁹.

11. Supercelestem regionem
mentibus decorarat; ethereos
globos aeternis animis
vegetarat; excrementarias ac
feculentas inferioris mundi
partes omnigena animalium
turba completrat.

11. Ornamentou com
inteligência a região
Supraceleste; animou o
globo etéreo de movimento
ao fertilizar as partes do
mundo inferior com
excrecências e, ademais
todas as espécies que
abunda a vida animal.

12. Sed, opere consumato,
desiderabat artifex esse
aliquem qui tanti operis
rationem perpenderet,
pulchritudinem amaret,
magnitudinem admiraretur.

12. Mas, finda a obra, o
Artífice desejou apreciar a
razão de tanto trabalho,
alguém que pudesse amar a
sua beleza de toda a
criação e admirar a sua
grandeza.

13. Idcirco iam rebus
omnibus (ut Moses
Timeusque testantur)
absolutis, de producendo
homine postremo cogitavit.

13. Incondicionalmente,
após tudo concluído (como
atestado em Moisés²⁰ e no
Timeu²¹) cogitou conceber
o homem.

¹⁹ Pico está referindo o mistério da sapiência divina nas leis que regem o todo do universo: [...] Deus omnia in omnibus (*Deus seja tudo em todos*) (**I Co**, 15:28)

²⁰ [...] igitur perfecti sunt caeli et terra et omnis ornatus eorum (Então estando terminado os céus e a terra, ornamentou-os todos) (Gn, II:1)

²¹ Pico faz alusão **unívoca** para a criação, utilizando a citação de Platão no Timeu e a fonte bíblica através da figura de Moisés. À Bíblia, a criação é uma sucessão de atos criativos que já colocam o Adão no centro de uma criação completada. Em **Gênesis 1**, a narrativa da criação é um poema que contempla o universo como criatura de Deus.

14. Verum nec erat in archetipis unde novam sobolem effingeret, nec in thesauris quod novo filio hereditarium largiretur, nec in subselli[i]s totius orbis, ubi	14. Na verdade, dos arquétipos existentes não se fez a nova progenia, tampouco os novos filhos herdaram tesouros e assentos que lhe fossem
--	---

Foi escrito pelos sacerdotes no tempo do exílio na Babilônia (586-538 a.C.) e procura salientar vários pontos: que existe um único Deus vivo e creador, que a natureza não é divina, nem está povoada por outras divindades, que o ponto mais alto da criação é a humanidade, e que esta é chamada a dominar e transformar o universo, participando da obra da criação. Em **Gênesis 2**, a única condição imposta ao homem é obedecer ao seu projeto de vida. A idéia de Pico sobre um Deus que fala à sua última criatura é bíblica e/ou tirada da obra Solilóquios de Aurélius Agostinho, **mas a interpretação dessa conversa é bem diferente**. Em vez de proibir ascensão à árvore de conhecimento, para Pico há o convite para dirigir o desejo, o conhecimento e o ser inteiro da pessoa para uma possível meta mais alta. E, é nisto que reside a vocação humana, e não na limitação de suas possibilidades através da proibição em comer um fruto proibido. O tema é Bíblico, embora o homem de Pico não seja creado à imagem de Deus, por isso o chama de natureza **indeterminada**, e não tem uma imagem predefinida, mas sim uma imagem inseparavelmente unida à obra divina. A idéia de Pico de soberania sobre todas as coisas coincide com a de **Genêsis 2**. No **Timaeus** o homem de **Platão** é criado como o último dos seres, como uma mistura de mortalidade e imortalidade; em **Protágoras** o mito da criação de **Epimetheus**, inclui uma condição de imperfeição e de necessidade. Esses mistérios antigos não deixaram de existir quando o Cristianismo se tornou a religião mais poderosa no mundo. O grande **Pan** não deixou de existir, e a Maçonaria é a prova da sua sobrevivência. Os Mistérios pré-cristãos assumiram, simplesmente, o simbolismo da nova *fé*, perpetuando por meio dos seus símbolos e alegorias nas mesmas verdades que possuídas pelos sábios desde o principio do mundo. Não há, portanto, uma verdadeira explicação para o fato de símbolos cristãos encerrarem em si o que é escondido pela filosofia pagã. Sem as misteriosas chaves transportadas pelos líderes dos cultos egípcios, brâname e persa, os portais da Sapiência não poderiam ser abertos (Manly P. Hall, *Masonic, Hermetic, Quabbalistic & Rosicrucian Symbolical Philosophy apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

universi contemplator iste
sederet.

disponibilizados na terra
para contemplar o
universo.

15. Iam plena omnia; omnia
summis, mediis infimisque
ordinibus fuerant distributa.

15. Assim, o todo se
concluiu em ordens; as
summas, as intermediárias e
as mais ínfimas.

16. Sed non erat paternae
potestatis in extrema faetura
quasi effeta defecisse; non
erat sapientiae, consilii inopia
in re necessaria fluctuasse;
non erat benefici amoris, ut
qui in aliis esset divinam
liberalitatem laudaturus in se
illam damnare cogeretur.

16. Contudo, não seria da
natureza da suprema
Sapiência do Pai e, de seu
amor generoso, falhar neste
último ato creador; em
compelir à criação louvar
alhores essa generosidade
divina, o que o condenaria
a lamentar a si próprio.

§ 5.

§ 5. Enfoco à liberdade na criação

17. Statuit tandem optimus
opifex, ut cui dari nihil
proprium poterat commune
esset quicquid privatum
singulis fuerat.

17. O grande Creador
instituiu à criação última
que nada exclusivo tivesse
e, tudo compartilharia em
comum com as outras.

18. Igitur hominem accepit
indiscretae opus imaginis
atque in mundi positum

18. Nestas circunstâncias,
ao homem, obra a priori
indeterminada²², após

²² *Indiscretus* em Latim significa aquilo não se pode distinguir e, que está estreitamente unido. Interpretado literalmente por Pico, [...] et creavit Deus hominem ad imaginem suam (*e Deus criou o homem à sua imagem...*) (GÊNESIS I:26). Porém, para Pico a creatura humana não tem nenhuma imagem justamente porque é chamada a se aproximar de

meditullio sic est alloquutus:
 «Nec certam sedem, nec
 propriam faciem, nec munus
 ullum peculiare tibi dedimus,
 o Adam, ut quam sedem,
 quam faciem, quae munera
 tute optaveris, ea, pro voto,
 pro tua sententia, habeas et
 possideas.

alocado no centro do
 Universo, o Creador lhe
 falou: *Não te dei, Adão, um
 aspecto que lhe seja único, nem
 um lugar para assentar, nem um
 dom peculiar, para que tua face,
 teu lugar, teu dom, deseje-os,
 conquiste-os e os possua segundo
 teu juízo e tua decisão*²³.

Deus, e este está além de qualquer representação. Poderia ter sido traduzido como **indefinido**. Optei por **indeterminado**, muito embora **indeterminatus** em latim signifique **infinito**. Aqui, liguei a tradução da palavra de chegada diretamente à teoria do Indeterminismo, ou seja, como Doutrina do livre arbítrio, onde a vontade humana é livre. Filosoficamente, a palavra indeterminado significa *inacabado*, o imperfeito na sua ordem, aquilo cuja natureza, classe ou condições não são dadas ou só se dão imperfeitamente (JOLIVET, 1975, p.121). A idéia de Pico sobre um Deus que fala à última creatura é bíblica, mas a interpretação é bem diferente; em vez de proibir a ascensão à árvore de conhecimento, para Pico existe um convite para dirigir o desejo ao conhecimento. É nisto que reside a vocação humana e, não na limitação de suas possibilidades através de uma proibição *a priori*. Por isso, ao homem não criado à semelhança irrestrita a Deus, Pico denomina **indeterminado**, sem imagem predefinida, mas inseparavelmente unido à obra divina.

²³ Toda a argumentação do *oratio* sempre gira em torno de três campos estruturais: *alguém-racional, significar-entender e amar; arquétipos-rostos, casa-lugar, assento-dom; ordens mais altas-summas, medianas, mais baixas-infimas; poder, Sapiência, amor; uma referência à Trindade; assento-lugar, características-rostos, dom*. Pico interpreta a organização *tripartita* do mundo estruturado segundo diversos graus de compreensão: o nível avançado é o que o teologicamente ele chama “angélico”, aquele que os filósofos chamam “intelligible”; o nível intermediário é o mundo celestial; o mundo inferior é aquele ao sublunar, vivido pelos homens. Estes três mundos encontram a correspondência nas indicações concedidas a Moisés na construção do tabernáculo. Pico insiste nesta série de similitudes ao longo de sua defesa, porque para ele através do homem se pode melhor reconhecer a união com o Creador. Em conformidade com Bausi 1996, esta pré-disposição anafórica com o número três tem suas origens na Kabbalah, e será um elemento constante de toda a estrutura do

19. Definita caeteris natura
intra praescriptas a nobis
leges coercetur.

19. *As naturezas outras são
pré-definidas e contidas em
nossas leis.*

20. Tu, nullis angustiis
coercitus, pro tuo arbitrio,
in cuius manu te posui, tibi
illam prefinies.

20. *Tu, não submetido a
quaisquer limites, só mercê do
arbitrio que em tuas mãos
coloquei, defines a ti próprio*²⁴.

discurso (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*). Esta pré-disposição anafórica com o número três tem suas origens na Kabbalah, e se faz um elemento constante de toda a estrutura do discurso de Pico.

²⁴ Cosmas Indicopleustes, um grego do século sexto de Alexandria, no Egito, aceitou a idéia de que a humanidade contém o universo dentro de si e, portanto, por isso os pagãos viam o homem como um microcosmo. Teólogos gregos tendiam a ver a humanidade como mediadora a unir os mundos material e espiritual, em virtude de ser o homem a única creatura a possuir um corpo e uma alma racional. Portanto, a humanidade compartilha e representa o todo do universo. Segundo Umberto Eco (**Arte e Beleza na Estética Medieval**. Trad. de Mario Sabino Filho. São Paulo: Ed. Globo, 1989, p.52), a idéia de o homem como um microcosmo, no Ocidente latino, foi difundida principalmente através de Calcidius e Macróbius, em uma teoria que interpreta o universo na obra *Homo Quadratus*, aonde afirmam: “Os físicos afirmaram que o universo seria como um macro-homem e, o homem um micro-universo”. Em Pico reaparece a idéia de microKosmos, a qual acrescenta uma função dinâmica, na qual a presença na creatura humana dos princípios do todo, permite a ele ascender a todos os outros seres, inclusive a ele mesmo; é o único a formar seu microcosmo. A analogia entre **macrocosmo e microcosmo** baseia-se numa concepção eminentemente simbólica da natureza, segundo a qual cada uma das partes do universo representa e simboliza outras partes (seres de criação única). No contexto da especulação sobre a função do éter no movimento do mundo emerge a analogia entre macrocosmo e microcosmo: a causa instrumental inferior é o puro éter que é usado pela Mente Infinita no *macrocosmo* ou universo com poder ilimitado, de acordo com regras determinadas; como é usado no *microcosmo*, com o poder limitado pela habilidade da mente humana. Esta antiga doutrina que entende que o mundo (macrocosmo) e o interior do homem (microcosmo) mantêm uma

21. Medium te mundi posui,
ut circumspiceres inde
comodius quicquid est in
mundo.

21. *No centro do Universo
poderá apreciar tudo que está a
sua volta.*

22. Nec te celestem neque
terrenum, neque mortalem
neque immortalem fecimus,
ut tui ipsius quasi arbitrarius
honorariusque plastes et
fictor, in quam malueris tute
formam effingas.

22. *Não és celeste tampouco
terrestre, nem mortal ou imortal,
para que por si, como bom
artífice esculpa a forma que
eleger, segundo teu desejo²⁵ e
resolução.*

relação de reflexo mútuo; ganhou durante o Renascimento uma renovada adesão com contribuições provenientes da magia, da Kabbalah, do hermetismo e da alquimia e adotou vários matizes ao longo da história da filosofia. As correspondências entre as diversas partes que compõem a totalidade foram descritas em termos de antipatias e simpatias, semelhança e dessemelhança, atração e repulsa. O universo foi concebido como uma totalidade vivente, uma unidade espiritual indissolúvel, cujas partes também estão animadas. Dentro dessa trama simbólica, a natureza humana adquire a condição especial de encerrar sinteticamente uma representação de todas as coisas. (In *Éter, espírito animal e causalidade*, na obra **Siris** de **George Berkeley**...*Scientia Zúdia*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 179-205, 2004).

²⁵ **Artigo 1º** da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948: “Omnes homines dignitate et iure liberi et pares naxcuntur, rationis et conscientiae participes sunt, quibus inter se concordiae studio est agendum” (Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade). E, em seu **Artigo 2º**: Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição. Há que se considerar aqui a obra “**O Ser e o Nada**”, de Jean Paul **Sartre**, na qual ele afirma que só a decisão é humana e livre, portanto, **a liberdade da decisão inclui a liberdade de fazer o mal**. Pico tinha a visão desta possibilidade em 1486.

23. Poteris in inferiora quae sunt bruta degenerare; poteris in superiora quae sunt divina ex tui animi sententia regenerari.

23. *Dado teu alvitre poderás degenerar até os desarrazoados inferiores, ou se aproximar dos superiores divinos se tua consciência²⁶ regenerar.*

§ 6.

§ 6. Felicidade em face da liberalidade

24. O summam Dei patris liberalitatem, summam et

24. Oh! Summa liberalidade²⁷ de Deus Pai; a

²⁶ Fiz a opção de traduzir *animi* não por alma, mas por *consciência*, coerente com o dito em (19, 20 e 22), onde a indicação de um arbítrio, para a definição de si próprio implica a consciência sensível. A palavra consciência foi utilizada ainda com a ideia de coerência necessária para mostrar um dos aspectos do caráter de se permitir ao outro de si, como um possível vir-a-presença, para o encontro com a verdade que só se dá na racionalidade, e estudada na ideia de alteridade.

²⁷ A palavra *liberalitatem* em latim pode significar também bondade, indulgência, porém nos séculos XIV e XV, esta palavra quando associada à humanidade, fundamentado em fontes clássicas (**Cícero** em particular, *Em Deveres*, §52-85) **tinha dois significados**. Primeiro: *"inclinação para gastar e dar copiosidade com munificência"*; Segundo: *"perda do orgulho, nobreza de caráter e uma alma repleta de generosidade, magnanimidade, benevolência, cortesia"*. Assim, optei por manter na tradução a palavra **liberalidade**, não obstante significar em português também uma associação com ideias avançadas sobre a vida social, mas aqui reflete a intenção de Pico de doar o que não teria a obrigação de dar, sem expectativas de receber benéncias em troca. Esta referência ficaria adequada se esta palavra estivesse na boca de Pico, mas no texto é um qualificativo de Deus e este seria por conceito apolítico, mas mesmo assim assumi na tradução a manutenção de seu significado na coerência de seu contexto histórico. Junto com **magnanimidade** (a qual precede), **liberalidade** é uma das virtudes Aristotélicas (*Éticas a Nicomano*, Livro IV, ch. 1). A ênfase no desejo de liberdade é fundamental para Pico, que ultrapassa o conceito Ciceroniano que via o homem governando os negócios terrestres, e assim visa um novo horizonte teológico-metafísico: *"Todos os Homens possuem um apetite natural de felicidade, e todas as ações humanas apontam para isto, como sua única e*

admirandam hominis foelicitatem!	mais alta e admirável felicidade ²⁸ .
25. Cui datum id habere quod optat, id esse quod velit.	25. A quem é dado escolher, ser aquele que desejar.
26. Bruta simul atque nascuntur id secum afferunt	26. Desarrazoado ao nascer (como disse Lucilius), trará

verdadeira meta” (*apud* BATTAGLIA, V, 795). Nesta passagem do Oratio, Pico estabelece uma dupla interpretação entre a liberalidade de Deus e a liberalidade do homem. O posterior é concebido como uma reflexão do primeiro. Influenciada pelas dez jornadas de **Decameron de Boccaccio**, como um tipo de sublimação aristocrática da lógica mercantil utilitária que penetrou os dois séculos citados, na cultura cívica florentina. No *Oratio* Pico, utiliza desta interpretação de uma dinastia aristocrática velha, e claramente **vai além do significado terrestre de liberalidade**, abraçando um significado mais alto, espiritual. Para uma compreensão completa do uso deste termo em literatura humanística latina, bem como o trabalho de Pico o interprete tem que referenciar fontes da Patrística (veja E. Garin, *La Dignitas Hominis e la letteratura patristica*, Torino: Giappichelli, 1972 *apud* *Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*). Nesta passagem do Oratio, Pico estabelece uma dupla interpretação entre a liberalidade de Deus e a liberalidade do homem. O posterior é concebido como uma reflexão do primeiro.

²⁸ A **felicidade** é outro termo chave no pensamento humanístico destes dois séculos, vai além de suas raízes Aristotélico-escolásticas. Na obra **Convívio** IV:17, 8; de **Dante**, a felicidade é uma operação que se reflete segundo a virtude da vida perfeita, numa redefinição dinâmica da consciência platônica, originada no então neo-platonismo. Aqui novamente aparece a influência de Cícero, para quem a felicidade era uma função do futuro. Fica claramente evidenciado em autores como **Giannozzo Manetti** (1396-1459), livro IV do **De dignitate et excellentia hominis**, citado por (Lattantius, em Garin 1972, p.23), que pensadores desse período, antigos ou contemporâneos, pagãos ou cristãos, enfatizavam a miséria da vida humana. Manetti considera a felicidade como o resultado de uma vida virtuosa, quer dizer, uma vida Cristã.

(ut ait Lucilius) e bulga matris quod possessura sunt.	consigo desde o útero ²⁹ da mãe, tudo o que possuirá.
27. Supremi spiritus aut ab initio aut paulo mox id fuerunt, quod sunt futuri in perpetuas aeternitates.	27. Os espíritos supremos existem desde o início ou imediatamente após, por isso são o futuro na eternidade do universo ³⁰ .
28. Nascenti homini omnifaria semina et omnigenae vitae germina indidit Pater.	28. Aos homens acendidos, seminou o Pai os germens da vida ³¹ .
29. Quae quisque excoluerit	29. Cada qual que

²⁹ A palavra **bulga** em latim tem um significado primeiro de saco ou bolsa de couro, mas Pico já faz no texto uma referência ao pensamento de **Lucilius**. Bulga, termo latino, de origem Celta; traduzi como **útero** por analogia e influência da obra **Satyres** de **C. Lucilius** (148 a.C.). Pico teria lido na obra de Lucilius, um verso em Nonio, única fonte conhecida então: “*ita ut quisque nostrum e bulga est matris in lucem editus*” (assim cada um de nós é dado à luz no ventre da mãe). Cabe lembrar que este é um pensamento antigo oriundo e muito conhecido dos chineses, no qual não é a mãe que dá a luz, mas é a criança que se auto-impõe do ventre da mãe à vida. Aqui seguimos a mesma teoria de tradução do dito anterior.

³⁰ A palavra latina **aeternitates** vem antecedida da palavra **perpetuas**, ambas contêm o mesmo sentido de eternidade, o que causa um estranhamento na tradução literal, por isso na tradução optei por traduzir **perpetuas** com o sentido de universo, uma alternativa possível que melhor complementa o sentido do texto.

³¹ Giovanni Picco interpreta **Germens da vida** como um processo de re-criação divina permanente. Para o cristianismo, o homem todo é criação de Deus que o recria pela redenção, conservando-o na existência por um ato de criação contínua, pela dádiva de sua graça. O Criador criou, recriou, recria e o conserva como uma individualidade distinta, dotada de uma dignidade anterior à dignidade da espécie, aonde todo o universo deve servir a esse fim.

illa adolescent, et fructus
suos ferent in illo.

cultivarem, deles colherão
seus frutos.

30. Si vegetalia planta fiet, si
sensualia obrutescet, si
rationalia caeleste evadet
animal, si intellectualia
angelus erit et Dei filius.

30. Se vegetal nascerão
frutos, se a sensibilidade
for incivil a racionalidade
celestial se evade e surge o
animal³², se intelectual será
anjo e filho de Deus.

³² Segundo Pico, quando o homem filosofa, ele ascende a uma condição Angélica e comunga com a Divindade, entretanto, quando ele falha em utilizar o seu intelecto, pode descer à categoria dos vegetais mais primitivos. Giovanni, deste modo, afirma que os filósofos estão entre as criaturas mais dignificadas da criação. Esta passagem deve ser lida contra o fundo de fontes de Patrística Medieval como John de Salisbury (cfr. TL, gl. 33) e Alain de L'Isle. No "Liber Planctu Naturae", vemos que a possibilidade de um homem se degenerar em um bruto e depois se regenerar em Deus é expressa em condições semelhantes à tese de Pico (Garin, 1972, 37 cfr de e. TL, gl. 33). Porém, a referência às fontes da Patrística não deveria obscurecer a nova ênfase do Oratio e sua retidão retórica substancialmente nova. Os Pais da Igreja e autores Monásticos, como São Thomas de Aquino, exceção a autores místicos como São Bernardo, geralmente enfatizavam o elemento de recaída em um verdadeiro *menagerie alegórico e teológico*. Distinguindo a degradação humana em uma variedade de estúpidos e animais, de acordo com os vários pecados, que também incluía um corolário à corrupção das faculdades imaginativas e racionais de homem. (in UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BOLOGNA). Pico faz referência a um ensinamento órfico tomado a fragmentos de **Empédocles Agrigento** (cerca de 490-435 a.C.); O homem, pois, tendo saído das cinzas dos Titãs, carrega, desde suas origens, um elemento do *mal*, ao mesmo tempo em que um elemento divino, do *bem*. Em suma, uma natureza divina original é uma falta original e, a um só tempo, um dualismo e um conflito interior radical. Nos intervalos do êxtase e do entusiasmo, o dualismo parece desaparecer, o divino predomina e libera o homem de suas angústias. Essa bem-aventurança, todavia, passada a embriaguez do êxtase e do entusiasmo, se evapora na triste realidade do dia-a-dia. [...] Assim, em punição de um crime primordial, a alma é encerrada no corpo tal como no túmulo. A existência, aqui neste mundo, assemelha-se antes à morte e, a morte *pode* se constituir no começo de uma

31. Et si nulla creaturarum
sorte contentus in unitatis
centrum suae se receperit,
unus cum Deo spiritus
factus, in solitaria Patris
caligine qui est super omnia
constitutus omnibus
antestabit.

31. E, se nenhuma das
creaturas estiver fortemente
abrigada no centro, unido
de fato com o espírito de
Deus, suas mentes se
ofuscarão³³ e se apartarão
do Pai, que está no cimo de
todas as coisas.

§ 7.

§ 7. O devir como lei geral do universo

verdadeira vida. Esta verdadeira vida, que é a *libertação final da alma* do cárcere do corpo, quer dizer, a posse do "paraíso", sobre cuja localização se falará também, o que não é de forma automática, uma vez que, "numa só existência e numa só morte", dificilmente se conseguem quitar a falta original e as cometidas aqui e lá. Talvez, e assim mesmo, o fato seja passível de discussão, só os "grandes iniciados órficos" conseguiriam desvincular-se da "estranha túnica da carne", para usar da expressão do órfico, filósofo e poeta **Empédocles** (Fragmentos B. 155 e 126): após uma só existência a alma é julgada e, consoante suas faltas e méritos, depois de uma permanência no além, retorna ao cárcere de novo corpo humano, animal ou, até mesmo, mergulhar num vegetal (BRANDÃO, 1987, p.159-160).

³³ A tradução da palavra *caligine* permite encontrar dois significados diferentes, mas que análise do texto, ambos figuram fundamentalmente unidos um ao outro: o primeiro como escuro e incerto, o segundo com a intenção de enxergar algo através de um véu escuro. No texto associamos os dois à tradução como *ofuscação da mente*, sinalizando um argumento necessário a uma *precondição mística para penetrar no mistério de Deus*. Este segundo significado, fonte referencial de Pico, descreve a condição do *homem como interprete de si*, sem intermediários. Esta é uma referência muito clara a idéia de *alteridade de Paul Ricoeur*. Fiz a opção, neste texto, de seguir Horácio e Cícero, traduzindo "*non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu*".

- | | |
|--|---|
| 32. Quis hunc nostrum
chamaeleonta non admiretur? | 32. Quem não admiraria
esses nossos camaleões ³⁴ ? |
| 33. Aut omnino quis aliud
quicquam admiretur magis? | 33. Então, quem admiraria
mais qualquer coisa outra
que não a esses? |
| 34. Quem non immerito
Asclepius Atheniensis
versipellis huius et se ipsam
transformantis naturae
argumento per Protheum in
mysteriis significari dixit. | 34. Da mesma forma ao
não imerecido mutante
ateniense Asclepius ³⁵ , se
atribuía transformar a
natureza; afirmou ser um
mistério como o de
Proteus ³⁶ . |

³⁴ Pico ultrapassou as referências de seu tempo e exalta as possibilidades transcendentais do **Homem-Camaleão** como gênese da natureza humana. Aristóteles introduziu o signo do **Camaleão** em sua *Ética a Nicômaco* falando da felicidade como o produto da virtude perfeita e de uma vida realizada, contrapondo isto à instabilidade da fortuna procurada pelo homem. Enquanto Aristóteles usa o termo com uma conotação negativa e pontua a instabilidade da condição humana, Pico positivamente enfatiza a natureza variável do homem. Poder-se-ia reconhecer aqui o grande fenômeno do Renascimento: a Fortuna como chance, oportunidade, ocasião, etc., ante um renascimento e uma aproximação com as ordens celestiais.

³⁵ O texto de Pico, claramente faz menção a **Asclepius** deus da medicina, referenciado dos escritos de Hermes Trismegistus, aqui já referenciado. Ao ressaltá-lo como ateniense, Pico faz questão de distingui-lo do conhecido Asclépio de Trales, na Lídia, um filósofo neo-platônico, discípulo de Amônio, filho de Érmia, que teria vivido no século VI d.C. e que deixou um comentário sobre os primeiro sete livros da Metafísica de Aristóteles (COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL, p.40).

³⁶A mutabilidade, de acordo com Pico, seria a porta secreta pela qual o universal invade o particular. A menção a **Proteus** se deve em face de ser o deus marinho, filho de Oceano e de Tetis ou, segundo outra tradição, de Netuno e de Fênice. Proteus fazia premonições, mas não gostava de conta-las. Quando algum humano se aproximava, ele fugia

35. Hinc illae apud Hebreos
et Pythagoricos
methamorphoses celebratae.

35. Daqui, segue aquelas
metamorfozes celebradas
por Hebreus³⁷ e
Pitagóricos.

§ 8.

§ 8. A escravidão aos
sentidos

36. Nam et Hebreorum
theologia secretior nunc

36. Na teologia secreta
Hebraica, Santo Enoch³⁸, é

ou se metamorfoseava, assumindo aparências monstruosas e assustadoras. De acordo com Pico, o ser humano está entre um Camaleão e um Proteus, tendo a capacidade de mutação como também de contemplação e análise de todas as formas. Assim, o ser humano é efetivamente agente de Deus, mas suas habilidades demiúrgicas, que refletem o grau de testamento da livre e escolha. (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

³⁷ A referência aos **Hebreus** se dá por conta da expansão do humanismo que reviveu o interesse pelo idioma bíblico. Filósofos e nobres cristãos passam a estudar a língua hebraica e a Kabbalah. A importância judaica na corte pode ser avaliada pelo afresco "A Jornada de Magi", pintado sobre uma das paredes do Palazzo Médici Ricardi. Na obra estão retratados membros da família Médici e sua corte, entre eles, o judeu **Elias Del Medigo**; médico e tradutor considerado, na época, o maior expoente acerca do sistema aristotélico. Acredita-se que foi com ele que Pico tenha estudado a língua hebraica e a Cabalá. A referência específica aos Hebreus parece ser ao Cabalista hebreu **Wisemen**, a quem foi dedicada 47 conclusões cabalísticas (Fazendeiro, 344-45, *apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

³⁸ Shekli-nãh tem como correspondente a palavra **Shaddaj**, que significa príncipe da presença e **Sar Hã-olam**, príncipe do mundo (COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL, p.41). Na tradição judia, muitas lendas cercam a figura de Enoch (o filho de Jared, pai de Methuselah, o 7º na genealogia de Adamitic, ao longo da linha de Seth) que caminhou com Deus durante trezentos anos e, foi levado a céu, mas não deixou de ser humano embora tenha se transfigurado. Segundo a Bíblia (Gênesis, VI, 21-24), o patriarca **Enoque** não teve a morte comum dos mortais, mas, apenas o

Enoch sanctum in angelum divinitatis, quem vocant [malakh hasheckinah] nunc in alia alios numina reformant.	um anjo de divindade chamado [malakh há-shekli-nāh]; para outros, uma entidade sobrenatural ³⁹ reconstituída.
37. Et Pythagorici scelestos homines in bruta deformant	37. Os Pitagóricos ⁴⁰ convertem homens ímpios

término de sua existência. *Malakh há-shekli-nāh*, significa o anjo de **Sheklināh**: *ambulavit... Quia tulit eum Dei*. Daí a crença que se tem desse patriarca como um anjo da divindade. A elevação de Enoch tem duas versões, na primeira ele é levado com o Shekhinā e, é transfigurado como Metatron (de acordo com a etimologia, Methatronius significa estar próximo ao trono de Deus). A misteriosa bíblia aramaica, conservada nos livros apócrifos atribui a **Enoque** o nome de **Metraton**, aparecendo no talmúd e no Midrásh, equivalendo ao Anjo em que subsiste o nome de Deus. Por extensão semântica, chegou-se a identificar o seu nome com os atributos de divindade e com o próprio ser divino, no que resultou na figura de **Mithra** de **Zaratustra**. Pico foi mais ortodoxo nesta abordagem e usou o termo *shekli-nāh* no sentido figurado como esplendor ou manifestação de Deus. Uma das referências de Pico a Metatron pode ser encontrada no Comentário de Pico na Canção de Amor de Hieronymo Benivieni (escrito no mesmo ano do *Conclusiones*, 1486) e que está quase nos termos exatos do *Oratio*, como um sinônimo de transfiguração (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

³⁹*Numina*, na religião politeísta da Roma Antiga, eram forças sobrenaturais na natureza, ligadas a momentos da vida e às atividades humanas. O significado de *numen* é "agir" ou "fazer um movimento".

⁴⁰ A doutrina Cabalística e Pitagórica é de fundamental importância para entender as Conclusões de Pico. Referenciou a Matemática de Pitágoras, isto é o *quaternarius*, utilizando fontes gregas, principalmente o *Theologia Platonica de Proclus* (Fazendeiro, 334). Pico adiciona a *felicidade*, uma **dimensão gnosiológica**, retratado na visão do délfico **NOSCE TE IPSVM**, que em Aurelius **Agostinho** tomou o sentido de si: *In te redi, in interiore homine habitat veritas*. Seria conveniente também recordar aqui Virgílio, Georg. II, 490: *Felix qui potuit rerum cognoscere causam*. Havia no Templo de Delfos, três **Preceitos Délficos** a ser cumprido, antes dos iniciados adentrarem ao "augusto templo da verdade que ilumina toda alma que vem a este mundo". O

et, si Empedocli creditur,
etiam in plantas.

em desarrazoados;
Empedocli⁴¹ crê que se
transformem até em
vegetais.

38. Quos imitatus Maumeth
illud frequens habebat in ore,
qui a divina lege recesserit
brutum evadere, et merito
quidem.

38. No que imitam Maomé,
que por vezes asseverou:
*Aquele que se afasta da lei
divina, estúpido se faz e o
merece.*

39. Neque enim plantam
cortex, sed stupida et nihil

39. Não que a casca faça a
árvore que inepta não

primeiro é nada em demasia, pois o princípio da moderação em todas as coisas harmoniza a mente e o corpo de quem aspira ao conhecimento espiritual. O segundo é conhecer a si mesmo, pois a obediência "nos desperta e incita em direção ao conhecimento de toda a Natureza, da qual a natureza humana é o meio e como se fosse a união". O terceiro é Tu és, que "devemos endereçar ao verdadeiro Apolo", o Atma que paira acima de todo o ser. (in UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BOLOGNA).

⁴¹ **Empedocles de Akragas:** " ... nasceu uma criança masculina e fêmea, uma planta, um pássaro e um peixe do mar..." (Homem livre, de Ancilla, Oxford, 1952, p. 65). O pensamento de Pico é penetrado pela **trasmigração** (o homem como um microcosmo, contendo nele as sementes e fases da criação inteira) mas, certamente adquire nos escritos de Pico uma entonação específica. Para a interpretação da citação do nome do filósofo **Empedocles**, é necessário ligar-se ao pensamento de **Zoroastro** e aos comentários sobre o **Oráculo Caldeu**. A utilização de uma metáfora onde a idéia de ligar às raízes da terra não só à vida vegetativa, ao que Empédocles vai chamar de **transanimação**. Platão afirma em uma passagem de A República: "espécie diferente de animais nos habitam", o que justificaria entender que os homens podem transformar-se facilmente em estúpidos. "Seria como que em nossas vísceras já existissem os brutos, e assim frequentemente quando tomado por estes, seríamos desviados" (in Garin, 1942, 280 - *apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

sentiens natura; neque iumenta corium, sed bruta anima et sensualis; nec caelum orbiculatum corpus, sed recta ratio; nec sequestratio corporis, sed spiritalis intelligentia angelum facit.

refletiria sua natureza, nem o couro os jumentos, animais irracionais e sensíveis; nem a órbita dos corpos o céu, mas sim a correta razão! Não é a ausência do corpo, mas a inteligência espiritual que faz o anjo.

40. Si quem enim videris deditum ventri, humi serpentem hominem, frutex est, non homo, quem vides; si quem in fantasiae quasi Calipsus vanis praestigiis cecucientem et subscalpenti delinitum illecebra sensibus mancipatum, brutum est, non homo, quem vides.

40. Se vires alguém a esfregar o ventre na terra como uma serpente, não viu um homem, mas uma rama; como alguém que cegue ante as ilusões fantásticas da deusa Calipso⁴²; sucumbiria ao se entregar aos sentidos, sobretudo seria um estúpido inumano.

41. Si recta philosophum ratione omnia discernentem, hunc venereris; caeleste est animal, non terrenum.

41. Se a correta razão de um filósofo tudo discerne, ele é um venerável ser celestial⁴³, não terreno.

⁴² Pico se reporta ao drama a Odisséia de Homero, no qual o herói Ulisses, Odisseus em Grego, ficou encerrado por sete anos na Ilha de Ogígia, seduzido pela apaixonada deusa-ninfa **Calipso** e, que nos últimos anos de cativo, chorava durante todo o dia, na praia, somente a pensar em seu imediato retorno ao lar.

⁴³ Para *caeleste est animal*, embora animal possa ser traduzido por besta, optei por animal derivado de alma, um ser vivo animado. Esta indicação ficou muito clara a partir da junção com o *caeleste*. Ao traduzir *caeleste* como celestial, em lugar de outra palavra que se aproximasse de *divino*, significou admitir a possibilidade de Pico ter tido

42. Si purum
contemplatorem corporis
nescium, in penetralia mentis
relegatum, hic non terrenum,
non caeleste animal: hic
augustius est numen humana
carne circumvestitum.

42. Se a pura contemplação
ignorar o corpo,
impedindo-o de adentrar a
mente proscrevida, não
será terreno, tampouco
espírito celestial: tão
somente uma injunção de
carne disfarçada de
humano.

§ 9.

§ 9. Homem! Criatura animal, multiforme e inconstante, por natureza

43. Ecquis hominem non
admiretur?

43. Existiria quem o
homem não admirasse?

44. Qui non immerito in
sacris litteris Mosaicis et

44. Merecidamente está na
sagrada escritura das Leis

conhecimentos astronômico/astrológico do universo, e provavelmente tenha sugerido um local nas alturas de contemplação por outros homens, mas que evidentemente pelo próprio conceito do *Oratio*, não chegaria a ter os atributos do Creador. Considerarei neste texto à recomendação de Etienne Dolet (2004) de não submetimento à versão de palavra por palavra, mas **uma atenção especial ao pensamento** do autor (conceito da obra) e a forma como é expresso segundo sua intenção, preservando na tradução as propriedades da língua fonte, ainda, ao considerar a orientação de Walter Benjamin (2001) de evidenciar na tradução uma transmissão a mais exata possível da forma e do sentido original e, ainda de Derrida (2005) para a decomposição dos elementos da escrita; uma desconstrução como fenômeno que serviu para acenar parte do texto que está dissimulada, quando se trata da visibilidade da letra e invoca a tradição filosófica de conceitos da temporalidade e espacialidade, embora assumo que não se deva reduzir drasticamente nem a um nem a outro.

Christianis, nunc omnis
carnis, nunc omnis creaturae
appellatione designatur,
quando se ipsum ipse in
omnis carnis faciem, in
omnis creaturae ingenium
effingit, fabricat et
tansformat.

Mosaicas⁴⁴ e Cristãs, ora
nomeado de corpo, ora de
creatura; a própria natureza
assim procede com todas as
creaturas, ao produzi-las,
transforma-las e, modela-
las⁴⁵.

45. Idcirco scribit Evantes
Persa, ubi Chaldaicam
theologiam enarrat, non esse
homini suam ullam et

45. Por esta razão, escreveu
o persa Evante, que na
teologia Caldeia, o homem
não deriva de imagem

⁴⁴ **Lei Mosaica ou Sacrifícios do Antigo Testamento.** Os sacrifícios dos pagãos não eram senão tentativas para chegar ao verdadeiro sacrifício de expiação ou de ação de graças à divindade: ofereciam animais sem defeitos físicos, crianças inocentes ou produtos escolhidos da terra, para serem vítimas perfeitamente imaculadas e agradáveis aos deuses. Quando Deus escolheu para si, nos descendentes de Abraão, um povo eleito, do meio do qual ia nascer o Salvador do gênero humano, ele próprio, fez a Moisés após a saída do Egito, numerosas prescrições sobre os sacrifícios que lhe deviam ser oferecidos, enquanto durava a Antiga Aliança. No Antigo Testamento tudo está coberto de sangue, como o sangue de Jesus Cristo que deveria nos purificar. Pela Bíblia sabemos que os judeus tinham três tipos de sacrifícios: os holocaustos, os sacrifícios de expiação e os sacrifícios pacíficos.

⁴⁵ Pico com uma única palavra possibilita três interpretações quase sinônimas para articular uma propriedade específica e sem igual desse *caeleste animal*. Ao utilizar a interessante palavra *effingit (effingo)*, derivada do verbo *fingere* proporcionou várias possibilidades de tradução: primeira: *modelar, moldar, esculpir*; segunda: *arranjar, dar forma*; terceira: *imaginar, inventar, fingir*; quarta: *representar*; quinta: *tocar levemente*; sexta: *apresentar, dar a idéia de*; sétima: *ajustar, adaptar, apertar*; oitava: *instruir*; nona: *vencer, dominar*. Fiz a opção por *formar, transformar e representar*, mantendo a coerência com o que foi traduzido em (22) e (23). Podemos afirmar que aqui revelamos o *double bind* constitutivo do pensamento de Derrida (2005), uma contaminação necessária ante uma pureza impossível, encontra-se face a face. A tradução tornou-se um efeito que não pode nem deve se fazer passar por original.

nativam imaginem, extrarias
multas et adventitias.

exterior inata; encerra
muitas e surpreendentes⁴⁶.

46. Hinc illud Chaldeorum
[Enosh hu shinnujim
vekammah tebhaoth baal haj]
idest homo variae ac
multiformis et desultoriae
naturae animal.

46. Como define os
Caldeus: [**Enosh hu
shinnujim vekammah
tebhaoth baal haj**]⁴⁷, o
homem é um animal de
natureza alterável,
multiforme e inconstante.

§ 10.

§ 10. Deuses e filhos do Summo

47. Sed quorsum haec?

47. Mas, quais as razões
para tudo isso?

⁴⁶ Acredito que Pico tenha tido acesso ao fragmento n° 91 de **Heráclito de Efeso** (aproxim. 540-480 a.C.), onde nele se lê que um homem não tomará banho duas vezes no mesmo rio. Porque da segunda vez não será o mesmo homem e nem estará se banhando na mesma água; ambos, rio e homem, terão mudado (KONDER, 1981, p.8).

⁴⁷ Quanto ao dito caldeu [**Enosh hu shinnujim vekammah tebhaoth baal haj**], não há registros que indiquem sua procedência, tampouco se sabe exatamente quem seria **Evante**, ou a que fonte Persa está se referindo. Pico, em uma carta para Ficino, reivindicava ter a posse do **Chaldean Horacles**, e isto se tornou fonte de uma convicção, entre editores de Renascimento. Francesco Patrizi acreditava que Pico realmente possuísse o original, integrado por textos incompletos, feitos por Psellus para as coleções gregas (11 th-século) e por Pletho (15 th-século). O próprio Ficino tinha traduzido e comentado a coleção de Pletho. O texto original, restabelecido do manuscrito Chaldean diz, no local que Pico cita: [...] *nenbuma imagem interna pertence ao homem*. Esta frase está ausente na Edição Princeps, mas legível no recuperado, em uma mistura de hebreu e aramaico. De acordo com Fazendeiro, Pico utilizou uma versão dos Oráculos fornecida a ele por Flavius Mithridates, que provavelmente seria uma falsificação (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

48. Ut intelligamus,
postquam hac nati sumus
conditione, ut id simus quod
esse volumus, curare hoc
potissimum debere nos, ut
illud quidem in nos non
dicatur, cum in honore
essemus non cognovisse
similes factos brutis et
iumentis insipientibus.

48. Para entender que
nascemos com a suprema
condição de escolher ser o
que almejamos, é
necessário refletir com
zêlo, dado não avisem que
dessa honraria não
apercebamos a
transformação em ímpios,
insensatos e estúpidos⁴⁸.

49. Sed illud potius Asaph
prophetae: «Dii estis et filii
Excelsi omnes», ne,

49. Como predizeu o
profeta Asaph⁴⁹: *Sois deuses e
filhos do altíssimo*; que não se

⁴⁸ A palavra *iumentis*, teria uma tradução literal de animal de carga, mula, burro e camelo; porém vem acompanhada de *insipientibus*, cuja tradução filosófica indica; aqueles que não estão de posse da Sapiência. Optei por traduzi-la por *à forma dos ímpios e estúpidos*: [...] homo in honore cum esset non intellexit comparatus est iumentis insipientibus; et similis factus est illis (o homem que não compreendesse a honra, seria comparado a insensatos ímpios e estúpidos e, a eles equivaleria) (SALMO 48:21) Segui aqui a recomendação da proposta desconstrutivista de Derrida (2005), a qual deixa livre o tradutor para fazer certas mudanças de significados no processo tradutório, podendo ocorrer *intercâmbio lingüístico* nos textos.

⁴⁹ Pico parte do significado por trás da simbolização do homem através de **Prometeu**, nos mistérios atenienses. A liberdade não negava um universo regido pela lei, mas antes depende dele. As sementes de todo tipo de vida e ser no cosmo também são inatos no homem. Se permitir-se crescerem as sementes da sensação, o homem se torna um bruto; se germinam as sementes racionais, ele se torna um animal celeste; mas se florescem as sementes do intelecto intuitivo, o homem se torna angélico. E se ele não se contenta com o quinhão de uma criatura qualquer, mas o incorpora a si mesmo, à sua própria unidade, então, tornado um só espírito com Deus e estabelecido na treva solitária, o homem se torna Kutastha, acima de todas as coisas, e à frente de todas as coisas. Pois, como diz o profeta Asaph (Salmo 82-81, 6): "Sois deuses, e filhos do Altíssimo", e podemos ser o que queremos.

abutentes indulgentissima
 Patris liberalitate, quam dedit
 ille liberam optionem, e
 salutari noxiam faciamus
 nobis.

abuse da indulgentíssima
 liberalidade do Creador⁵⁰
 transformando o benefício
 dado em uma mazela.

50. Invadat animum sacra
 quaedam ambitio ut
 mediocribus non contenti
 anhelemus ad summa, adque
 illa (quando possumus si
 volumus) consequenda totis
 viribus enitamur.

50. Não satisfaçamos à
 mediocridade e nos
 anelemos ao Summo, tal
 que a alma seja pervadida
 pelo sagrado⁵¹ (podemos se
 quizermos) resultando na
 distinção de todos os
 homens.

⁵⁰ Segui a mesma recomendação de Derrida (2005) citada acima, em (49) assumi a tradução de *Patris* por **Creador**, em consonância com o que já assumido em (8), ao ver Ele (Deus) como construtor e **Arquiteto do Templo do Universo**. Assumi imputar as benéncias a todo um **projeto** (constantemente referenciado nesta obra por Pico) e não especificamente ao Pai, por considerar o homem sempre em circunstância, ou seja, inserido dentro de um amplo projeto muito maior que ele próprio.

⁵¹ Em (50) traduzi *summa* por **ambição sagrada**. *Summa* tem uma tradução como superior, mas ao considerar o dito sobre o homem em (31):... *aquele que foi constituído e esta acima de tudo, estará sobre todas as coisas por si mesmo*; optei por **sagrada**, nos moldes definidos por **Longino**: *Que se pode sublimar. Paira acima: Excelso, muito alto, perfeitíssimo, grandioso, poderoso, majestoso, encantador, esplêndido, o mais alto grau de perfeição, a maior grandeza*. Desta forma, julguei estar dando à tradução o caráter que norteia toda a obra. Considerei aqui o dito em (Derrida, 1996, p.121, 122 e 123), que explicita a que o nome próprio escapa ao sistema da língua, ou não se deixa nem traduzir, e que desta forma a sua desconstrução deve se processar não na chegada, mas na travessia a partir da língua de partida. Derrida (2005) ainda cita que não se trata de uma troca de significados, mas de uma passagem em direção a um **antes** ou um **alguém** do sentido.

51. Dedignemur terrestria,
caelestia contemnamus, et
quicquid mundi est denique
posthabentes,
ultramundanam curiam
eminentissimae divinitati
proximam advolemus.

52. Ibi, ut sacra tradunt
mysteria, Seraphin, Cherubin
et Throni primas possident;
horum nos iam cedere nescii
et secundarum impatientes et
dignitatem et gloriam
emulemur.

53. Erimus illis, cum
voluerimus, nihilo inferiores.

51. Desdenhemos as coisas
terrestres, curvemo-nos⁵² às
celestiais e rejeitemos tudo
que é deste mundo, para
alçarmos o tribunal além
deste mundo, junto da
eminentíssima divindade.

52. Lá, onde os mistérios
sagrados⁵³ revelam
Seraphim, Cherubim e
Thronos ocupando os
primeiros acentos, deles se
emulem a dignidade e a
glória; não nos
conformemos com um
lugar secundário.

53. Seremos em nada
inferiores a aqueles no

⁵² há uma primeira indicação de traduzir *caelestia contemnamus*, por *desprezemos as astrais ou celestiais*. Evidentemente isto chocaria com toda a filosofia desta obra e o transcrito até então. Melhor analisando a palavra latina *contemno*, concluiremos que nesta oração ela significa *rebaixar, curvar*, e assim, para ser coerente com o restante desta tradução, optei por *curvemo-nos às celestiais*. Seguimos a orientação de Derrida (in 2006, p37), quando ao abordar a obra de Benjamin, afirma: *...a exigência da tradução não sofre nada em não ser satisfeita em sua plenitude... tratar-se-ia das relações entre linguagem das coisas e a linguagem dos homens...*

⁵³ A referência é ao Salmo: [...] ego dixi dii estis et filii Excelsi omnes vos, ergo quasi Adam moriemini et quasi unus de principibus cadetis (*Eu declarei: vocês são todos filhos de Deus e do altíssimo, contudo vocês morrerão da forma como Adão morreu, e deixarão de ser príncipes*) (SALMO 82:6-8). São as palavras de Deus aos anjos, condenados por seus pecados, que Pico usa para incitar os homens a ascender a um patamar mais alto, angelical.

momento em que
desejarmos.

§ 11.

§ 11. A natureza superior
dos anjos

54. Sed qua ratione, aut quid
tandem agentes?

54. Mas por que razões, ou
pelo que afinal são
impelidos?

55. Videamus quid illi agant,
quam vivant vitam.

55. Vejamos o que os
impel; como vivem a vida.

56. Eam si et nos vixerimus
(possumus enim) illorum
sortem iam aequaverimus.

56. Se também a
vivêssemos aquela (que
podemos); teríamos o
mesmo destino.

57. Ardet Saraph charitatis
igne; fulget Cherub
intelligentiae splendore; stat
Thronus iudicii firmitate.

57. Serafim inflama graças
ao amor⁵⁴, Querubim em
inteligência magnífica e,
Thronos em sólido

⁵⁴Com a palavra *charitatis* procurei seguir a tradução literal e assim a traduzi por *graças*, no entanto esta tem uma ligação íntima com *caritas* que significa **amor**. Assim, optei por unir as duas na tradução: *graças ao amor*, entendendo que a palavra amor solicita um complemento de anterioridade que lhe mova à ação. Pico procura deixar evidente que o homem se salva por si próprio. Não deixa de ser uma contestação à posição da igreja católica da época. A palavra *caritas* significando **amor** neste contexto é como uma força geral da atração, muito discutida de Empedocle e analisada por Aristóteles, através da qual Pico define como uma energia do espírito em união com o Senhor. O espírito é uma predisposição inata do homem para a elevação em direção ao bem (Sam. 18, 1). (in UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI BOLOGNA)

juízo⁵⁵.

58. Igitur si actuosae ad[d]icti
vitae inferiorum curam recto
examine susceperimus,
Thronorum stata soliditate
firmabimur.

58. Pois se veemente
adjudicar tratar à vida
inferior com o cuidado da
retidão no exame, nos
fortificaremos na solidez da
ação de Thronos.

59. Si ab actionibus feriat, in
opificio opificem, in opifice
opificium meditates, in
contemplandi ocio
negociabimur, luce Cherubica
undique corruscabitur.

59. Se desprendidos das
ações ociosas, meditarmos
da obra o seu Creador e,
deste a contemplação da
obra; aí brilharemos com a
luz Cherubica.

60. Si charitate ipsum
opificem solum ardebimus,
illius igne, qui edax est, in
Saraphicam effigiem repente
flammabimur.

60. Se ardermos
exponetamente em fogo
ardente e voraz, graças ao
amor, nos inflamaremos a
semelhança de Serafim.

⁵⁵ Os anjos Seraphim, Cherubim e Thronos são as três categorias (da virtude) mais elevadas dos anjos, conforme a angeologia de **São Dionísio Areropagita** (De Caelesti Hierarchia, VII). **Serafim**, do hebraico *sharaf* (serpente). Este termo vem do verbo *sârof* (queimar), uma alusão às picadas venenosas e ardentes. As serpentes foram assimiladas aos gênios e mesmo à divindade pelos cananeus. Mas em Isaías VI, os Serafins representam seres antropomorfos providos de seis asas, que entoam o *trisaghion*, o hino de honra ao Senhor Deus. **Querubim**, do hebraico *Kerub*, que consideram originário do arcaico *Karâbu* (bendizer, rezar). *Karibu*, literalmente, significa bendizente e conota a idéia dos touros colossais dos babilônios, que eram alados. **Throni**, também conhecido por **erelins** ou **ofanins**, vem da raiz *dhar*, que passou para o sânscrito como *dhârana* (sustentáculo); no grego, Thronos. Pico refere-se aos Thronos na concepção de puros espíritos dos quais fala Ezequiel (*apud* COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL, p.42)

-
- | | |
|--|---|
| 61. Super Throno, idest iusto iudice, sedet Deus iudex seculorum. | 61. Acima da reta justiça de Thronos, reside Deus, o Juíz de todos os séculos. |
| 62. Super Cherub, idest contemplatore, volat atque eum quasi incubando fovet. | 62. Além, Querubim voa sobre aqueles contempladores como que os acendendo. |
| 63. Spiritus enim Domini fertur super aquas, has, inquam quae super caelos sunt, quae apud Iob Dominum laudant antelucanis hymnis. | 63. O Espírito do Senhor paira sobre as águas sobre os céus que, como Jó, louvam o Senhor no hino das matinas ⁵⁶ . |
| 64. Qui Saraph, idest amator est, in Deo est, et Deus in eo, immo et Deus et ipse unum sunt. | 64. Serafim é o amado, está em Deus e Deus nele; não só, Deus e ele são unos. |
| 65. Magna Thronorum potestas, quam iudicando; | 65. Quão grande a potência ⁵⁷ de Thronos e a |
-

⁵⁶ Pico refere o Gênesis com a concepção de um firmamento com o céu interposto com Deus entre duas águas. As águas sob o firmamento eram originalmente os sete planetas que geraram o mar e o oceano das quais, segundo os Caldeus, vieram os elementos que estimularam o crescimento e a vida das plantas e dos animais; no sentido metafórico, as águas inferiores simbolizam as características sensoriais do homem. Pico desenvolve este texto utilizando a metáfora das multiformas da irracionalidade humana que está dentro do Heptaplus, utiliza também a afirmação de Platão em a *República*, segundo a qual há segredos em nossos desejos que podem ser comparados a diversas bestas que vivem dentro dos nós (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

⁵⁷ As potestades significavam potências, conforme citação bíblica: [...] induite vos arma Dei ut possitis stare adversus insidias diaboli, quia non

summa Saraphinorum
sublimitas, quam amando
assequimur.

elevada sublimidade de
Serafim; que se atinge ao
amar e a estimar⁵⁸.

§ 12.

**§ 12. Anjos! Inspiração
aos homens**

66. Sed quonam pacto vel
iudicare quisquam vel amare
potest incognita?

66. Mas, com efeito,
alguém julgaria ser possível
amar algo desconhecido?

67. Amavit Moses Deum
quem vidit, et administravit
iudex in populo quae vidit
prius contemplator in monte.

67. Moises teria amado a
visão de Deus no monte,
aquilatando-a⁵⁹ a seu povo
pela contemplação nunca
dantes vista.

68. Ergo medius Cherub sua
luce et Saraphico igni nos
praeparat et ad Thronorum
iudicium pariter illuminat.

68. Logo, a luz cherubica
media e nos impele ao calor
de Serafim e, igualmente, à
iluminada justiça de
Thronos.

est nobis conluctatio adversus carnem et sanguinem sed adversus principes et potestates adversus mundi rectores tenebrarum harum contra spiritalia nequitiae in caelestibus, propterea accipite armaturam Dei ut possitis resistere in die malo et omnibus perfectis stare. (*Revestivos da armadura de Deus, para que possais resistir às astutas ciladas do anticristo. Porque não temos que lutar contra homens de carne e sangue, mas contra os principado e potestades, contra os príncipes das trevas, contra as hostes espirituais do mal, espalhadas nos ares*) (EFESIOS VI:11-12-13).

⁵⁸ Iudicare tem em si, também a ideia de estimar, além do sentido de julgar.

⁵⁹ A palavra latina *iudex* tem como tradução prima o julgar, porém dada fosse uma aporia imaginar que alguém pudesse julgar a Deus, preferi traduzi-la por aquilatar com o sentido de apreciar.

69. Hic est nodus primarum mentium, ordo Palladicus, philosophiae contemplativae preses; hic nobis et emulandus primo et ambiendus, atque adeo comprehendendus est, unde et ad amoris rapiamur fastigia et ad munera actionum bene instructi paratique descendamus.

70. At vero operae precium, si ad exemplar vitae Cherubicæ vita nostra formanda est, quæ illa et qualis sit, quæ actiones, quæ illorum opera, pre oculis et in numerato habere.

71. Quod cum nobis per nos, qui caro sumus et quæ humi

69. Este é o primeiro enlace à ordem guardiã da filosofia contemplativa⁶⁰. À qual primeiro nos emula e nutre, por outro lado faz compreender que pelo amor seremos rebatados ao mais alto patamar, para gratificar a ação do bem que nos instruiu quando descemos.

70. Se verdadeiramente o valor da obra deve ser modelado pelo exemplo dos Querubins, na qualidade de suas ações e obras, devemos enumerá-las claramente.

71. Embora sejamos caros⁶¹, se a isto não nos

⁶⁰Na antiguidade grega existiam filósofos, entre eles Aristóteles, que certamente por serem aristocratas, creditava à filosofia, uma atividade puramente contemplativa. Pico refere estes filósofos como Paladinos, guardiães e defensores ardorosos desta filosofia, que enquanto pura, não visava provar que o restante do universo era semelhante ao homem.

⁶¹A palavra *caro* no texto *qui caro sumus* poderia ser traduzida como carne. No entanto quando significa carne refere-se a nacos de carne ou a cadáveres. Na tradução deste parágrafo levei em conta que Pico se refere ao homem animado. Portanto este homem não poderia ser apenas um pedaço de carne. Assim optei pelo adjetivo *care*, com o sentido de caro, de valor elevado. Aqui observamos o dito de Derrida (in Derrida 1996, p. 123) onde afirma que tradução implica que se guarde o mesmo significante relacionando-o a outros significados.

sunt sapimus, consequi non liceat, adeamus antiquos patres, qui de his rebus utpote sibi domesticis et cognatis locupletissimam nobis et certam fidem facere possunt.

72. Consulamus Paulum apostolum vas electionis, quid ipse cum ad tertium sublimatus est caelum, agentes Cherubினorum exercitus viderit.

for consentido, das coisas terrenas⁶² só saberemos ao irmos aos antigos Mestres, que destes episódios tinham rica ciência e, que certamente nos cederam com fidedignidade.

72. Consultemos o apóstolo Paulo, um dos epítetos eleitos⁶³ para as atividades dos exércitos de Querubins, sobre o que viu ao se elevar ao terceiro céu⁶⁴.

Observe que em (42 e 44) Pico fez esta diferenciação usando a palavra carne explicitamente.

⁶² Pico descreve nossa vida terrena como uma espécie de morte no sentido de que o espírito é simplesmente a vivificação provisória do corpo; não é um ser existencial no qual a essência do espírito pode ser definida (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*)

⁶³ Referência ao apóstolo Paulo como *vas electionis*, que poderia significar numa tradução literal *vaso de eleição*, no entanto, traduzimos *vas* no sentido de *fiador*, e assim optamos por *um dos epítetos eleitos*. Procuramos aqui ressaltar a figura do homem, um dos apóstolos escolhido e eleito por Jesus, onde a palavra *epíteto* aparece com a conotação de qualificação ou realce de sua significação. Seguimos a abordagem de Walter Benjamin (2001) por Derrida (in Derrida 2006, p.47), quando este exemplifica traduções como uma tangente que toca o círculo em apenas um ponto, assim a tradução toca o original de forma fugidia em apenas um ponto infinitamente pequeno do sentido, para em seguida encontrar sua marcha mais adequada, segundo a lei da fidelidade na liberdade do movimento da linguagem.

⁶⁴ Referência bíblica: [...] scio hominem in Christo ante annos quattuordecim sive in corpore nescio sive extra corpus nescio Deus scit raptum eiusmodi usque ad tertium caelum, et scio huiusmodi hominem sive in corpore sive extra corpus nescio Deus scit (*Conheço um homem em*

73. Respondebit utique
Dyonisio interprete: purgari
illos, tum illuminari,
postremo perfici.

73. Responderia, por certo
com a interpretação de
Dionísio⁶⁵; aquele que
purificado atingiu a
iluminação.

§ 13.

§ 13. A purgação da Consciência

74. Ergo et nos Cherubicam
in terris vitam emulantes, per
moralem scientiam affectuum
impetus coercentes, per
dialecticam rationis caliginem
discutientes, quasi
ignorantiae et vitiorum
eluentes sordes animam
purgemus, ne aut affectus
temere debac[c]hentur aut
ratio imprudens quandoque
deliret.

74. Assim, na vida terrena,
nós emulantes dos
Cherubins, afetados do
ímpeto que pela ciência
moral encerra a razão
dialética nas trevas, como
se a ignorância dos vícios
dissipasse a miséria,
purguemos a consciência,
para que nada tenhamos e,
tampouco nos arrebate a
fúria da razão imprudente
em que por vezes nos
perdemos.

Cristo, que há catorze anos foi arrebatado até o terceiro céu. Se foi no corpo, não sei. Se fora do corpo, também não sei, Deus o sabe (II CORINTIOS 12:2-3)

⁶⁵ Pico cita em seu *Heptaplus* III, 3, o autor **Pseudus-Dionysius Areopagita**, e sua obra *De coelesti hierarchia*. Personagem desconhecido, distinto do descrito por Paulo nos Atos dos Apóstolos. O autor anônimo dessa obra que compõe o *Corpus Dionysianum*, viveu provavelmente no final do século V e início do século VI. Os indícios apontam para um escritor de língua grega, provavelmente síriaca., que escreveu um tratado curto e denso de teologia mística, aonde se encontra um contundente exemplo de teologia negativa, que exerceu enorme influência sobre o pensamento medieval, tornando-se um texto fundamental da mística no Ocidente.

<p>75. Tum bene compositam ac expiatam animam naturalis philosophiae lumine perfundamus, ut postremo divinarum rerum eam cognitione perficiamus.</p>	<p>75. Então com a consciência bem purificada pela luz inebriante da filosofia natural, postremo ao nos realizar com o conhecimento das coisas divinas.</p>
--	---

§ 14.

§ 14. A Escada de Jacó

<p>76. Et ne nobis nostri sufficiant consulamus Iacob patriarcham cuius imago in sede gloriae sculpta corruscat.</p>	<p>76. E, para não nos submetermos, aconselhemo-nos com o patriarca Jacó⁶⁶, cuja imagem brilha esculpida na glória.</p>
<p>77. Admonebit nos pater sapientissimus in inferno dormiens, mundo in superno</p>	<p>77. O sapientíssimo patriarca⁶⁷ nos instruirá que dormia no mundo</p>

⁶⁶ A referência é a Jacó que aqui na terra viu em sonho uma escada em cujo topo estava Deus. **Jacó** chama o lugar que viu de *casa de Deus, a porta dos céus* (GÊNESIS 28:12) .

⁶⁷ Ao contrário do que fizemos em outros parágrafos, traduzimos *pater* por *patriarca*, por ser um termo bíblico e considerá-lo no contexto mais usual na língua portuguesa. Aqui, ainda, a palavra latina *inferno*, possibilita a sua tradução como inferno mesmo ou como aquilo que está numa **região inferior**. Escolhemos esta segunda opção e tomamos esta decisão face o contra ponto a idéia do texto em (72), citado o apóstolo Paulo em sua elevação ao terceiro céu. Seguimos aqui a citação de Derrida (*in Pensar a Desconstrução*, 2004, p.262), quando este aborda a evanescência da linguagem, e aciona o mecanismo de funcionamento da visibilidade como um rastro desvelador que se apaga ao se dar, isto é no texto a região inferior deixa um rastro evidente de um submundo que poderia ser interpretado como o inferno.

vigilans.

inferior⁶⁸, e despertou para a iluminação superior.

78. Sed admonebit per figuram (ita eis omnia contingebant) esse scalas ab imo solo ad caeli summa protensas multorum graduum serie distinctas; fastigio Dominum insidere, contemplatores angelos per eas vicibus alternantes ascendere et descendere.

78. Ele ensinará por signos (forma de aferir); existe uma escada estendida⁶⁹ das profundezas da terra ao summo céu, com muitos degraus distintos. No cume assenta o Senhor, contemplado por anjos que se alternam subindo e descendo.

§ 15.

§ 15. A Arte do Diálogo

79. Quod si hoc idem nobis angelicam affectantibus vitam factitandum est, queso, quis Domini scalas vel sordidato

79. Àqueles que por si se afeiçoarem a vida angelical, praticando-a, pergunto: Quem ousaria tocar a

⁶⁸ A palavra latina *inferno*, possibilita a sua tradução como inferno ou aquilo que está numa **região inferior**. No texto a região inferior deixa evidente um submundo a ser interpretado como o inferno (GÊNESIS 28:12-13).

⁶⁹ Poderia traduzir *figuram* por simbologia, representação ou signo. Na tradução de *multorum graduum*, entendi que multorum provém de *multus* com o teor de numerosos e *graduum* significa degraus. Ao traduzir: *escada estendida das profundezas da terra ao sumo céu*; deixei implícito o final desta no cume máximo. Levei em conta aqui a referência de Derrida (2005) ao signo em traduções (in Chnaiderman, 1989, p.127), ao falar de seu efeito sem causa que leva a não falar mais em efeito, face ao caráter secundário do signo. Este é sempre uma presença diferida e quando não podemos tomá-lo, nós apenas o significamos passando por dentro dele.

pede, vel male mundis manibus attinget?	escada do Senhor ⁷⁰ com pés ou mãos conspircas?
80. Impuro, ut habent mysteria, purum attingere nephas.	80. Como vemos nestes mistérios, é ilícito tocar o limpo com o imundo.
81. Sed qui hi pedes?	81. Mas que pés são estes?
82. Quae manus?	82. Quais são estas mãos?
83. Profecto pes animae illa est portio despiciatissima, qua ipsa materiae tanquam terrae solo innitur, alrix inquam potestas et cibaria, fomes libidinis et voluptariae mollitudinis magistra.	83. Certamente os pés da consciência, aquela despresadíssima porção, que por si sustenta a matéria e repousa no solo; falo da potência que alimenta e inflama os desejos e prazeres da mestra fraqueza.
84. Manus animae cur irascentiam non dixerimus, quae appetentiae propugnatrix pro ea decertat et sub pulvere ac sole p[r]edatrix rapit, quae illa sub	84. Por que não dizer mãos da consciência ⁷¹ , aquelas que, pelo desejo, arguem sob o pó e até sob o sol, como um predador de rapina que depois de

⁷⁰ Traduzi *Domini* do verbo *dominor*, por Senhor, significando o senhor da vida de alguém. Não optei por Deus posto que este significasse em latim um Deus, uma divindade, o que é venerado como um deus, e faltaria aqui a conotação de dominação. Considerarei a referência de Derrida (2005) ao signo em traduções (in Chnaiderman, loc cit), que ao falar de simbologia em traduções, alerta que a presença pode ser a repetição de algo que não está presente.

⁷¹ Pelo mesmo critério anterior, traduzi *pes animae* por *pés da consciência*, e *manus animae* por *mãos da consciência*.

umbra dormitans helluetur?

saciado descansa em uma
sombra?

85. Has manus, hos pedes,
idest totam sensualem
partem in qua sedet corporis
illecebra quae animam
obtorto (ut aiunt) detinet
collo, ne a scalis tamquam
prophani pollutique
reiciamur, morali philosophia
quasi vivo flumine abluamus.

85. Estas mãos, estes pés,
ou seja, toda a parte
sensível em que jaz a
sedução do corpo, que
(como dito) a consciência
tortura; detenhamo-nas
lavando-as no rio vivo da
moral filosófica, para não
nos afastarmos daquela
escada como profano
conspurado.

86. At nec satis hoc erit, si
per Iacob scalam
discursantibus angelis
comites esse volumus, nisi et
a gradu in gradum rite
promoveri, et a scalarum
tramite deorbitare nusquam,
et reciprocos obire excursus
bene apti prius instructique
fuerimus.

86. Além disso, não será
suficiente, se pela escada de
Jacó, correremos para lá e
cá, orbitando por nenhum
lugar; a não ser
incursionando com o
séquito de anjos e,
perfeitamente ligado a eles
ascender degrau a degrau,
como fomos instruídos.

87. Quod cum per artem
sermocinalem sive
rationariam erimus
consequuti, iam Cherubico
spiritu animati, per scalarum,
idest naturae gradus
philosophantes, a centro ad
centrum omnia pervadentes,
nunc unum quasi Osyrim in
multitudinem vi titanica

87. Logo, quando pela arte
do diálogo ou mesmo pela
razão, acompanharmos
pela escada o espírito
animado dos Querubins,
isto é por degraus da
filosofia natural, de um
centro ao outro centro,
para invadir o todo, se
descermos colidiremos

dis[c]erpentem descendemus,
nunc multitudinem quasi
Osyridis membra in unum vi
Phebea colligentes
ascendemus, donec in sinu
Patris qui super scalas est
tandem quiescentes,
theologica foelicitate
consumabimur.

com força titânica de
muitos, como ocorreu com
Osiris⁷², que ascendeu e
consigo arrastou a força de
Apolo; desta forma
poderemos repousar no
âmago do Creador que jaz
no topo da escada, onde
reina a perfeita felicidade
teológica.

§ 16.

§ 16. Natureza Dual da Alma

88. Percontemur et iustum
Iob, qui fedus iniit cum Deo
vitae prius quam ipse
ederetur in vitam quid
summus Deus in decem illis
centenis millibus qui assistunt
ei, potissimum desideret:
pacem utique respondebit,
iuxta id quod apud eum
legitur: «Qui facit pacem in
excelsis».

88. Interroguemos o justo
Job, que ao adentrar a beata
vida, primeiro fez um
pacto⁷³ com Deus: O que o
altíssimo Deus desejaria,
dos milhões de seres
postados a sua mercê? Ah!
Certamente responderia a
paz, conforme se lê em seu
livro: *Aquele que faz a paz
nos céus.*

⁷² **Osiris**, conhecido como responsável pelo julgamento dos mortos, era um importante deus da mitologia egípcia, associado à vegetação e a vida no além.

⁷³ Pico usa o argumento de um dos **12 pactos com Deus**, citados na Bíblia; o de Jó. Da igreja reformada é conhecida esta característica de postulados sobre pactos de homens com Deus; a Teologia dos Pactos. Um pacto proveniente da parte de Deus para com suas criaturas é sempre fruto da Sua graça. A idéia de pacto sempre implica em Deus descer ao nível do homem para lhe oferecer um caminho para a felicidade eterna. Existem vários pactos: Pacto com Adão; pacto com Noé; pacto com Abraão; pacto do Sinai, pacto da nova aliança, et alii.

89. Et quoniam supremi ordinis monita medius ordo inferioribus interpretatur, interpretetur nobis Iob theologi verba Empedocles philosophus.

90. Hic duplicem naturam in nostris animis sitam, quarum altera sursum tollimur ad celestia, altera deorsum trudemur ad inferna, per litem et amicitiam, sive bellum et pacem, ut sua testantur carmina, nobis significat.

91. In quibus se lite et discordia actum, furenti similem profugum a diis, in altum iactari conqueritur.

89. Por ser a ordem mediana intérprete dos preceitos da superior à inferior, que palavras do teólogo Jó devam ser a nós, interpretadas pelo filósofo Empédocles⁷⁴.

90. Este vê em nossa consciência uma natureza dual; através do entendimento ou da discórdia, da paz ou da guerra, como testemunham seus versos, uma nos encaminha para cima até o celestial, e a outra nos impele para baixo, ao inferno.

91. Para este último, profetiza a atos de discordia; como um prófugo de Deus, que questiona ao ser levado às

⁷⁴ Pico está se referindo ao conceito de Empédocles, que entendia duas forças fundamentais responsáveis pela manutenção do universo: O amor que unia os elementos e a discórdia que os separava (BRANDÃO, 1987, p.159-160). Esse conceito de **Empédocles de Agrigento** (cerca de 490-435 a.C.), atribui a produção primeira dos seres ao acaso. Apenas os seres colocados numa situação propícia subsistem, afirma, enquanto perecem aqueles em que ao acaso não se dispõe de modo que possam viver e propagar-se. Estas formações, tanto as harmoniosas destinadas a viver como as monstruosas destinadas a morrer, são presididas por dois princípios que lutam um contra o outro: o amor e a discórdia.

alturas.

§ 17.

92. Multiplex profecto,
Patres, in nobis discordia;
gravia et intestina domi
habemus et plusquam civilia
bella.

93. Quae si noluerimus, si
illam affectaverimus pacem,
quae in sublime ita nos tollat
ut inter excelsos Domini
statuamur, sola in nobis
compescet prorsus et sedabit
philosophia: moralis primum,
si noster homo ab hostibus
indutias tantum quesierit,
multiplicis bruti effrenes
excursiones et leonis iurgia,
iras animosque contundet.

§ 17. A Paz e a Discórdia

92. Pais é indubitável que
em nós exista várias formas
de discórdia; em nossos
lares ela é mais grave que
guerras civis.

93 Se não repudiarmos o
que afeta a nossa paz,
como elevarmos até o
Senhor supremo? Só nos
libertando inteiramente
pela filosofia, iniciando pela
moral. Se nosso homem
vitimado ansiar trégua aos
inimigos, broqueará
desdobramentos⁷⁵ de
agressões incididas pelo
Anticristo⁷⁶ e, amolgará a
cólera de sua alma.

⁷⁵ Traduzi multiplex, multiplicis por desdobramentos, para acompanhar a idéia de Benjamin. Para este, uma tradução, *por melhor que seja nada significa para o original. No entanto, por sua traduzibilidade, mantém um vínculo estreito com o original.* Ainda, segundo Benjamin, no original, conteúdo e língua formam uma unidade determinada, como a do fruto e da casca, enquanto a língua da tradução envolve seu conteúdo, *como um manto real, com dobras sucessivas.*

⁷⁶ Acredito que, muito provavelmente, Pico estaria se referindo a uma das muitas simbologias do leão, que na Bíblia é citado como um inimigo político perigoso (Jr 2,15; Ez 32,2), até mesmo estigmatizado como o próprio príncipe das trevas. Para Humberto Eco o leão tanto pode ser símbolo de Jesus como símbolo do diabo. Por esconder com a cauda os rastros que deixa na areia enganando seus caçadores, é símbolo de Cristo que apagou as marcas do pecado; da mesma forma

- | | |
|--|---|
| <p>94. Tum si rectius
consulentes nobis perpetuae
pacis securitatem
desideraverimus, aderit illa et
vota nostra liberaliter
implebit, quippe quae cesa
utraque bestia, quasi icta
porca, inviolabile inter
carnem et spiritum foedus
sanctissimae pacis sanciet.</p> | <p>94. Por que tratar a terra
como porca imolada⁷⁷?
Assim, se optarmos por
este sábio conselho e
desejarmos a seguridade da
paz perpétua, a ela (paz)
dever-se-á dedicar nossa
completa remissão⁷⁸, em
um inviolável pacto de
carne e espírito para a
santíssima paz sagrada.</p> |
| <p>95. Sedabit dyalectica rationis
turbas inter orationum
pugnantias et sillogismo
captiones anxie tumultuantis.</p> | <p>95. A dialética ajustará a
razão turbada entre os
discursos contraditórios e
os silogismos insidiosos.</p> |

por ressuscitar com seu fôlego o leãozinho natimorto, ao terceiro dia; é símbolo de ressurreição; mas pelo fato de Sansão e Davi lutarem contra um leão do qual abrem as mandíbulas, é símbolo da garganta do Inferno (1989, p. 87). Na Sagrada Escritura, encontramos a ligação do leão com o Anticristo: [...] sobrii estote vigilate quia adversarius vester diabolus tamquam leo rugiens circuit quaerens quem devoret [...] [...] *Sede sóbrios e vigiais. Vosso adversário, o demônio, anda ao redor de vós como o leão que rugir, buscando a quem devorar*) (I PEDRO 5.8).

⁷⁷ A palavra porca utilizada por Pico, refere dois conceitos da **porca contracta**: Primeiro à uma obrigação de **imolar por expiação** (matar em sacrifício à divindade), caso não se prestassem honras fúnebres a um parente. E, em segundo (*apud* COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL, p.47), ao ritual romano para a **celebração de um tratado de paz** (*Os Festiales*). Sacerdotes qualificados, na presença dos exércitos das **idades pactuantes**, reuniam os colegiados dos respectivos *fetiales* e cada um recitava o texto do pacto, e a **seguir golpeava-se um suíno**, augurando que a divindade golpeasse analogamente aquela cidade que violasse o pacto (LÍVIO, I:24)

⁷⁸ Uma outra possível tradução para liberaliter, além de liberdade é remissão pela qual optei.

-
- | | |
|---|---|
| 96. Sedabit naturalis philosophia opinionis lites et dis[s]idia, quae inquietam hinc inde animam vexant, distrahunt et lacerant. | 96. Ajustar-se-á à filosofia natural, sobretudo as querelas e as discórdias que inquietam, e dilaceram a consciência. |
| 97. Sed ita sedabit, ut meminisse nos iubeat esse naturam iuxta Heraclytum ex bello genitam, ob id ab Homero contentionem vocitatam. | 97. Contudo, consideremos o dito, aludido na equidade de Heráclito ⁷⁹ : <i>a natureza é gerada pela guerra, por isso Homero a denomina obstinação.</i> |
| 98. Idcirco in ea veram quietem et solidam pacem se nobis prestare non posse, esse hoc dominae suae, idest sanctissimae th[e]ologiae, munus et privilegium. | 98. Por essa razão ele nos diz que não se pode repousar em sólida paz, esse juízo é uma oblação e privilégio de sua senhora, a santíssima teologia. |
| 99. Ad illam ipsa et viam monstrabit et comes ducet, quae procul nos videns | 99. A esta, aquela por si mostrará o caminho e, ao nosso lado nos guiará |
-

⁷⁹ Pico estaria referindo a filosofia de **Heráclito de Éfeso** (no fragmento 53), **para quem, a própria natureza é conflito**; considerava que a essência do universo seria constituída por um constante conflito de forças, e que as transformações da realidade, inseridas no grande devir cósmico, decorreriam necessariamente dessa característica primordial, intrinsecamente presente em todo o universo, conforme comprova sua célebre sentença, de que “o combate (*polémos*) é de todas as coisas pai, de todas rei, e a uns revelou deuses, a outros, homens; de uns fez escravos de outros (Disponível em **Renato Nunes Bittencourt, in MORPHEUS, Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Conhecimento e Sociedade - publicação on-line semestral** - ISSN **1676-2924** www.unirio.br/morpheusonline/Renato%20Nunes.htm - 51k - acesso em 2 de Abril de 2007).

properantes: «Venite, inquam, clamabit, ad me qui laborastis; venite et ego reficiam vos; venite ad me et dabo vobis pacem quam mundus et natura vobis dare non possunt».

§ 18.

100. Tam blande vocati, tam benigniter invitati, alatis pedibus quasi terrestres Mercurii, in beatissimae amplexus matris evolantes, optata pace perfruemur: pace sanctissima, individua copula, unianimi amicitia, qua omnes animi in una mente, quae est super omnem mentem, non concordent adeo, sed ineffabili quodammodo unum penitus evadant.

101. Haec est illa amicitia quam totius philosophiae finem esse Pythagorici

quando com diligência exclamará: *vinde a mim vos que labutais e os aliviarei; vinde a mim e darei a paz que o mundo e a natureza vossa possa não dar.*

§ 18. A aliança da filosofia com Deus

100. Chamados afetuosamente por um convite tão benévolo, enlaçado à beatíssima mãe, com pés alados como terrenos mercúrios⁸⁰ voem para desfrutar desta desejada paz santíssima, em união inseparável com a benevolência unida à consciência, sobre todas as mentes que discordem dessa tese, mas que no infável acabam se atrelando.

101. Esta é a aliança⁸¹ que os pitagóricos afirmam finalizar toda a filosofia,

⁸⁰ Uma das características do Deus romano Mercúrio eram asas no capacete e nos pés.

⁸¹ Traduzi *amicitia* por **aliança** e não por amizade, posto referenciar a união entre a **filosofia natural** e a **santíssima teologia**. Pico esta se referindo a passagem bíblica citada por Lucas em 2.14.

dicunt, haec illa pax quam facit Deus in excelsis suis, quam angeli in terram descendentes annuntiarunt hominibus bonae voluntatis, ut per eam ipsi homines ascendentes in caelum angeli fierent.

aquela paz⁸² tal como Deus a faz nas alturas e, que os anjos ao descerem a terra, anunciaram aos homens de boa vontade, a fim dela se apropriarem e, ao subirem aos céus, iguais a eles fossem.

102. Hanc pacem amicis, hanc nostro optemus seculo, optemus unicuique domui quam ingredimur, optemus animae nostrae, ut per eam ipsa Dei domus fiat; ut, postquam per moralem et dyalecticam suas sordes excusserit, multiplici philosophia quasi aulico apparatu se exornarit, portarum fastigia theologicis sertis coronarit, descendat Rex gloriae et cum Patre veniens mansionem faciat apud eam.

102. Esta é a paz dos amigos, desejemo-la à nossa geração, desejemo-la ao entrar em cada casa, desejemo-la à nossa consciencia, para ser a morada iluminada de Deus; rejeitadas as impurezas pela moral e a diatética, se cubra de vasta filosofia como ornamento real, a coroar o cingido portal da teologia e, sobre ela (paz) desça a gloria soberana e, com o Pai nela estabeleça a sua morada.

103. Quo tanto hospite si se dignam praestiterit, qua est illius immensa clementia,

103. Quem não receberá tão digno anfitrião, senhoril de toga⁸³ doirada e

⁸² Pico esta se referindo à passagem bíblica: [...] gloria in altissimis Deo et in terra pax in hominibus bonae voluntatis (*glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa vontade*) (LUCAS 2.14).

⁸³ Mantive, em português, a palavra latina **toga**, posto referir um hábito de vestimenta do povo romano, que o identificava, com um modelo específico para cada ocasião.

deaurato vestitu quasi toga
nuptiali multiplici scientiarum
circumdata varietate,
speciosum hospitem, non ut
hospitem iam, sed ut
sponsum excipiet, a quo ne
unquam dissolvatur dissolvi
cupiet a populo suo et
domum patris sui, immo se
ipsam oblita, in se ipsa cupiet
mori ut vivat in sponso, in
cuius conspectu preciosa
profecto mors sanctorum
eius, mors, inquam, illa, si
dici mors debet plenitudo
vitae cuius meditationem esse
studium philosophiae
dixerunt sapientes.

§ 19.

104. Citemus et Mosem
ipsum a sacrosanctae et
ineffabilis intelligentiae
fontana plenitudine, unde
angeli suo nectare
inebriantur, paulo
deminutum.

revestida de múltiplos
saberes, possuidor de
imensa clemência,
acolhendo-o não como
simples hospede, mas
como o anunciado, para
dele não mais se apartar.
Ainda que afastado de
congêneres, da casa dos
pais e até de *si*, desejará
viver esta preciosa verdade,
a qual a morte se afigura
uma presumida elegia de
santos; morte para a plena
vida, que os sábios
meditaram como estudo da
filosofia.

§ 19. Alegoria de Moises no Tabernáculo

104. Citemos o próprio
Moisés⁸⁴, pouco inferior à
fonte sacrossanta e inefável
de inteligência, plena de
nectar⁸⁵ onde os anjos se
embriagam.

⁸⁴ Segundo a doutrina cabalística, a Moisés, não obstante o alto grau de aproximação com a divindade de que desfrutava não lhe foi dada a plenitude do conhecimento a respeito da natureza divina. (in COLEÇÃO GRANDES OBRAS DO PENSAMENTO UNIVERSAL, p.49).

⁸⁵ Em (104), mantive em português a palavra latina **nectar**, por ser considerada na mitologia como a bebida dos deuses, conveniente com o sentido do texto.

105. Audiemus venerandum iudicem nobis in deserta huius corporis solitudine habitantibus leges sic edicentem: «Qui polluti adhuc morali indigent, cum plebe habitent extra tabernaculum sub divo, quasi Thessali sacerdotes interim se expiantes».

106. Qui mores iam composuerunt, in sanctuarium recepti, nondum quidem sacra attractent, sed prius dyaletico famulatu

105. A nós que habitamos a deserta solidão de nosso corpo, ouçamos o venerando juíz que semea leis, e assim aprenderemos: *àqueles impuros privados de moral, que habitem com o vulgo fora do tabernáculo divino, como os sacerdotes de Tessália⁸⁶, para se espiarem até estarem purificados⁸⁷.*

106. Aos ordenados nas leis, acolhidos no santuário, não se aliciem pelas coisas sacras, mas primeiro zelem pela dialética como os

⁸⁶ Conforme já abordado, Pico provavelmente está referenciando a mitologia que envolve Asclépio deus da medicina, filho de Apolo e da virgem Coronis, da **Tessália**. Apolo enraivecido porque Coronis era infiel a ele, matou-a e arrancou o nascituro Asclépio de seu ventre. Mais tarde o enviou ao centauro Quíron para ser educado. Com este, Asclépio aprendeu a arte da cura e logo se tornou um grande médico. Pôr Asclépio ameaçar a ordem natural das coisas e pôr ressuscitar os mortos, Zeus o matou com um trovão. O culto a Asclépio centralizou-se em Epidauro, mas era popular pôr todo o mundo **Greco-Romano**. Os santuários de Asclépio funcionavam como refúgios para restabelecer a saúde, onde regimes terapêuticos tais como exercícios e dietas eram prescritos. A prática mais importante associada com as curas era o **ritual da incubação**, em que as pessoas aflitas eram adormecidas dentro de um templo ou **cercos sagrados** na esperança de que o deus viesse ter com eles em seus sonhos e prescrevesse a cura para suas doenças. (Disponível em criptopage.caixapreta.org/secao/mitologia/mito_grecorom_abc.htm - 11k . Acesso em 25.05.2007)

⁸⁷ Era comum encontrar na história dos mitos da Antiguidade e ainda na idade média, a pena de expiação em face de uma culpa grave.

seduli levitae philosophiae
sacris ministrent.

levitas⁸⁸ da filosofia
sagrada.

107. Tum ad ea et ipsi
admissi, nunc superioris Dei
regiae multicolore, idest
sydereum aulicum ornatum,
nunc caeleste candelabrum
septem luminibus distinctum,
nunc pellicea elementa, in
philosophiae sacerdotio
contemplantur, ut postremo
per theologiae sublimitatis
merita in templi adita recepti,
nullo imaginis intercedente
velo, divinitatis gloria
perfruantur.

107. Então, se nós próprios
admitirmos sempre o matiz
de Deus, culminaremos no
palácio ornado pelo
candelabro celeste de sete
tochas, na contemplação
do sacerdócio filosófico e
se, finalmente da justa e
sublime teologia auferida
no santuário, retirarmos o
véu da divindade,
participaremos
inteiramente de sua glória⁸⁹.

108. Haec nobis profecto
Moses et imperat et
imperando admonet, excitat,

108. Eis o que Moisés nos
ordena e, ao mandar
aconselha, incita e exorta

⁸⁸ Os **levitas** foram dedicados a um ministério de auxílio aos sacerdotes. Aos levitas, a lei atribuía numerosos deveres incluindo o cuidar do santuário, Cada levita substituí a primogênito de cada família das outras tribos de Israel, que Deus poupava por ocasião da primeira Páscoa, no Egito (Ex. 13:2 e 13).

⁸⁹ Traduzi **elementa** por **quatro elementos, Água, Terra, Fogo e Ar**, em face de serem os animistas a maioria das civilizações antigas, e nestas os elementos da natureza foram divinizados e associados a vários deuses de onde se extraíram rituais e símbolos misteriosos. Desta idéia participaram vários filósofos da Renascença, partícipes da íntima ligação entre astrologia e alquimia. Traduzi a palavra latina **multicolore**, não por multicolorido, mas por **Matiz**, posto esta se aplicar em português à diferença delicada entre coisas do mesmo gênero; tradução mais adequada posto Pico se referir a humanos, anjos e Deus. Traduzi **templi** por **santuário**, consonante a citação de Deus “O Candelabro” referenciado à Moisés em êxodo-25.

inhortatur, ut per philosophiam ad futuram caelestem gloriam, dum possumus iter paremus nobis.

que por meio da filosofia, preparemos a nossa via de acesso à futura glória dos céus.

§ 20.

§ 20. A natureza oculta da filosofia

109. Verum enimvero, nec Mosayca tantum aut Christiana mysteria, sed priscorum quoque theologia harum, de quibus disputaturus accessi, liberalium artium et emolumenta nobis et dignitatem ostendit.

109. Verdadeiramente sem dúvidas, não só os mistérios mosaicos tanto quanto os cristãos, mas também as teologias dos antigos nos mostram o valor e a dignidade das artes liberais, que debato.

110. Quid enim aliud sibi volunt in Graecorum archanis observati initiatorum gradus, quibus primo per illas quas diximus quasi februales artes, moralem et dialecticam, purificatis, contingebat mysteriorum susceptio?

110. Que coisa outra significaria os graus dos iniciados nos arcanos gregos? Nas *februales*⁹⁰ existia severa purificação obtida com a arte da moral e da dialéctica para o acesso aos mistérios?

111. Quae quid aliud esse potest quam secretioris per philosophiam naturae interpretatio?

111. Que outra coisa poderia ser quão grande a não ser a interpretação da mais oculta natureza da filosofia?

⁹⁰ Em (110), mantivemos a palavra latina *Februales* por referir-se às *Februa*, uma festa no mês de Fevereiro, considerado como o mês das purificações e expiações.

- | | |
|--|--|
| <p>112. Tum demum ita dispositis illa adveniebat [epopteia], idest rerum divinarum per theologiae lumen inspectio.</p> | <p>112. Assim, quando estavam preparados, sobrevinha aquela <i>epoptéia</i>⁹¹, a visão das coisas divinas através da luz da teologia.</p> |
| <p>113. Quis talibus sacris initiari non appetat?</p> | <p>113. Quem não desejaria ser iniciado em tais mistérios sagrados?</p> |
| <p>114. Quis humana omnia posthabens, fortunae contemnens bona, corporis negligens, deorum conviva adhuc degens in terris fieri non cupiat, et aeternitatis nectare madidus mortale animal immortalitatis munere donari?</p> | <p>114. Que humano após conseguir tudo o que é terreno, não desejaria negligenciá-lo e ao próprio corpo, para ser comensal dos deuses, dessendentado pelo néctar da eternidade e, receber ainda que animal mortal o dom da imortabilidade da alma?</p> |
| <p>115. Quis non Socraticis illis furoribus, a Platone in Fedro decantatis, sic afflari non velit ut alarum pedumque remigio hinc, idest ex mundo, qui est positus in maligno, propere aufugiens, ad caelestem Hierusalem concitatissimo</p> | <p>115. Inspirados pelo furor socrático, e exaltado por Platão no Fedro, quem não quereria, com os movimentos das asas e dos pés, fugir desta situação maligna e ser arrebatado deste mundo em célere</p> |

⁹¹ Em (112), a palavra grega *epoptéia*, conforme dicionário de Misticismo e Ocultismo, se refere ao sétimo grau, o mais elevado de iniciação nos mistérios de **Eleusinian**, quando o Deus brilha internamente no ser humano.

cursu feratur?	vôo ⁹² para descansar na Jerusalém Celeste?
116. Agemur, Patres, agemur Socraticis furoribus, qui extra mentem ita nos ponant, ut mentem nostram et nos ponant in Deo.	116. Eia Pais! Adentrem à exaltação socrática, tal a demover ⁹³ nossa mente ⁹⁴ , para que esta se disponha em Deus.
117. Agemur ab illis utique, si quid est in nobis ipsi prius egerimus; nam si et per moralem affectuum vires ita per debitas competencias ad modulos fuerint intentae, ut immota invicem consonent concontinentia, et per dyalecticam ratio ad numerum se progrediendo moverit, Musarum perciti furore celestem armoniam	117. Por que não nos impelir para lá? Posto primeiro em nós esteja tal voluntas; debilitados pela competência moral soçobra nos impelir a modular nossos intentos e, não sacrificar mutuamente a harmonia ditada pela dialética da razão, que se move na cadência de si, em direção ao ardente furor

⁹² Em (115) Pico pode ter referenciado o exemplo do Mito da Parelha Alada, localizado no diálogo **Fedro**, de **Platão**, onde este compara a raça humana a carros alados.

⁹³ Traduzi *extra mentem* não por algo externo a mente, o que seria a tradução literal, dada à dificuldade de imaginar no texto uma mente fora de *si-mesma*, assim optei por utilizar o termo demover.

⁹⁴ Picco por certo leu Agostinho: Deus se deve racionalmente procurar e suplicar no íntimo da alma, e invocar aquele homem interior, considerado como o seu templo. Não leste no Apóstolo: Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?⁹⁴ (I Coríntios 3.16,17). Nem observaste a recomendação do profeta: Falai dentro de vossos corações e compungi-vos nessa vossa morada; ofereci sacrifícios de justiça e esperai no Senhor?⁹⁴ Onde supões seja ofertado o justo sacrifício que não no templo da mente e no íntimo do coração?⁹⁴ (m.t.) (*in* DE MAGISTRO I.15).

- intimis auribus combibemus. celeste das Musas⁹⁵, para ouvirmos sua harmonia interior e nela nos embebermos.
118. Tum Musarum dux Bacchus in suis mysteriis, idest visibilibus naturae signis invisibilia Dei philosophantibus nobis ostendens, inebriabit nos ab ubertate domus Dei, in qua tota si uti Moses erimus fideles, accedens sacratissima theologia duplici furore nos animabit.
118. Então, Bacchus, adutor das musas em seus mistérios, através da natureza visível nos revelará os signos invisíveis de Deus, que nós filósofos perpetramos; embriagar-nos-á com a abundância da casa de Deus, a quem se inteiramente fiéis como Moisés foi, acederemos à sagrada teologia com um duplo furor a nos animar.
119. Nam in illius eminentissimam sublimati speculam, inde et quae sunt, quae erunt quaeque fuerint insectili metientes evo, et primevam pulchritudinem suspicientes, illorum Phebei vates, huius alati erimus amatores et ineffabili demum charitate, quasi aestro perciti,
119. Assim, no eminentíssimo e excelso espelho que reflete o eterno das coisas que foram, que são, e que serão, ao procurar o eterno e a beleza original, maior que a de Diana⁹⁶, em cujas asas estarão aqueles que invadidos por um estro,

⁹⁵ Em (117), as **Musas** eram nove deusas das artes e ciências na mitologia grega. Filhas de *Zeus* e de *Mnemosine*, as musas cantavam o presente, o passado e o futuro e cada uma protegia certa arte ou certa ciência. De seu nome deriva o termo *museu*, lugar inicialmente destinado ao estudo das ciências, letras e artes.

⁹⁶ Refere-se à Phoebe (Diana), irmã de Apolo, deusa da Lua.

quasi Saraphini ardentis extra
nos positi, numine pleni, iam
non ipsi nos, sed ille erimus
ipse qui fecit nos.

inefáveis amantes da
caridade e, ardentis como
Serafim, então não mais
seremos nós, mas sim
Aquele que nos fez.

§ 21.

120. Sacra Apollinis nomina,
si quis eorum significantias et
latitantia perscrutetur
misteria, satis ostendunt esse
Deum illum non minus
philosophum quam vatem.

§ 21. Deus! Um filósofo?

120. A nomeação sagrada
que referencia a Apolo, se
dela alguém perquirir os
significados ocultos,
aquilatará que Deus, não
seria menos filósofo que
um profeta.

121. Quod cum Ammonius
satis sit exequutus, non est
cur ego nunc aliter
pertractem; sed subeant
animus, Patres, tria Delphica
precepta oppido his
necessaria, qui non ficti sed
veri Apollinis, qui illuminat
omnem animam venientem
in hunc mundum,
sacrosanctum et
augustissimum templum
ingressuri sunt; videbitis nihil

121. Daquilo que
Ammonius⁹⁷ aclarou tão
amplamente, eu não teria
razões para novo escólio;
contudo, recordem Pais
dos três preceitos délficos⁹⁸,
que sem dúvidas são
absolutamente necessários,
para iluminar todos os
espíritos que adentram este
mundo sacrosanto e
augustíssimo templo, que
cultua a verdade de Apolo;

⁹⁷ Amônio Sacas, foi um filósofo neoplatonista nascido de pais cristãos e mestre de Orígenes, defendeu com denodo que o cristianismo e o paganismo não diferiam em pontos essenciais.

⁹⁸ Giovanni Pico está a referir a máxima *Nosce te ipsum*, tão aludida por Sócrates, contida no *Delphos Oraculum*.

aliud illa nos admonere, quam ut tripartitam hanc, de qua est presens disputatio, philosophiam totis viribus amplectamur.

atinarão que de nos só reclamam cingir a filosofia tripartida, a qual todos os homens estão expostos.

122. Illud enim [meden agan], idest nequid nimis, virtutum omnium normam et regulam per mediocritatis rationem, de qua moralis agit, recte praescribit.

122. Destas, certamente consta a máxima: *nada em demasia*; regra e norma que corretamente prescreve razões moderadas para cada virtude, do que trata a moral.

123. Tum illud [gnothi seauton], idest cognosce te ipsum, ad totius naturae nos cognitionem, cuius et interstitium et quasi cynnus natura est hominis, excitat et inhortatur.

123. Outra máxima contundente: *conheça a ti próprio*; exorta o conhecimento absoluto da natureza, da qual o homem é interstício e quase epítome, animado e incitado.

124. Qui enim se cognoscit, in se omnia cognoscit, ut Zoroaster prius, deinde Plato in Alcibiade scripserunt.

124. Quem de fato se conhece, se reconhece em tudo, como primeiro escreveu Zoroastro e a seguir Platão no *Alcibiades*⁹⁹.

125. Postremo hac cognitione per naturalem philosophiam illuminati iam Deo proximi, [ei], idest es

125. Por fim, iluminados pelo conhecimento da filosofia natural adida a Deus: *Aquele que é*; ensinado

⁹⁹ Diálogo entre Alcibíades e Sócrates, supostamente reportado por Platão.

dicentes, theologica
salutatione verum Apollinem
familiariter proindeque
foeliciter appellabimus.

na saudação teológica ao
modo do verdadeiro
Apolo, a quem felizes nos
dirigimos.

§ 22.

§ 22. O Galo como
Metáfora e Ironia

126. Consulamus et
Pythagoram sapientissimum,
ob id praecipue sapientem,
quod sapientis se dignum
nomine nunquam existimavit.

126. Consultemos o
sapientíssimo Pitágoras, o
mais sábio, sobretudo
porque nunca se julgou
digno desse predicado.

127. Precipiet primo ne super
modium sedeamus, idest
rationalem partem, qua
anima omnia metitur, iudicat
et examinat, ociosa desidia ne
remitentes amittamus, sed
dyaletica exercitatione ac
regula et dirigamus assidue et
excitemus.

127. Prescreverá não nos
assentarmos sobre o
módio¹⁰⁰, isto é a parte
racional com a qual a alma
afere, ajuíza e analisa o
efeito que degenera, mas
sim pelo exercício dialético,
que estimula e nos guia
constantemente por suas
regras.

128. Tum cavenda in primis
duo nobis significabit ne, aut
adversus solem emingamus,
aut inter sacrificandum
ungues reseceamus.

128. Primeiro nos indicará
duas coisas a cuidar: *não
urinarmos voltados para o sol,
tampouco devemos estar a cortar
as unhas durante o sacrifício.*

129. Sed postquam per

129. Mas, após espulsarmos

¹⁰⁰ Medida de capacidade usada para sólidos, sobretudo para medir o trigo.

moralem et superfluentium voluptatum fluxas eminxerimus appetentias, et unguium presegmina, quasi acutas irae prominentias et animorum aculeos resecurerimus, tum demum sacris, idest de quibus mentionem fecimus Bacchi mysteriis, interesse, et cuius pater ac dux merito sol dicitur nostrae contemplationi vacare incipiamus.

pela moral os desejos da volúpia, reduzido as garras aguçadas que estimulam a cólera e, removido os aguilhões da alma, enfim libertos, participaremos dos sagrados mistérios de Bachus¹⁰¹, dos quais aqui já tratamos e, assim iniciaremos a contemplação do Sol¹⁰² merecidamente considerado pai e guia.

130. Postremo ut gallum nutriamus nos admonebit, idest ut divinam animae nostrae partem divinarum rerum cognitione quasi solido cibo et caelesti ambrosia pascamus.

130. A seguir nos exortará a alimentar o galo, nutrir a parte divinal de nossa alma com o conhecimento de coisas divinas; o consistente alimento da Ambrósia celeste¹⁰³.

131. Hic est gallus cuius aspectum leo, idest omnis

131. Este é o galo que aparenta um leão, isto é,

¹⁰¹ Neste caso a referência não é ao Pseudus-Dionysius Areopagita, citado no § 12. 73, mas ao Deus romano Bachus, em grego Dionísio, filho de Zeus e da princesa mortal Semele; no que dele constituiu uma mitologia grega atípica. É a divindade dos ciclos vitais, das festas, do vinho e da insânia.

¹⁰² Essa era a visão religiosa dos gregos antigos, que viam nos componentes da Natureza, como o Sol, a Lua, e outros, elementos sagrados, deuses a serem reverenciados; proposição posteriormente rejeitada filósofo Tales de Mileto (624 e 625 a.C.).

¹⁰³ Na mitologia grega era a alimentação dos Deuses, que lhes conferiam a imortabilidade.

terrena potestas formidat et reveretur.	todo o poder terrestre, o receia e teme.
132. Hic ille gallus, cui datam esse intelligentiam apud Iob legimus.	132. Este é aquele galo citado na leitura de Jó ¹⁰⁴ , ao qual foi conferida a inteligência.
133. Hoc gallo canente aberrans homo respiscit.	133. Ao cantar deste galo, o homem recobra a razão.
134. Hic gallus in matutino crepusculo, matutinis astris Deum laudantibus, quotidie commodulatur.	134. Este galo no crepúsculo da manhã, quotidianamente lauda convenientemente o astro Deus.
135. Hunc gallum moriens Socrates, cum divinitatem	135. Este é o galo avocado por Sócrates ¹⁰⁵ na hora de

¹⁰⁴ “quis posuit in visceribus hominis sapientiam vel quis dedit gallo intellegentiam?” (Livro de Jó 38:36). (Quem pôs sabedoria nas entranhas do íbis, ou deu inteligência ao galo?). Referência à sabedoria das aves, como o íbis (subfamília de aves cucibufirnes), conhecido como o galo, que anunciava as enchentes do Rio Nilo.

¹⁰⁵ “Críton, eu devo um galo a Esculápio, vais lembrar-se de pagar a dívida? A dívida será paga (...)” - Fédon, in: *Platão. Coleção Os Pensadores*, São Paulo, Ed. Nova Cultural, 1987, p. 126. Muito provavelmente Pico faz uma preparação para a finitude e a vivificação da alma em outra vida, conforme salientou posteriormente Nietzsche, em “Crepúsculo dos Ídolos”, ao se referir ao galo que Sócrates afirmou dever ao Deus da medicina, Esculápio (romano) ou Asclépio (grego). Em todos os tempos os grandes sábios sempre fizeram o mesmo juízo sobre a vida: *ela não vale nada...* Sempre e por toda parte se escutou o mesmo tom saindo de suas bocas. Um tom cheio de dúvidas, cheio de melancolia, cheio de cansaço da vida, um tom plenamente contrafeito frente a ela. O próprio Sócrates disse ao morrer: "viver significa de há muito estar doente - eu devo um galo a Asclépio curador". O próprio Sócrates estava enfasiado da vida. O que isso *demonstra?* Para onde isso *aponta?*

animi sui divinitati maioris
mundi copulaturum se
speraret, Sculapio, idest
animarum medico, iam extra
omne morbi discrimen
positus, debere se dixit.

sua morte, quando esperava
se unir à divindade de sua
alma, a maior divindade do
mundo, segundo Esculapio,
o médico da alma.

§ 23.

§ 23. As irrigas do
Paraíso

136. Recenseamus et
Chaldeorum monumenta,
videbimus (si illis creditur)
per easdem artes patere viam
mortalibus ad felicitatem.

136. Revisemos comentos
dos Caldeus; veremos (se
acreditarmos) sua natureza
evidencia aos mortais a via
à felicidade.

137. Scribunt interpretes
Chaldei verbum fuisse

137. Escrevem os
intérpretes caldáicos¹⁰⁶ que

Outrora teria-se dito (ó! Disse-se e forte o suficiente; e avante nossos Pessimistas!): "Em todo caso é preciso que haja algo verdadeiro aqui! O *consensus sapientium* prova a verdade."

¹⁰⁶ Em 136-143 Pico tenta reconhecer a *tripartita philosophia* nos também nos escritos caldáicos. Infelizmente, a natureza das fontes do Pico não eram claras. Alguns textos tinham sido trazidos ao seu conhecimento por Flávio Mitridates (cf. carta do Pico de Ficino escrito em 1486 de outono, em *Supplementum Ficinianum*, pp. 272-273: «Chaldaici Oī libri sunt, si libri sunt et thesaurus nō: In primis Ezre, Zoroastris et Melchiar Magorum oracula, em quibus et illa quoque, apud Graecos Mendoza et circumferuntur mutilação, leguntur integra et absoluta. Tum est na illa Chaldeorum sapientum brevis quidem et salebrosa, sed plena mysteriis interpretatio. Itidem est et libellus de dogmatis Chaldae theologie cum Persarum, Grecorum et Chaldeorum na illa divina et locupletissima enarratione»). Pico certamente teve alguns textos ou fragmentos escritos em uma linguagem que Wirszubski C., com base nos fragmentos existentes preservados no manuscrito Palatino (por exemplo, os nomes dos rios paradisíacos listados abaixo, considerados como uma mistura de Aramaico e Hebraico, escrito em caracteres Etíope e Sírios. Esses textos, no entanto, criados talvez por Mitridates

Zoroastris alata esse
animam, cumque alae
exciderent ferri illam
praeceps in corpus, tum illis
subcrescentibus ad superos
revolare.

Zoroastro teria afirmado
que a alma seria alada, que
ao lhe caírem declinam sob
o corpo e, ao subnascerem
retornam a Deus.

138. Percunctantibus eum
discipulis quo pacto alis bene
plumantibus volucres animos
sortirentur: «Irrigetis, dixit,
alas aquis vitae».

138. Arguido por discípulos
sobre que almas com asas
bem emplumadas teriam
esta sorte, replicou: *As
irrigadas com água da vida.*

139. Iterum sciscitantibus
unde has aquas peterent, sic
per parabolam (qui erat
hominis mos) illis respondit:
«Quatuor amnis paradisi
Dei abluitur et irrigatur.

139. Novamente arguido
sobre o lócus destas águas,
respondeu por uma
parábola (conhecida dos
homens): *Quatro fontes
irrigam e purificam o paraíso de
Deus.*

140. Indidem vobis salutare
aqua hauriatis.

140. Lá coletarão águas
benfazejas.

Flavius (agricultor 1998, p. 13 e PP. 486-487). Pico considerou-os, como na citação acima, como sendo genuínas versões (talvez as originais) dos *Oráculos caldeus*; Segundo ele, eram melhores e mais ricas do que a compilação de dispersos fragmentos gregos que circulou com esse título (sobre a fortuna dos *Oráculos caldeus* grego durante a Sé renascentista Dannenfeld 1960). Gemistus Pletho poderia ter sido o primeiro a acreditar que os *Oráculos caldeus* personificaria sentenças de Zoroastro (ver Masai 1956, 136f; Veja também T. Bidez - F. Cumont, *Les Mages hellénisés*, Paris, 1938; J. Duchesne-Guillemin, *a resposta ocidental de Zoroastro*, Oxford, 1958, p. 4). Ele foi seguido por Ficino na *Theologia platonica* (*apud Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence*).

141. Nomen ei qui ab aquilone [Pischon], quod rectum denotat, ei qui ab occasu [Gichon], quod expiationem significat, ei qui ab ortu [Chiddekel], quod lumen sonat, ei qui a meridie [Perath], quod nos pietatem interpretari possumus.

142. Advertite animum et diligenter considerate, Patres, quid haec sibi velint Zoroastris dogmata: profecto nihil aliud nisi ut morali scientia, quasi undis Hibericis, oculorum sordes expiemus; dialectica, quasi boreali amussi, illorum aciem lineemus ad rectum.

143. Tum in naturali contemplatione debile adhuc veritatis lumen, quasi nascentis solis incunabula, pati assuescamus, ut tandem per theologiam pietatem et sacratissimum Dei cultum, quasi caelestes aquilae, meridianis solis fulgidissimum iubar fortiter perferamus.

141. O nome do rio que flui do setentrão é Pischon, que denota a retidão; o que vem do ocaso é Dichon, que significa expiação; o que vem do oriente é Chiddekel, que celebra a luz; e o que corre do sul é Perath, que podemos interpretar como piedade.

142. Pais! Com a alma diligentemente alertada, o que desejariam para vos mesmos ante os dogmas de Zoroastro: declaro nada desejar a não ser a ciência moral, que agita os Ibéricos, ao eliminar as impurezas dos olhos; da dialética, quase em nível boreal, com aquilo que alinhamos corretamente.

143. Então, ante a débil luz da verdade, ao contemplar o natural indício do nascer do sol, finalmente nos habituaremos à piedade teológica e ao culto ao sagradíssimo Deus, como águias celestes para poder anunciar fortemente o fulgidíssimo sol do meridiano.

-
- | | |
|--|--|
| 144. Hae illae forsan et a Davide decantatae primum, et ab Augustino explicatae latius, matutinae, meridianae et vespertinae cognitiones. | 144. Talvez sejam estes os primeiros conhecimentos matutinos, meridianos e vespertinos decantados por David e esclarecidos pelo romano Agostinho. |
| 145. Haec est illa lux meridialis, quae Saraphinos ad lineam inflammat et Cherubinos pariter illuminat. | 145. Esta é aquela luz do meio-dia que espontaneamente inflama os Serafins e igualmente ilumina os Cherubins. |
| 146. Haec illa regio, quam versus semper antiquus pater Abraam proficiscebatur. | 146. Esta é aquela região, a qual o antigo pai Abraão se pos a caminho. |
| 147. Hic ille locus, ubi immundis spiritibus locum non esse et Cabalistarum et Maurorum dogmata tradiderunt. | 147. Este é aquele local, segundo os dogmas dos Cabalistas e dos Mouros, no qual não há lugar para os espíritos impuros. |
| 148. Et si secretiorum aliquid misteriorum fas est vel sub enigmate in publicum proferre, postquam et repens e caelo casus nostri hominis caput vertigine damnavit et iuxta Hieremiam, ingressa per fenestras mors iecur pectusque male affecit, Raphaellem coelestem medicum advocemus, qui nos morali et dialectica uti pharmacis salutaribus liberet. | 148. E, se permitido for revelar em público os mistérios secretos, em forma de enigmas, dado a queda súbita do céu condenasse a cabeça do homem à vertigem; segundo o justo Jeremias, abertas as janelas à morte e, o mal no peito a afetar o coração, avoque Rafael o médico celestial, que curará com os medicamentos da moral e da dialética. |

149. Tum ad valitudinem bonam restitutos, iam Dei robor Gabriel inhabitabit, qui nos per naturae ducens miracula, ubique Dei virtutem potestatemque indicans, tandem sacerdoti summo Michaeli nos tradet qui, sub stipendiis philosophiae emeritos, theologiae sacerdotio quasi corona preciosi lapidis insignet.

149. Então, restituído (o homem) à boa saúde, nele habitará Gabriel, a força de Deus nas enlevas da natureza e mostra a virtude de Deus ao indicar ao summo sacerdote Miguel, o tributo da emérita filosofia e o sacerdócio teológico que nos coroará incomparavelmente com pedras preciosas.

DIGRESSUS SECUNDUM

§ 24.

150. Haec sunt, Patres colendissimi, quae me ad philosophiae studium non animarunt modo sed compulerunt.

151. Quae dicturus certe non eram, nisi his responderem qui philosophiae studium in pricipibus praesertim viris, aut his omnino qui mediocri fortuna vivunt, damnare solent.

152. Est enim iam hoc totum philosophari (quae est nostrae etatis infoelicitas) in

§24. Mistérios da terra e do céu

150. Estas são as razões, venerandos Pais, que não apenas me animam, mas que me compeliram ao estudo da filosofia.

151. Isto, certamente, digo, a não ser como resposta aos homens que condenam o estudo da filosofia, principalmente aos conspícuos que vivem de uma fortuna medíocre.

152. Com efeito, presentemente é tudo o que se filosofa (uma

contemptum potius et
contumeliam, quam in
honorem et gloriam.

infelicidade do nosso
tempo); optar por desprezo
e injúria que honra e glória.

153. Ita invasit fere omnium
mentes exitialis haec et
monstruosa persuasio, aut
nihil aut paucis
philosophandum.

153. Assim é que esta coisa
funesta e monstruosa
invadiu todas as mentes, tal
que ninguém devesse estar
filosofando.

154. Quasi rerum causas,
naturae vias, universi
rationem, Dei consilia,
caelorum, terraeque mysteria,
pre oculis, pre manibus
exploratissima habere nihil sit
prorsus, nisi vel gratiam inde
aucupari aliquam, vel lucrum
sibi quis comparare possit.

154. Com que razões em
face às vias naturais do
universo; os conselhos e a
benevolência de Deus ante
os olhos e, mistérios do céu
e da terra, nada
inteiramente desejarem das
coisas, que não ser
agraciado pelo lucro a si
próprio.

155. Quin eo deventum est
ut iam (proh dolor!) non
existimentur sapientes nisi
qui mercennarium faciunt
studium sapientiae, ut sit
videre pudicam Palladem,
deorum munere inter
homines diversantem, eici,
explodi, exsibilari, non
habere qui amet, qui faveat,
nisi ipsa, quasi prostans et
praeefloratae virginitatis

155. E porque não chegar a
tal ponto para si? (Oh! que
infortúnio), se consideram
sabios a não ser no
mercenariato do estudo da
sapiência; tal que no coevo,
a casta Palas Atena¹⁰⁷ que
entre atributos vários era a
deusa da Sabedoria,
presentada por Deus à
diversidade de homens, a
vemos expulsa, repelida e

¹⁰⁷ Na mitologia grega, Atena, também conhecida como Palas-Atena, era a deusa da sabedoria, da guerra, das artes, da estratégia e da justiça.

accepta mercedula, male paratum aes in amatoris arculam referat.

vilipendiada. Não há quem a ame, quem a siga, a não ser para violar sua virgindade e prostituí-la por reris erário do relicário do amante.

§ 25.

156. Quae omnia ego non sine summo dolore et indignatione in huius temporis, non principes, sed philosophos dico, qui ideo non esse philosophandum et credunt et praedicant, quod philosophis nulla merces, nulla sint praemia constituta, quasi non ostendant ipsi, hoc uno nomine, se non esse philosophos.

§25. Filosofar pela filosofia

156. O que exhibo não sem sofrimento e indignação ardúos, não aos príncipes, mas aos filósofos deste tempo, que não filosofam e creditam recompensas à predicação de filósofos, conquanto nenhum soldo se lhes constitua, como se assim não mostrassem com esta única palavra não serem filósofos.

157. Quod cum tota eorum vita sit vel in questu, vel in ambitione posita, ipsam per se veritatis cognitionem non amplectuntur.

157. Quando, além disso, constituem toda a sua vida em ambições e, por si mesmos não compreendem o conhecimento da verdade.

158. Dabo hoc mihi, et me ipsum hac ex parte laudare nihil erubescam, me numquam alia de causa philosophatum nisi ut philosopharer, nec ex studiis

158. Digo isto por mim próprio, e deste não corarei, porque nunca filosofei por causa outra a não ser por filosofar; nem tampouco de meus estudos,

meis, ex meis
 lucubrationibus, mercedem
 ullam aut fructum vel
 sperasse alium vel quesuisse,
 quam animi cultum et a me
 semper plurimum desideratae
 veritatis cognitionem.

159. Cuius ita cupidus
 semper et amantissimus fui
 ut, relicta omni privatarum et
 publicarum rerum cura,
 contemplandi ocio totum me
 tradiderim; a quo nullae
 invidiorum obtreccionibus,
 nulla hostium sapientiae
 maledicta, vel potuerunt ante
 hac, vel in posterum me
 deterrere poterunt.

160. Docuit me ipsa
 philosophia a propria potius
 conscientia quam ab externis
 pendere iuditiis, cogitareque
 semper, non tam ne male
 audiam, quam ne quid male
 vel dicam ipse vel agam.

§ 26.

161. Equidem non eram
 nescius, Patres colendissimi,
 futuram hanc ipsam meam
 disputationem quam vobis

de minhas vigílias, esperei
 por outra coisa ou busquei
 algum proveito próprio,
 que não, acima de tudo,
 aquilatar a alma e almejar o
 máximo de conhecimento
 da verdade.

159. Daquilo que aqui
 desejo, sempre serei
 amantíssimo. Abandonei
 coisas privadas e públicas e,
 integralmente me dediquei
 à total reflexão de tudo que
 me ocorria, exceto à
 difamação e de ínvodos e a
 maldade de inimigos da
 Sabedoria que não
 conseguiram me desviar e,
 tampouco desviarão.

160. Ensinou-me essa
 filosofia ser melhor abeirar
 minha consciência, que
 pender a juízos, nem tanto
 de detratada audiência, mas
 ao não desejar ou exortar o
 próprio mal.

§26. Acusações e defesa irressentida

161. Sem dúvidas Pais
 veneráveis, não seria por
 mim ignorado que tanto
 para mim quanto para vós,

omnibus qui bonis artibus favetis et augustissima vestra praesentia illam honestare voluistis, gratam atque iocundam, tam multis aliis gravem atque molestam; et scio non deesse qui inceptum meum et damnarint ante hac et in praesentia multis nominibus damnent.

esta seria uma discussão apropriada a todas às boas artes e, aquilo que vossa augustíssima presença honra, o que aprecio com gratidão e, a tantos outros distingue uma virulência incomoda. A mim já condenaram antes e, agora a replicarão de diversas formas por mais essa iniciativa.

162. Ita consueverunt non pauciores, ne dicam plures, habere oblatratores quae bene sancteque aguntur ad virtutem, quam quae inique et perperam ad vitium.

162. Assim, estabelecidas não poucas e boas ações à santificada virtude, desigualmente nem dito muito sobre a existência indevida de aluvião com injúrias como vício.

163. Sunt autem qui totum hoc disputandi genus et hanc de litteris publice disceptandi institutionem non approbent, ad pompam potius ingenii et doctrinae, ostentationem quam ad comparandam eruditionem esse illam asseverantes.

163. Existem os que desaprovam todo este gênero e, não aprovam a instituição dessa discussão pública de constestação, com a ideia de fecundar e doutrinar, comparando-a a uma forma de ostentação com o objetivo de autoasseveração.

164. Sunt qui hoc quidem exercitationis genus non improbent, sed in me nullo modo probent, quod ego hac

164. Existe aqueles que não reprovam esse gênero, mas em mim de nenhum modo o aprovam, porque eu com

aetate, quartum scilicet et vigesimum modo natus annum, de sublimibus Christianae theologiae mysteriis, de altissimis philosophiae locis, de incognitis disciplinis, in celebratissima urbe, in amplissimo doctissimorum hominum consessu, in apostolico senatu, disputationem proponere sim ausus.

165. Alii, hoc mihi dantes quod disputem, id dare nolunt quod de nongentis disputem questionibus, tam superfluo et ambitiose quam supra vires id factum calumniantes.

166. Horum ego obiectamenti et manus illico dedissem, si ita quam profiteor philosophia me edocuisset et nunc, illa ita me docente, non responderem, si rixandi iurgandique proposito constitutam hanc inter nos disceptationem crederem.

167. Quare, obtrectandi omne laccessendique

vinte e três anos de idade, usei propor uma discussão sobre mistérios sublimes da teologia Cristã, acerca de disciplinas desconhecidas, a partir de uma filosofia suprema, em uma cidade celebríssima, num amplo congresso ante um senado apostólico de doutíssimos homens em uma audaciosa disputa.

165. Outros permitem o debate, mas não desejam que nele eu avente minhas novecentas questões, ao que caluniam e julgam tão supérfluas e ambiciosas que excederiam meu potencial.

166. Dado estas insídias, eu imediata e prazerosamente abriria mão dessa intercessão, se a filosofia como professo assim me intimasse; posto me ensine que assim seria se acreditasse que o propósito da contenda constituísse um debate litigioso.

167. Por quais razões se oporia a todo propósito de

propositum, et quem scribit
Plato a divino semper abesse
choro, a nostris quoque
mentibus facessat livor, et an
disputandum a me, an de tot
etiam questionibus, amice
incognoscamus.

provocação no que, como
escreveu Platão dessa
digressão se afasta o divino;
dado seja lívido à mente
toda disputa nessas em
questões que
resignadamente
desconhecemos.

§ 27.

168. Primum quidem ad eos,
qui hunc publice disputandi
morem calumniantur, multa
non sum dicturus, quando
haec culpa, si culpa censetur,
non solum vobis omnibus,
doctores exce[llentissimi, qui
sepius hoc munere, non sine
summa et laude et gloria,
functi estis, sed Platoni, sed
Aristoteli, sed probatissimis
omnium etatum philosophis
mecum est communis.

§27. Réplica à primeira ordem de acusações

168. Primeiramente, do
fato daqueles, que fazem
desta disputa pública, não
dizer mais que caluniar,
como um castigo por
existir dolo, mas que culpa
se assentaria não só a mim
quanto a todos vós
excelentíssimos doutores,
que a defendem sem
recompensas, não sem
grande louvor e glória a
Platão e a Aristóteles e, a
todos os prováveis
filósofos que comigo
comungam.

169. Quibus erat certissimum
nihil ad consequendam quam
querebant veritatis
cognitionem sibi esse, potius
quam ut essent in disputandi
exercitatione frequentissimi.

169. Vejam que eles estavam
certíssimos de nada
precisarem para chegar à
verdade do conhecimento
que procuravam, a não ser o
exercício frequente da
discussão.

170. Sicut enim per
gymnasticam corporis vires
firmiores fiunt, ita dubio
procul, in hac quasi litteraria
palestra, animi vires et
fortiores longe et vegetiores
evadunt.

171. Nec crediderim ego aut
poetas aliud per decantata
Palladis arma, aut Hebreos,
cum [[barzel]], ferrum,
sapientum symbolum esse
dicunt, significasse nobis
quam honestissima hoc
genus certamina,
adipiscendae sapientiae
oppido quam necessaria.

172. Quo forte fit ut et
Caldei in eius genesi qui
philosophus sit futurus, illud
desiderent, ut Mars et
Mercurium triquetro aspectu
conspiciat, quasi, si hos
congressus, haec bella
substuleris, somniculosa et
dormitans futura sit omnis
philosophia.

§ 28.

170. Realmente, assim
como pela ginástica do
corpo os homens
enbrutecem, ao longo
segue incerto que da
mesma forma, a
conferência retórica
impelera vigor às forças da
alma e a da mente.

171. E não que eu acredite
em mensagens de poetas,
como no decantado poder
da armadura de Palas
Atena, ou dos hebreus que
afirmavam ser o ferro o
símbolo dos sábios e,
que da mesma forma, para
nós, este honradíssimo
debate significasse alcançar
a completa e necessária
sabedoria.

172. Não por acaso talvez
os Caldeus em sua origem
interpretassem os sequiosos
de filosofia, na forma pela
qual Marte veria o aspecto
de Mercúrio por três
ângulos e, que na ausência
destes, a filosofia
soçobraría em sonhos de
quimera.

**§28. Réplica à segunda
ordem**

173. At vero cum his qui me huic provinciae imparem dicunt, difficilior est mihi ratio defensionis: nam si parem me dixeró, forsitan inmodesti et de se nimia sentientis, si imparem fatebor, temerarii et inconsulti notam videor subiturus.

174. Videte quas incidi angustias, quo loco sim constitutus, dum non possum sine culpa de me promittere quod non possum mox sine culpa non praestare.

175. Forte et illud Iob afferre possem spiritum esse, spiritum esse in omnibus, et cum Timotheo audire: «Nemo contemnat adolescentiam tuam».

176. Sed ex mea verius hoc conscientia dixeró, nihil esse in nobis magnum vel singulare; studiosum me forte et cupidum bonarum artium non inficiatus, docti tamen nomen mihi nec sumo nec arrego.

173. A mim é mais difícil se defender contra os que me julgam incompetente para essa empreitada; se me considerar à altura serei acusado de imodesto e soberbo e, se eu aceitar a acusação, pelo contrário serei julgado como temerário e imprudente.

174. Vede no que incide minha angústia, as dificuldades que me assola e, a situação em que me encontro, conquanto não possa deixar de prometer sem reprovação e, ao mesmo tempo deixar de impender.

175. Poderia recorrer ao pensamento de Jó, que admitia o espírito estar em todos e ouvir a Timóteo que afirmou não se dever hesitar ante a juventude.

176. De minha verdade, a consciência de que em nós nada exista de tão grande, que eu não deseje sua singularidade; ainda que admita ser estudioso das boas artes, não me arrego e tampouco anseio o nome

- | | |
|---|---|
| <p>177. Quare et quod tam grande humeris onus imposuerim, non fuit propterea quod mihi conscius nostrae infirmitatis non essem, sed quod sciebam hoc genus pugnæ, idest litterariis, esse peculiare quod in eis lucrum est vinci.</p> | <p>de douto.</p> <p>177. Pelo que, se quão grande fardo me impuz ombrear, não foi por desconhecer minhas fraquezas, mas por reconhecer um signo peculiar da luta em razões literárias, da qual mesmo se vencido, consistiria uma conquista.</p> |
| <p>178. Quo fit ut imbecillissimus quisque non detrectare modo, sed appetere ultro eas iure possit et debeat.</p> | <p>178. Pelo que, não será languidíssimo aquele que a rejeite, mas que se abeire, posto que mesmo derrotado receba em vez de injúria a glória do vencedor.</p> |
| <p>179. Quandoquidem qui succumbit beneficium a victore accipit, non iniuriam, quippe qui per eum et locupletior domum, idest doctior et ad futuras pugnas redit instructior.</p> | <p>179. Visto que aquele que sucumbe, acolha o benefício da vitória e não da injúria, pois que ele retorne para casa mais abastado do que de sua partida, isto é douto e apto à futuras aventuras.</p> |
| <p>180. Hac spe animatus, ego infirmus miles cum fortissimis omnium strenuissimisque tam gravem pugnam decernere nihil sum veritus.</p> | <p>180. Eu, débil guerreiro vivificado por esta esperança, não receei lutar contra fortes e corajosos pugnantes, diligente que sou de que nada exista de</p> |

indigno.

181. Quod tamen temere sit factum nec ne, rectius utique de eventu pugnae quam de nostra aetate potest quis iudicare.

181. Todavia, se este acontecimento for temerário ou não, o correto seria julgar pelo resultado do embate e, não em face de minha idade.

§ 29.

§ 29. Réplica à terceira ordem

182. Restat ut tertio loco his respondeam, qui numerosa propositarum rerum multitudine offenduntur, quasi hoc eorum humeris sederet onus, et non potius hic mihi soli quantuscumque est labor, esset exanclandus.

182. Por terceiro, resta-me responder àqueles que consideram abusivo o grande número de teses alvitradas, quão fardo a recair sobre os seus ombros, como se não fosse apenas eu a padecer de tal fadiga.

183. Indecens profecto hoc et morosum nimis, velle alienae industriae modum ponere, et, ut inquit Cicero in ea re quae eo melior quo maior, mediocritatem desiderare.

183. Que inoportuna impertinência; impor limites ao desempenho de outrem! Como afirmou Cicero, revestir de mediocridade melhor será quanto mais grandiosa esta for.

184. Omnino tam grandibus ausis erat necesse me vel succumbere vel satisfacere; si satisfacerem, non video cur quod in decem praestare

184. Contudo, era necessário satisfazer tão grande desejo ou sucumbir; não vejo por que razão me satisfazer com o louvor de

questionibus est laudabile, in nongentis etiam praestitisse culpabile existimetur.

185. Si succumberem, habebunt ipsi, si me oderunt, unde accusarent, si amant unde excusent.

186. Quoniam in re tam gravi, tam magna, tenui ingenio, exiguaque doctrina, adolescentem hominem defecisse, venia potius dignum erit quam accusatione.

187. Quin et iuxta poetam: «Si deficiunt vires, audacia certe laus erit: in magnis et voluisse sat est».

188. Quod si nostra aetate multi, Gorgiam Leontinum imitati, non modo de

dez questões ou escolher a disposição das novecentas e, extrapolar o juízo crítico de culpabilidade.

185. Se eu sucumbir, eles precisamente por me odiarem terão razões para me acoimar e, se me amam para me indultar.

186. Em algo tão aturado, tão amplo, a um vassalo púbere, de sutil inspiração e de exígua doutrina, mais digno seria da graça e que lhe cessassem acusações.

187. Ainda mais à liça do poeta: *Se abalos florescerem, a audácia certamente será um mérito suficientemente grande e desejado.*

188. Muitos desta época imitam Gorgias de Leontini¹⁰⁸; não somente

¹⁰⁸ Górgias, retórico e filósofo grego, natural de Leontinos, na Sicília; juntamente com Protágoras de Abdera, formou a primeira geração de sofistas. Conhecido como "o Niilista"; referência à doutrina filosófica que prega pessimismo e ceticismo extremado, perante qualquer situação ou realidade possível, através da negação de quaisquer princípios religiosos, políticos e sociais.

nongentis sed de omnibus etiam omnium artium questionibus soliti sunt, non sine laude, proponere disputationem, cur mihi non liceat, vel sine culpa, de multis quidem, sed tamen certis et determinatis disputare?

§ 30

189. At superfluum iniquum hoc et ambitiosum.

190. Ego vero non superfluo modo, sed necessario factum hoc a me contendo, quod et si ipsi mecum philosophandi rationem considerarent, inviti etiam fateantur plane necesse est.

191. Qui enim se cuipiam ex philosophorum familiis addixerunt, Thomae videlicet aut Scoto, qui nunc plurimum in manibus, faventes, possunt illi quidem vel in paucorum questionum discussione suae doctrinae periculum facere.

pelas novecentas teses, mas ao propor discutir a totalidade de todas as artes em questões calhais. Por quais razões não terei o direito de discuti-las sem censura, se o faço de forma precisa em determinada e reta altercação?

§ 30 Multitude de Escolas Filosóficas

189. Todavia afirmam que isto é supérfluo e ambicioso.

190. Em verdade, a meu modo não vejo ociosidade, mas um fato necessário que aqui exponho filosofando; mesmo a aquele que não concorde com tais razões, se constringe ao confessar sua necessidade.

191. Aqueles que cultuam uma escola filosófica, como a de Tomás de Aquino ou a Duns Scoto, que congregam em seus preceitos um grande conceito, aqui manifestam poucas questões e, fazem de sua doutrina uma discussão arriscada.

192. At ego ita me institui, ut in nullius verba iuratus, me per omnes philosophiae magistros funderem, omnes scedas excuterem, omnes familias agnoscerem.

193. Quare, cum mihi de illis omnibus esset dicendum, ne, si privati dogmatis defensor reliqua posthabuissem, illi viderer obstrictus, non potuerunt, etiam si pauca de singulis proponerentur, non esse plurima quae simul de omnibus afferebantur.

194. Nec id in me quisquam damnet, quod me quocumque ferat tempestas deferat hospes.

195. Fuit enim cum ab antiquis omnibus hoc observatum, ut omne scriptorum genus evolventes, nullas quas possent commentationes illectas preterirent, tum maxime ab Aristotele, qui eam ob causam [anagnostes], idest lector, a Platone nuncupabatur, et profecto angustae est mentis intra

192. Deste modo eu, por outro lado, de maneira alguma me propus jurar sobre a palavra de ninguém; aquieço todas as estirpes de filosofias, mestres e escolas.

193. Pelo que eu, ao arrazoar como interlocutor não poderia defender um dogma singular e preterir o restante; àqueles poucos que agora a isto se alvitrem, não poderão se apoiar na singeleza, face tantas contribuições que se apresentam.

194. Assim, enquanto anfitrião, ninguém me censure por eventos que emanem à procela.

195. Aflige que mentes se restrinjam a apenas uma escola; constitua ela o Portico ou a Academia, desde a antiguidade, existe o preceito de que todos observem os escritores e, que a nenhuma de suas avisas deixasse de desenvolver comentos. Platão a estes, adicionava sobrenomes como o fez

unam se Porticum aut
Achademiam continuisse.

ante Aristóteles, que
avocava de *anagnostes*¹⁰⁹ os
leitores oriundos do vulgo.

196. Nec potest ex omnibus
sibi recte propriam selegisse,
qui omnes prius familiariter
non agnoverit.

196. Nem se poderia de
forma justa eleger uma
doutrina, a menos que
primeiro, se estivesse
familiarizado com todas.

197. Adde quod in una
quaque familia est aliquid
insigne, quod non sit ei
commune cum caeteris.

197. Além do que, existe
em cada escola algo insigne
e, distintivamente incomum
a qualquer outra.

§ 31.

§ 31. Multitude de Filósofos I

198. Atque ut a nostris, ad
quos postremo philosophia
pervenit, nunc exordiar, est
in Ioanne Scoto vegetum
quiddam atque discussum, in
Thoma solidum et equabile,
in Egidio tersum et exactum,
in Francisco acre et acutum,
in Alberto priscum, amplum
et grande, in Henrico, ut mihi
visum est, semper sublime et
venerandum.

198. Exemplifiquemos
agora com os nossos¹¹⁰
últimos investigadores da
filosofia: o vigoroso e sutil
Iobannes Scotus Eriugena; o
sólido e equilibrado
Tommaso d'Aquino; o reto e
sólido *Egidio Colonna*; o
penetrante e incisivo
Francisco de Mayronis; o
antigo, profundo e
imponente *Albertus Magnus*;
e *Henrique de Gand*, a meu
ver sempre sublime e
venerável.

¹⁰⁹ Escravo romano, que lia durante os banquetes de seus senhores.

¹¹⁰ Principais filósofos do período do Renascimento.

199. Est apud Arabes, in Averroee firmum et inconcusum, in Avempace, in Alpharabio grave et meditatatum, in Avicenna divinum atque Platonicum.

200. Est apud Graecos in universum quidem nitida, in primis et casta philosophia; apud Simplicium locuplex et copiosa, apud Themistium elegans et compendiaria, apud Alexandrum constans et docta, apud Theophrastum gravitate elaborata, apud Ammonium enodis et gratiosa.

201. Et si ad Platonicos te converteris, ut paucos percenseam, in Porphirio rerum copia et multiiuga religione delectaberis, in Iamblico secretiorem philosophiam et barbarorum mysteria veneraberis, in Plotino privum quicquam non est quod admireris, qui se undique prebet admirandum, quem de divinis divine, de humanis longe supra hominem docta sermonis obliquitate loquentem, sudantes

199. Entre a filosofia islâmica encontramos a inabalável solidez de *Averróis*; a introspecção reflexiva de *Avempace* e de *Alfarabie*; e o sublime e platônico *Avicena*.

200. Entre os gregos em geral, certamente encontramos uma concisa e pura filosofia: rica e copiosa em *Simplicius*; pura e sintética em *Themistius*; constante e douta em *Alexander Aphrodisias*; de elaboração densa em *Theophrastus*; e, ágil e graciosa em *Ammonius*.

201. E, se nos volver aos platônicos, alguns enumeraremos: deleitaremos-nos com a fartura de temas religiosos de *Porphirios*; a filosofia cabalística e o culto aos mistérios dos bárbaros de *Iamblichus Chalcidensis*; e, de *Plotino* a irresolução no que existe de mais admirável, dado retrate as coisas divinas sublimamente em discurso sutil e transcendental para informar a realidade

Platonici vix intelligunt.

humana, tal que só o entenda com algum esforço os próprios platônicos.

202. Pretereo magis novitios, Proculum Asiatica fertilitate luxuriantem et qui ab eo fluxerunt Hermiam, Damascum, Olympiodorum et complures alios, in quibus omnibus illud [to Theion], idest divinum peculiare Platoniorum symbolum elucet semper.

202. Preteri os mais púberes, como *Proclus* Lycaeus, de exuberante fertilidade asiática e seus alunos *Hermiam*, *Damascum*, *Olympiodorum* e numerosos outros, nos quais sempre reluz o peculiar símbolo divino platonizante.

§ 32.

§ 32. Multitude de Filósofos II

203. Accedit quod, si qua est secta quae veriora incessat dogmata et bonas causas ingenii calumnia ludificetur, ea veritatem firmat, non infirmat, et, velut motu quassatam flammam, excitat, non extinguit.

203. Se acrescente que ao existir qualquer escola que invista contra dogmas válidos e que calunia causas boas e ingentes ela ilude, mas não abala a verdade, como o vento que ao soprar a chama não a extingue, pelo contrário a excita.

204. Hac ego ratione motus, non unius modo (ut quibusdam placebat), sed omnigenae doctrinae placita in medium afferre volui, ut hac complurium sectarum collatione ac multifariae

204. Por essa razão me movi, não em via exclusiva (que alguns ansiariam), mas em animo de serenas doutrinas mediadoras almejando exposição, daí amplo espéctro de escolas e

discussione philosophiae, ille veritatis fulgor, cuius Plato meminit in Epistolis, animis nostris quasi sol oriens ex alto clarius illucesceret.

de discussões filosóficas reunidas sob a luz da equidade presente no espírito das Epístolas de Platão como um sol a iluminar do alto com a sua lucidez.

205. Quid erat, si Latinorum tantum, Alberti scilicet, Thomae, Scoti, Egidii, Francisci, Henricique philosophia, obmissis Graecorum Arabumque philosophis, tractabatur?

205. O que seria dos latinos *Leon Battista Alberti*, *Tommaso d'Aquino*, *Iohannes Scotus Eriugena*; *Egidio Colonna*; *Francisco de Mayronis*; *Henrique de Gand*, se dos filósofos gregos e árabes ou olvidasse?

206. Quando omnis sapientia a Barbaris ad Graecos, a Graecis ad nos manavit.

206. Dado que toda a sabedoria fluiu dos bárbaros aos gregos e destes nos adentrou.

207. Ita nostrates semper in philosophandi ratione peregrinis inventis stare, et aliena excoluisse sibi duxerunt satis.

207. Por isso que ao filosofar sobre a razão, muitos se descobrem peregrinos; alienados a cultivar doutrinas doutros.

208. Quid erat cum Peripateticis egisse de naturalibus nisi et Platonicorum accersebatur Achademia, quorum doctrina et de divinis semper inter omnes philosophias, teste Augustino, habita est

208. O que seria da natureza nos Peripatéticos, se privados da Academia dos Platônicos, na qual a doutrina do divino jazeu em todas as filosofias. Agostinho observa que esta foi considerada a mais

sancitissima et a me nunc primum, quod sciam, (verbo absit invidia) post multa secula sub disputandi examen est in publicum allata.

excelsa e agora, até onde eu saiba, após muitos séculos eu a revivo pela primeira vez (termos sujeitados à invidia) para submetê-la a discussão pública?

209. Quid erat et aliorum quot quot erant tractasse opiniones, si quasi ad sapientum symposium asymboli accedentes, nihil nos quod esset nostrum, nostro partum et elaboratum ingenio, afferebamus?

209. De que valeria tratar neste simpósio, quaisquer fossem as opiniões, se o fizéssemos acedendo à sabedoria com juízos alheios, sem nada de nossa criação aduzir e, elaborado por nossa inspiração?

210. Profecto ingenerosum est (ut ait Seneca) sapere solum ex commentario et quasi maiorum inventa nostrae industriae viam praecluserint, quasi in nobis effaeta sit vis naturae, nihil ex se parere, quod veritatem, si non demonstret, saltem innuat vel de longinquo.

210. Certamente seria indigno (como afirmou Seneca) defender só um juízo, como se a descoberta dos mestres antecipasse o caminho a toda investigação, quão da força da natureza nada mais procedesse, no que mesmo ao não demonstrar inteiramente a verdade, ao menos a indicasse além.

211. Quod si in agro colonus, in uxore maritus odit sterilitatem, certe tanto magis infecundam animam oderit illi complicita et associata divina mens, quanto inde nobilior longe proles

211. Assim como o campesino odeia a infertilidade da terra e, o marido a da esposa, tal ocorrerá com a mente divina e a alma infecunda unida e restrita a si, quanto

desideratur.

mais nobre forem os frutos almeçados.

§ 33.

§ 33. Multitude de Filósofos III

212. Propterea non contentus ego, praeter comunes doctrinas multa de Mercurii Trismegisti prisca theologia, multa de Caldeorum, de Pythagorae disciplinis, multa de secretioribus Hebreorum addidisse mysteriis, plurima quoque per nos inventa et meditata, de naturalibus et divinis rebus disputanda proposuimus.

212. Por esta razão, eu insatisfeito ante doutrinas comuns, muitas da antiga teologia de Hermes Mercurius Trismegistus¹¹¹, outras tantas dos Caldeus e de Pitágoras, outras retiradas dos mistérios ocultos dos Hebreus, me propus à discussão e meditação de assuntos concernentes ao mundo natural e divino.

§ 34.

§ 34. Multitude de Filósofos IV

213. Proposuimus primo Platonis Aristotelisque concordiam a multis ante hac creditam, a nemine satis probatam. Boetius, apud Latinos id se facturum

213. Estabelecemos primeiro a concordância entre Platão e Aristóteles, que muitos creditam ser viável, mas por ninguém provado suficientemente.

¹¹¹ Referenciado pelos neoplatônicos, místicos e alquimistas, Hermes Trismegistus, nome grego dado ao deus da alquimia, astronomia e liturgia, referência ao deus egípcio Thoth, aproximadamente 3000 a.C., conhecido pelos romanos como Mercurius, enquanto que para árabes e hindus era conhecido como o profeta Idris.

pollicitus, non invenitur fecisse unquam quod semper facere voluit.	Boecius ¹¹² , dentre os latinos, prometera fazê-lo, mas não consta tenha feito o que desejava.
214. Simplicius, apud Graecos idem professor, utinam id tam praestaret quam pollicetur.	214. Entre os gregos, Simplicius fez a mesma proposição, quem dera tivesse cumprido sua promessa.
215. Scribit et Augustinus in Achademicis non defuisse plures qui subtilissimis suis disputationibus idem probare conati sint, Platonis scilicet et Aristotelis eandem esse philosophiam.	215. Agostinho escreveu nos Acadêmicos que outros, por sutis argumentos, tentaram comprovar que as filosofias de Platão e Aristoteles são análogas.
216. Ioannes item Grammaticus cum dicat apud	216. Para John ¹¹³ o Gramático, Platão difereria

¹¹² Anitius Manlius Torquatus Severinus Boethius, filósofo do período romano tardio, representante do neoplatonismo, caracterizado por grande ecletismo, traduziu e comentou as obras de Aristóteles, de Porfírio, de Euclides e, de Nicômaco. Sua principal obra é “Consolação à Filosofia”. Boécio acreditava que a cultura latina do seu tempo estava em crise e buscou na preservação e difusão da cultura grega a solução para essa fase difícil que passava o conhecimento romano. Preocupava-se com o destino e com a liberdade. Se Deus tem um destino para os seres humanos esse destino destrói a liberdade de sermos quem quisermos ser e fazermos o que quisermos fazer. Autor de cartas subversivas e de se dar a práticas de magia, foi preso e torturado até a morte.

¹¹³ João Filopono de Alexandria também conhecido como João, o Gramático; filósofo neoplatônico cristão que rejeitou diversas das idéias básicas defendidas por Aristóteles.

eos tantum dissidere
Platonem ab Aristotele, qui
Platonis dicta non intelligunt
probandum tamen posteris
hoc reliquit.

217. Addidimus autem et
plures locos in quibus Scoti
et Thomae, plures in quibus
Averrois et Avicennae
sententias, quae discordes
existimantur, concordantes esse
nos asseveramus.

§ 35.

218. Secundo loco quae in
philosophia cum Aristotelica
tum Platonica excogitavimus
nos, tum duo et septuaginta
nova dogmata physica et
methaphisica collocavimus,
quae si quis teneat, poterit,
nisi fallor, quod mihi erit
mox manifestum,
quacumque de rebus
naturalibus divinisque
propositam questionem
longe alia dissolvere ratione
quam per eam edoceamur
quae et legitur in scolis et ab
huius evi doctoribus colitur
philosophiam.

de Aristóteles, tão somente
para aqueles que
desconheciam Platão, mas
ele não deixou à
posteridade a prova disto.

217. Por outro lado,
estabeleci vários
pensamentos de *Aquino e*
Scotus e, de Averrois e
Avicena, por outros julgados
discordantes, mas por mim
concordes.

§ 35. Da filosofia às questões naturais e teológicas

218. Por segundo pensei a
filosofia aristotélica na
forma como imaginava e,
depois a platônica; após
estas adicionei mais setenta
e dois novos dogmas de
física e metafísica, com os
quais, dentro de pouco
tempo demonstrados (salvo
engano meu), qualquer um
poderá resolver questões
naturais e teológicas,
diversamente do que se
ensina nas escolas e, cujos
doutores em filosofia
cultivam.

219. Nec tam admirari quis debet, Patres, me in primis annis, in tenera etate, per quam vix licuit (ut iactant quidam) aliorum legere commentationes, novam afferre velle philosophiam, quam vel laudare illam, si defenditur, vel damnare, si reprobatum et denique, cum nostra inventa haec nostrasque sint litteras iudicaturi, non auctoris annos, sed illorum merita potius vel demerita numerare.

§ 36.

220. Est autem, et praeter illam, alia, quam nos attulimus, nova per numeros philosophandi institutio antiqua, illa quidem et a priscis theologis, a Pythagora presertim, ab Aglaopheno, a Philolao, a Platone prioribusque Platonicis observata.

221. Sed quae hac tempestate, ut preclara alia, posteriorum incuria sic exolevit, ut vix vestigia ipsius ulla reperiantur.

219. Ó Pais! Que não se admirem aqueles que não aceitam que um jovem de tão tenra idade, queira propor uma nova filosofia, como insinuam alguns, que mal se permitem analisar comentários alheios. Tal seria antes ser louvado se bem sucedido ou, desmerecido se não. Se existir julgamento, que não se incida na idade do autor, mas nos méritos ou deméritos de suas teses.

§ 36 Multitude de Filósofos V

220. E, por outro lado, além daquelas, inovamos ao trazer teses outras instituídas pela prisca filosofia múltíplice, sobretudo a antiga teologia de *Pitágoras*, de *Aglaofemo*, de *Filolau* e de *Platão*, cultivadas por antigos platônicos.

221. Mas que agora se agita depois de incididas em desuso por negligências pósteras, tal que delas se encontre traços.

-
222. Scribit Plato in Epinomide, inter omnes liberales artes et scientias contemplatrices praecipuam maximeque divinam esse scientiam numerandi.
222. Platão escreve no “Epinomis” que, entre todas as artes liberais e ciências meditativas, a ciência dos números é a mais excelsa.
223. Querens item, cur homo animal sapientissimum? Respondet: «Quia numerare novit».
223. E, quando indagado sobre o porquê do homem ser um animal sapientíssimo, respondeu: *porque sabe fazer cálculos!*
224. Cuius sententiae et Aristoteles meminit in Problematis.
224. Esta máxima foi alvitrada na coleção pseudoaristotélica, a “Problemata”.
225. Scribit Abumasar verbum fuisse Avenzoar Babilonii, eum omnia nosse qui noverat numerare.
225. Abumasar notou que a máxima provém do babilônio Avenzoar, que asseverava tudo saber aquele que conseguisse calcular.
226. Quae vera esse nullo modo possunt, si per numerandi artem eam artem intellexerunt cuius nunc mercatores in primis sunt peritissimi, quod et Plato testatur, exerta nos admonens voce ne divinam hanc arithmeticam mercatoriam esse arithmeticam intelligamus.
226. Em verdade, de modo algum se deve entender a arte de calcular, como a do cômputo que agora se pratica, sobretudo os mercadores; como adverte austeramente Platão: *não se confunda a aritmética divina com a aritmética dos negociantes.*

227. Illam ergo arithmetiam, quae ita extollitur, cum mihi videar post multas lucubrationes exploratam habere, huiusce rei periculum facturum, ad quatuor et LXX questiones, quae inter physicas et divinas principales existimantur, responsurum per numeros publice me sum pollicitus.

§ 37.

228. Proposuimus et magica theoremata, in quibus duplicem esse magiam significavimus, quarum altera demonum tota opere et auctoritate constat, res medius fidiis execranda et portentosa.

229. Altera nihil est aliud, cum bene exploratur, quam naturalis philosophiae absoluta consumatio.

230. Utriusque cum meminerint Graeci, illam magiae nullo modo nomine dignantes [goeteian] nuncupant, hanc propria peculiarique appellatione

227. Logo, dessa aritmética tão exaltada, após aquilo que minha constante vigília pôde explorar, ao desconsiderar os perigos existentes, apto me encontro a responder publicamente através do método numérico, às setenta e quatro questões principais, entre físicas e divinas.

§ 37 A Santa Filosofia

228. Eu igualmente propus teses sobre a magia, da qual despontei existir duas formas: uma primeira da qual depende inteiramente o trabalho e poderes de demônios, algo execrável e assombroso.

229. E outra que refere aquilo que sutilmente se examina, nada mais que a perfeição absoluta da filosofia natural.

230. Os gregos ao referirem ambas, de forma nenhuma creditavam magia à primeira; a esta se nominava “feitiçaria” (*goeteia*). E, à segunda se

- [mageian], quasi perfectam summamque sapientiam vocant. considerava magia, como a perfeita e suprema sabedoria.
231. Idem enim, ut ait Porphyrius, Persarum lingua magus sonat quod apud nos divinatorum interpres et cultor. 231. Porfirio afirmou que na língua persa, *magos* significava aquilo que para nós infere o “intérprete e cultor das coisas divinas”.
232. Magna autem, immo maxima, Patres, inter has artes disparitas et dissimilitudo. 232. Por outro lado Pais existem ampla disparidade entre estas artes dessemelhantes.
233. Illam non modo Christiana religio, sed omnes leges, omnis bene instituta respublica damnat et execratur. 233. A prévia é arguida e abominada não só na religião Cristã, mas execrada em toda legislação instituída em boas repúblicas.
234. Hanc omnes sapientes, omnes caelestium et divinarum rerum studiosae nationes, approbant et amplectuntur. 234. A posterior a aprovam e a abraçam todos os sábios e nações que estudam as coisas celestes e divinas.
235. Illa artium fraudulentissima, haec altior sanctiorque philosophia, illa irrita et vana, haec firma fidelis et solida. 235. A prévia é entre todas as artes a mais fraudulenta não tem qualquer valor, é pérfida; a posterior é uma filosofia santa, segura, digna de *fé* e consistente.
236. Illam quisquis coluit 236. Aquele que se dê a

semper dissimulavit, quod in auctoris esset ignominiam et contumeliam, ex hac summa litterarum claritas gloriaque antiquitus et pene semper petita.

237. Illius nemo unquam studiosus fuit vir philosophus et cupidus discendi bonas artes; ad hanc Pythagoras, Empedocles, Democritus, Plato, descendam navigavere, hanc predicarunt reversi, et in archanis precipuam habuerunt.

238. Illa, ut nullis rationibus, ita nec certis probatur auctoribus; haec, clarissimis quasi parentibus honestata, duos precipue habet auctores: Xamolxidem, quem imitatus est Abbaris Hyperboreus, et Zoroastrem, non quem forte creditis, sed illum Oromasi filium.

239. Utriusque magia quid sit, Platonem si percontemur, respondebit in Alcibiade: Zoroastris magiam non esse aliud quam divinatorum scientiam, qua filios

prévia, sempre dissimula, dado o ato reverter em opróbrio e mácula ao versado; à posterior, desde a antiguidade, resultou o máximo esplendor e a glória do saber.

237. Na prévia, jamais abrolhou um filósofo ansioso pelas boas artes; enquanto na posterior, estudiosos como *Pitágoras*, *Empedocles*, *Demócrito* e *Platão*, viajaram e retornaram com seus atributos, para ensinar a arte dos arcanos.

238. A prévia não se funda em princípios, nem aprovada por qualquer autor fidedigno; a posterior enobreceu através de ilustres mestres: *Abbaris* o hiperbóreo imitado por *Zalmolxides* e, *Zoroastro*, não o que imaginas, mas o filho de *Oromasius*.

239. Se destes, a Platão perguntarmos a qual das duas magias aludem, ele responderá no “Alcibiades” que à magia de Zoroastro, a ciência do excelso, aquela

Persarum reges erudiebant,
ut ad exemplar mundanae
reipublicae suam ipsi regere
republicam edocerentur.

que os reis persas
ensinavam a seus filhos,
para aprenderem a reger a
si próprios, como o fariam
com a república.

240. Respondebit in
Carmide, magiam Xalmosidis
esse animi medicinam, per
quam scilicet animo
temperantia, ut per illam
corpori sanitas comparatur.

240. No “Carmides”,
Platão responderá que a
magia de *Zalmoxides* é a
medicina da alma, pela qual
ela chega à parcimônia, tal
como da outra se obtém a
saúde do corpo.

§ 38.

§ 38 Multitude de Filósofos VI

241. Horum vestigiis postea
perstiterunt Carondas,
Damigeron, Apollonius,
Hostanes et Dardanus.

241. Na senda dos passos
destes, perseveraram
Charondas, Damigeron,
Apollonius, Osthanes e
Dardanus.

242. Perstitit Homerus, quem
ut omnes alias sapientias, ita
hanc quoque sub sui Ulixis
erroribus dissimulasse in
poetica nostra theologia
aliquando probabimus.

242. Persistiu Homero,
aquele que, aliás,
dissimulou esta sabedoria,
sob o aspecto dèitico de
seu Ulisses, como eu
provarei algum dia, em
minha Teologia Poética.

243. Perstiterunt Eudoxus et
Hermippus.

243. Persistiram também
Eudoxus e Hermippus.

244. Perstiterunt fere omnes
qui Pythagorica Platonicaque

244. Quase todos que
perscrutaram mistérios

mysteria sunt perscrutati.	pitagóricos e platônicos persistiram.
245. Ex iunioribus autem, qui eam olfecerint tres reperio, Alchindum Arabem, Rogerium Baconem et Guilielmum Parisiensem.	245. Entre os mais recentes praticantes, reencontrei três: o árabe Al-Kindi, Roger Bacon e Guilherme de Paris.
246. Meminit et Plotinus, ubi naturae ministrum esse et non artificiem magum demonstrat: hanc magiam probat asseveratque vir sapientissimus, alteram ita abhorrens ut, cum ad malorum demonum sacra vocaretur, rectius esse, dixerit, ad se illos quam se ad illos accedere, et merito quidem.	246. Relembro a ampla revelação de Plotino, para quem o mago é ministro e não artífice da natureza: o homem sapientíssimo aprova e sustém a magia posterior, conquanto desdenhe a prévia a tal ponto que, convidado a rituais demoníacos, responde melhor fossem até ele que, ele ir até o rito.
247. Ut enim illa obnoxium mancipatumque improbis potestantibus hominem reddit, ita haec illarum principem et dominum.	247. Enquanto a prévia expõe o homem a indignidade e o escraviza, a posterior, dela o faz senhor e dono.
248. Illa denique nec artis nec scientiae sibi potest nomen vendicare; haec altissimis plena misteriis, profundissimam rerum secretissimarum contemplationem, et demum totius naturae cognitionem complectitur.	248. A prévia não pode reivindicar ser arte ou ciência; a posterior é repleta de profundo mistério na contemplação das coisas secretíssimas, por onde surge o conhecimento total da natureza.

249. Haec, inter sparsas Dei beneficio et inter seminatatas mundo virtutes, quasi de latebris evocans in lucem, non tam facit miranda quam facienti naturae sedula famulatur.

250. Haec universi consensum, quem significantius Graeci [sumpatheian] dicunt, introrsum perscrutatus rimata et mutuam naturarum cognitionem habens perspectatam, nativas adibens unicuique rei et suas illecebras, quae magorum [iunges] nominantur, in mundi recessibus, in naturae gremio, in promptuariis arcanisque Dei latitantia miracula, quasi ipsa sit artifex, promit in publicum, et sicut agricola ulmos vitibus, ita magus terram caelo, idest inferiora superiorum dotibus virtutibusque maritat.

251. Quo fit ut quam illa prodigiosa et noxia, tam haec

249. Esta, a posterior, interesparge benefícios de Deus e intersemea suas virtudes no mundo. Da mesma forma que a obscuridade evoca a luz, mas não faz da admirável natureza uma diligente serva.

250. Este consenso sobre o universo, que os gregos significam ao nomeá-lo de “sympateia”, perscruta adentrando ao mútuo conhecimento no exame da natureza, como origem única que habita cada coisa, nominado pelos magos (iunges) como o encanto que se faz mundo nas entranhas da natureza, onde se conserva preso aos arcanos do milagre do Deus oculto; artífice comprometido com tudo, que age como o lavrador que fundiona olmos (arvore medicinal) com as videiras, isto é o mago que combina a terra e o céu, fundindo o inferior com a virtude do superior.

251. No que infere que a magia prévia surge

divina et salutaris appareat.

assombrosa e lesiva,
enquanto a posterior se
apresenta excelsa e
curativa.

252. Ob hoc praecipue quod illa hominem, Dei hostibus mancipans, avocat a Deo, haec in eam operum Dei admirationem excitat, quam propensa charitas, fides ac spes, certissime consequuntur.

252. Principalmente porque a prévia sujeita o homem aos inimigos de Deus, lançando-o longe d'Ele e, a posterior incita a admirar os trabalhos de Deus, tal a seguramente seguir a caridade, a *fé* e a esperança.

253. Neque enim ad religionem, ad Dei cultum quicquam promovet magis quam assidua contemplatio mirabilium Dei, quae ut per hanc de qua agimus naturalem magiam bene exploraverimus, in opificis cultum amoremque ardentius animati illud canere compellemur: «Pleni sunt caeli, plena est omnis terra maiestate gloriae tuae».

253. De fato, nada melhor induz à religião, que o culto a Deus na forma como os magos a promovem, uma assídua contemplação das maravilhas d'Ele, habilmente examinadas, através desta magia natural, que agora estou a decantar: *Repleto está o céu, abarrotada está a Terra de tua magestade e glória.*

254. Et haec satis de magia, de qua haec diximus, quod s[c]io esse plures qui, sicut canes ignotos semper adlatrant, ita et ipsi saepe damnant oderuntque quae non intelligunt.

254. Agora basta da magia que tanto falei, existem muitos como cães íncios, que ladram ao estranho e, assim condenarão e odiarão aquilo que não compreendem.

§ 39.

255. Venio nunc ad ea quae ex antiquis Hebreorum mysteriis eruta, ad sacrosantam et catholicam fidem confirmandam attuli, quae ne forte ab his, quibus sunt ignota, commentitiae nugae aut fabulae circumlatorum existimentur, volo intelligant omnes quae et qualia sint, unde petita, quibus et quam claris auctoribus confirmata et quam reposita, quam divina, quam nostris hominibus ad propugnandam religionem contra Hebreorum importunas calumnias sint necessaria.

§ 40.

256. Scribunt non modo celebres Hebreorum doctores, sed ex nostris quoque HHesdras, Hilarius et Origenes, Mosen non legem modo, quam quinque exaratam libris posteris reliquit, sed secretionem quoque et veram legis enarrationem in monte divinitus accepisse;

§ 39.

255. Chego agora àquilo extraído de prístinos mistérios hebreus, ao que aludi na confirmação à sacrossanta *fé* católica e, não casualmente, a aqueles que são obscuros e inventam nugas ou propagam aleivosias que creem. Meu intento é que todos saibam a condição do alvo a que pretendem chegar, quando autoridades ilustres confirmam quão resguardadas, divinas e necessárias aos nossos homens a defesa da religião contra as inabordáveis calúnias dos Hebreus.

§ 40. Axiomas e Mistérios Ocultos I

256. Não apenas escreveram os celebres doutores Hebreus, mas também os nossos Hesdras, Hilarius e Origenes, que Moisés, no monte, recebeu não só as leis que deixou à posteridade em cinco livros, mas também uma secreta e verdadeira interpretação delas.

preceptum autem ei a Deo ut legem quidem populo publicaret, legis interpretationem nec traderet litteris, nec invulgaret, sed ipse Iesu Nave tantum, tum ille aliis deinceps succedentibus sacerdotum primoribus, magna silentii religione, revelaret.

Recomendou Deus que divulgasse as leis, mas não a sua interpretação; que a revelasse somente a Jesu Nave e deste, aos sucessivos primeiros summos sacerdotes, sob o sagrado sigilo do absoluto silêncio.

257. Satis erat per simplicem historiam nunc Dei potentiam, nunc in improbos iram, in bonos clementiam, in omnes iustitiam agnoscere, et per divina salutariaque precepta ad bene beateque vivendum et cultum verae religionis institui.

257. A simples história da potência de Deus, suficiente seria para admitir sua ira contra os ímprobos, clemência aos bons e, justiça a todos, educando em preceitos divinos e salutare para a vida boa e venturosa no culto que a verdadeira religião institui.

258. At mysteria secretiora et sub cortice legis rudique verborum pretestu latitantia, altissimae divinitatis archana, plebi palam facere, quid erat aliud quam dare sanctum canibus et inter porcos spargere margaritas?

258. Sob a cártula das leis, axiomas de mistérios secretos ocultam segredos da altíssima divindade. Revela-los à inculta plebe não seria senão dar o santificado a cães e, espalhar pérolas aos porcos¹¹⁴?

¹¹⁴ [...] nolite dare sanctum canibus neque mittatis margaritas vestras ante porcos ne forte conculcent eas pedibus suis et conversi disrumpant vos (Mt. VII, 6). Passagem evangélica em que Cristo aconselha que não se atirem pérolas aos porcos, isto é, não tratar de coisas santas com os ímpios e blasfemos.

§ 41.

259. Ergo haec clam vulgo habere, perfectis communicanda, inter quos tantum sapientiam loqui se ait Paulus, non humani consilii sed divini precepti fuit.

260. Quem morem antiqui philosophi sanctissime observarunt.

261. Pythagoras nihil scripsit nisi paucula quaedam, quae Damae filiae moriens commendavit.

262. Egiptiorum templis insculptae Sphinges, hoc admonebant ut mystica dogmata per enigmatum nodos a prophana multitudine inviolata custodirentur.

263. Plato Dionisio quaedam de supremis scribens substantiis: «Per enigmata, inquit, dicendum est, ne si epistola forte ad aliorum

§ 41. Axiomas e Mistérios Ocultos contin.

259. Logo, transmitir apenas aos inteirados e abriga-los do vulgo, é de extrema sabedoria, tal afirmava Paulo, não foi aconselhamento humano, mas uma prescrição divina.

260. Procedimento este observado pela maioria dos augustos filósofos.

261. Pitágoras nada escreveu a não ser poucas linhas, que confiou à filha Damae pouco antes de morrer.

262. As esfíngies esculpidas nos templos egípcios advertiam sobre o dogma místico através do enigma, atado inviolavelmente à multidão profana.

263. Platão notou a Dionísio, sobre modos supremos da substância: “É imperativo por enigmas nos exprimir, tal que se

pervenerit manus, quae tibi scribimus ab aliis intelligantur».

264. Aristoteles libros Methaphisicae in quibus agit de divinis editos esse et non editos dicebat.

265. Quid plura? Iesum Christum vitae magistrum asserit Origenes multa revelasse discipulis, quae illi, ne vulgo fierent comunia, scribere noluerunt.

266. Quod maxime confirmat Dyonisius Areopagita, qui secretiora mysteria a nostrae religionis auctoribus [ek nou eis noun] [dia meson logon], idest ex animo in animum, sine litteris, medio intercedente verbo, ait fuisse transfusa.

267. Hoc eodem penitus modo cum ex Dei praecepto vera illa legis interpretatio Moisi deitibus tradita revelaretur, dicta est Kabbalah, quod idem est

porventura nas mãos de outros a carta chegar, não se apercebiam do que escrevemos”.

264. Aristóteles afirmou que nos livros de Metafísica, para assuntos divinos existiam uns editos e outros ineditos.

265. A algo mais? Orígenes afirma que Jesus Cristo, mestre da vida asseverou aos discípulos muitas coisas, que eles não escreveram para não banaliza-las.

266. A esta máxima Dionísio o Aeropagita, afirma que os mistérios mais secretos foram transmitidos por seus fundadores, em formato reservado, sem registro de escrito, apenas infundidos pela fala, de mente em mente.

267. Assim, do mesmo e profundo modo como Deus revelou a verdadeira lei divina interpretada por Moises, a ela se nominou Kabbalah, igualmente

apud Hebreos quod apud nos «receptio»; ob id scilicet quod illam doctrinam, non per litterarum monumenta, sed ordinariis revelationum successionebus alter ab altero quasi H[e]reditario iure reciperet.

§ 42.

268. Verum postquam Hebrei a Babilonica captivitate restituti per Cyrum et sub Zorobabel instaurato templo ad reparandam legem animum appulerunt, Hesdras, tunc ecclesiae praefectus, post emendatum Moseos librum, cum plane cognosceret per exilia, cedes, fugas, captivitatem gentis Israeliticae institutum a maioribus morem tradendae per manus doctrinae servari non posse, futurumque ut sibi divinitus indulta celestis doctrinae arcana perirent, quorum commentariis non intercedentibus durare diu memoria non poterat, constituit ut, convocatis qui tunc supererant sapientibus, afferret unusquisque in medium quae de mysteriis

aludida por Hebreus, no sentido de recepção. Conhecimento da doutrina, não pela lembrança das letras, mas por revelações ordinárias e sucessivas, de um para o outro, como direito hereditário.

§ 42. O livro de Moisés

268. Em verdade, quando os hebreus foram libertados do cativoiro babilônico por Ciro e, com o templo de Zorobabel reconstruído eles se voltaram à restauração da Lei. O preposto eclesiástico Hesdras, após recuperar o livro de Moisés, se apercebeu que em face dos exílios, matanças, fugas e escravidão do povo israelita, não mais se manteriam a difusão oral da doutrina, uma tradição de antepassados, porque se correria o risco de perecimento dos arcanos da celeste doutrina, cedidos por Deus, posto não mantivesse na memória, sem a interposição de textos grafados. Assim, convocou sábios superiores

legis memoriter tenebat, adhibitisque notariis in LXX volumina (tot enim fere in sinedrio sapientes) redigerentur.

e por estes os mistérios das leis foram rememorados e registrados por escribas, do que resultou setenta volumes (tantos quanto eram os sábios de Sinédrio).

269. Qua de re ne mihi soli credatis, Patres, audite Esdram ipsum sic loquentem: «Exactis XL diebus loquutus est Altissimus dicens. Priora quae scripsisti in palam pone, legant digni et indigni, novissimos autem LXX libros conservabis ut tradas eos sapientibus de populo tuo.

269. Pais! Destas coisas não só por mim creiam; leiam o texto do próprio Hesdras: *Exatamente ao final de 40 dias, o altíssimo afirmou: Aquilo que primeiro escreveste torna-o público para que o leiam dignos e indignos, mas dos últimos setenta livros, os confie aos sábios de teu povo.*

270. In his enim est vena intellectus et sapientiae fons et scientiae flumen.

270. *Neles está a veia da inteligência, a fonte da sabedoria e, a emanção da ciência.*

271. Atque ita feci».

271. *E, assim foi feito.*

272. Haec Hesdras ad verbum.

272. Estas foram palavras de Hesdras.

273. Hi sunt libri scientiae Kabbalahe, in his libris merito Hesdras venam intellectus, idest ineffabilem de supersubstantiali deitate theologiam, sapientiae fontem, idest de

273. Estes são os livros da ciência da Kabbalah, aclarada em prima voz por Hesdras, que a proferiu como causa da veia do intelecto, a inefável e supersubstantial divindade

intelligibilibus angelicisque
formis exactam
methaphisicam, et scientiae
flumen, idest de rebus
naturalibus firmissimam
philosophiam esse, clara in
primis voce pronuntiavit.

§ 43.

274. Hi libri Sixtus quartus
Pontifex Maximus, qui hunc
sub quo vivimus foeliciter
Innocentium VIII proxime
antecessit, maxima cura
studioque curavit ut in
publicam fidei nostrae
utilitatem Latinis litteris
mandarentur.

275. Iamque cum ille
decessit, tres ex illis
pervenerant ad Latinos.

276. Hi libri apud Hebreos
hac tempestate tanta religione
coluntur, ut neminem liceat
nisi annos XL natum illos
attingere.

277. Hos ego libros non
mediocri impensa mihi cum
comparassem, summa

da teologia; fonte de
sabedoria das formas
inteligentes e angélicas da
exata metafísica, a ciência
que emana da solida
filosofia das coisas da
natureza.

§ 43. A ciência da
Kabbalah

274. Destes livros, o sumo
Pontífice Sisto Maximus
IV, predecessor imediato
de Inocência VIII, ordenou
que com cuidado e zêlo os
publicassem em língua
latina para dispo-los à
nossa *fz.*

275. Tal que quando ele
feneceu, três deles se
atínham ao latim.

276. Livros que segundo
Hebreus da época, tão
venerados pela religião
seriam, que não lhes
permitted acesso, senão
aos que completasse
quarenta anos de idade.

277. Estes livros eu adquirir,
não com pouco ônus, li-os
com máxima diligência e

diligentia indefessis laboribus cum perlegissem, vidi in illis (testis est Deus) religionem non tam Mosaicam quam Christianam.

incansável trabalho; neles vi (Deus é testemunha) não tanto a religião Mosaica, quanto a Cristã.

278. Ibi Trinitatis mysterium, ibi Verbi incarnatio, ibi Messiae divinitas, ibi de peccato originali, de illius per Christum expiatione, de caelesti Hierusalem de casu demonum, de ordinibus angelorum, de purgatoriis, de inferorum paenis, eadem legi quae apud Paulum et Dionysium apud Hieronymum et Augustinum quotidie legimus.

278. Neles li os mistérios da Trindade, a encarnação do Verbo, a divindade do messias, o pecado original, a expiação de Cristo, concernente à queda dos demônios da Jerusalem celeste, a ordem dos anjos, as penas do purgatório e do inferno. Li as mesmas coisas que todos lemos de Paulo e Dionísio citadas por Jerônimo e Agostinho.

279. In his vero quae spectant ad philosophiam, Pythagoram prorsus audias et Platonem, quorum decreta ita sunt fidei Christianae affinia, ut Augustinus noster immensas Deo gratias agat quod ad eius manus pervenerint libri Platoniorum.

279. Destes episódios, testemunha a verdadeira filosofia quando lemos Pitágoras e a seguir Platão, dos quais os princípios são tão afins a *fé* cristã que nosso Agostinho rende summas graças a Deus, por ter lhe caído nas mãos os livros dos platônicos.

§ 44.

§ 44. A irmandade religiosa entre Cristãos e Hebreus

280. In plenum nulla est

280. Por fim, entre nós e os

ferme de re nobis cum
Hebreis controversia de qua
ex libris Cabalistarum ita
redargui convincique non
possint, ut ne angulus
quidem reliquus sit in quem
se condant.

281. Cuius rei testem
gravissimum habeo
Antonium Cronicum, virum
eruditissimum, qui suis
auribus cum apud eum essem
in convivio, audivit Dactylum
Hebreum peritum huius
scientiae in Christianorum
prorsus de Trinitate
sententiam pedibus
manibusque descendere.

§ 45.

282. Sed ut ad meae redeam
disputationis capita
percensenda, attulimus et
nostram de interpretandis
Orphei Zoroastrisque
carminibus sententiam.

hebreus, não existe
nenhum tema controverso,
que os livros cabalísticos
não possam redarguir,
tampouco resta algum
cubículo particular onde se
possa olvidá-los.

281. Para tanto tenho o
testemunho rigoroso do
eruditíssimo Antonium
Cronicum, que em um
banquete teria ouvido do
hebreu Dactylum, cujo
conhecimento prosaico da
Trindade Cristã, fê-lo
admitir que a seu bondoso
Deus rendeu-se
inteiramente.

§ 45. A doutrina oculta dos números

282. Mas, retornando ao
exame dos argumentos de
minha disputa, trago o meu
modo de interpretar os
poemas de Orpheu¹¹⁵ e de
Zoroastro.

¹¹⁵ Legado da misteriosa Filosofia Órphica. Conjunto de poemas que compõem os Hinos Órphicos, escritos por volta do século V a.C e, atribuídos ao culto do herói Orpheu, muito provavelmente escritos por vários poetas, os quais contém indícios valiosos que revelam misticismo e liturgia de sua época.

283. Orpheus apud Graecos ferme integer; Zoroaster apud eos mancus, apud Caldeos absolutior legitur: ambo priscae sapientiae crediti patres et auctores.

284. Nam ut taceam de Zoroastre, cuius frequens apud Platonicos non sine summa semper veneratione est mentio, scribit Iamblicus Calcideus habuisse Pythagoram Orphycam theologiam tamquam exemplar ad quam ipse suam fingeret formaretque philosophiam.

285. Quin idcirco tantum dicta Pythagorae sacra nuncupari dicunt, quod ab Orphei fluxerint institutis; inde secreta de numeris doctrina et quicquid magnum sublimaque habuit Graeca philosophia ut a primo fonte manavit.

286. Sed (qui erat veterum mos theologorum) ita Orpheus suorum dogmatum mysteria fabularum intexit involucris et poetico

283. Orpheu é comumente referido pelos Gregos integralmente, enquanto mutilam Zoroastro, que os Caldeos absorvem por completo. Ambos são considerados Mestres e autores da antiga sabedoria.

284. Para não falar de Zoroastro, frequentemente referido sempre pelos Platônicos sob summa veneração; consta que Giamblico Calcídeo escreveu que Pitágoras, considerava a teologia órfica um modelo, sobre o qual plasmou e formou toda a sua filosofia.

285. Por isso os postulados de Pitágoras são proclamados sacros, por derivarem de compleições órficas. Dessa origem emanou a doutrina oculta dos números e, tudo o que de grandioso e sublime exibiu a filosofia grega.

286. Mas, como era costume dos antigos teólogos, Orpheu travestiu os mistérios dogmáticos, de fábulas e os camuflou com

velamento dissimulavit, ut si quis legat illius hymnos, nihil subesse credat praeter fabellas nugasque meracissimas.

287. Quod volui dixisse ut cognoscatur quis mihi labor quae fuerit difficultas, ex affectatis enigmatum syrpsis, ex fabularum latebris latitantes eruere secretae philosophiae sensus, nulla praesertim in re tam gravi tam abscondita inexplorataque adiuto aliorum interpretum opera et diligentia.

288. Et tamen oblatrarunt canes mei minutula quaedam et levia ad numeri ostentationem me accumulasse, quasi non omnes quae ambiguae maxime controversaeque sunt questiones, in quibus principales digladiantur achademiae, quasi non multa attulerim his ipsis, qui et mea carpunt et se credunt philosophorum principes, et incognita prorsus et intentata.

§ 46.

vés poéticos, tal que seus leitores os julgassem não ser mais que meras fabulas e puras digressões.

287. Desejei apresentar meu trabalho e dificuldades, como a de extrair dos intrincados enigmas e dos mistérios das fábulas, os sentidos ocultos da secreta filosofia, sem auxílio de intérpretações outras, numa empreitada circumspecta, recôndita e inexplorada.

288. E, não obstante, crendo-se príncipes entre os filósofos, os que me assediam como cães, vociferam que aboquei futilidades e necedades só por ostentação, como se não propusesse questões ambíguas e controversas, polemizadas nas basais academias; tal que eu, ignoto, nada aduzisse de substancial àquilo que menosprezam.

§ 46. **Conhecimentos ignorados**

289. Quin ego tantum absum ab ea culpa, ut curaverim inquam paucissima potui capita cogere disputationem.

290. Quam si (ut consueverunt alii) partiri ipse in sua membra et lancinare voluissem, in innumerum profecto numerum excrevisset.

291. Et, ut taceam de caeteris, quis est qui nesciat unum dogma ex nongentis, quod scilicet de concilianda est Platonis Aristotelisque philosophia, potuisse me citra omnem affectatae numerositatis suspicionem in sexcenta ne dicam plura capita deduxisse, locos scilicet omnes in quibus dissidere alii, convenire ego illos existimo particulatim enumerantem?

292. Sed certe (dicam enim quamquam neque modeste neque ex ingenio meo) dicam tamen, quia dicere me invidi cogunt, cogunt obtrectatores, volui hoc meo congressu fidem facere non tam quod

289. Por que não procedeu tal dolo, dado tivesse eu o cuidado de balizar ao mínimo os pontos da disputa.

290. Quando se realmente tivesse desejado, dividir e desmembrar conjunções, hábito em outros, escreveria incontáveis teses.

291. E, para não falar de outras, existiria quem olvidasse que das novecentas teses propostas, uma única que trata da conciliação entre Platão e Aristóteles, eu poderia ter desmenbrado e, sem a suspeita de prolixidade, em pelo menos mais seiscentas outras, enumerando-as à parte, naquilo que outros consideram existir contrastes, quando julgo se equivalerem?

292. Mas de certo, aqui falo consciente da imodestia contrária a minha índole; o faço porque me obrigam os invejosos e detratores. Quis nesta assembleia mostrar não tanto que sei, mas que

multa scirem, quam quod
scirem quae multi nesciunt.

§ 47.

293. Quod ut vobis re ipsa,
Patres colendissimi, iam
palam fiat, ut desiderium
vestrum, doctores
exce[llentissimi, quos
paratos accintosque
expectare pugnam non sine
magna voluptate conspicio,
mea longius oratio non
remoretur, quod foelix
faustumque sit quasi citante
classico iam conseramus
manus.

tenho conhecimentos que
outros ignoram.

§ 47. O embate

293. Pais respeitáveis!
Preparados e dispostos pela
expectativa do embate,
deem voz às coisas
mesmas, não sem a magna
ambição da concórdia. Que
meu longo discurso não os
obstrua. Excelentíssimos
doutores, que público se
torne nesta ocasião
aquinhoadade felicidade,
vosso desejo de contestar
com a liberdade semelhante
ao som de uma trombeta.

Apendice

O Humanismo Renascentista

Segundo Burckhardt (1991), os mediadores entre a Idade Média e o prenúncio do Renascimento, foram os *Clerici Vagantes* do século XII, preparando necessariamente o caminho para o humanismo posterior. Pernoud (1979) corrobora com esse pensamento quando afirma que o movimento começou na Itália, antes mesmo do século XV, no entanto o termo *rinascita* foi utilizado pela primeira vez no século XVI, pelo italiano Giorgio Vasari, em uma clara referência às artes e às letras clássicas, infundidas em antigos valores greco-romanos, enquanto outros historiadores atribuem o termo ao francês Jules Michelet. Grosso modo, a característica geral do Renascimento foi a redescoberta da Antiguidade Clássica: “Lembremos que Lourenço de Médici celebrava todos os anos, em Florença, o aniversário de nascimento de Platão com um banquete; que Dante tomou Virgílio como guia no Inferno; que Erasmo honrava a Cícero como a um santo” (PERNOUD, 1979, p.18).

Para Burckhardt (1991), vários destaques se apresentaram nesse período, promovendo uma sucessão de homens singulares: Dante Alighieri, escritor, poeta e político italiano, o primeiro a projetar a Antiguidade na vanguarda da cultura nacional; na Divina comédia, trata os mundos antigo e cristão como universos paralelos; Francesco Petrarca, intelectual e poeta, considerado o inventor do soneto, conhecido principalmente pelo seu romanceiro; Giovanni Boccaccio, poeta e crítico literário italiano, conhecido especialmente por uma de suas obras-primas, *Decamerão*, coleção de cem contos de amor, que inspirou famosos pintores e desenhistas do mundo inteiro (1991, p.122-123).

O Renascimento além do antropocentrismo adentrou princípios *hedonistas*, que consistia na busca do máximo prazer em cada momento vivido, como tesouro maior do Homem e, princípios *individualistas*, que envolvia a exaltação do indivíduo e de sua soberana liberdade dentro do grupo social, além de outros princípios ligados ao *otimismo* e ao *racionalismo*. O pano de fundo desse cenário implicou um conjunto de fatores outros, como a decadência da poderosa estrutura da igreja cristã católica e, a ascensão dos estados nacionais no âmbito político, econômico e cultural, com o acostamento da nobreza e da burguesia.

O antropocentrismo, usando a cultura greco-romana, surge principalmente ao final do Medievo quando se espalha por toda a Europa Ocidental, onde o Homem passa a ser o objeto de estudo principal, em uma relação uníssona com o estudo do Creador. Derivado da etimologia grega *anthropos* com o significado de homem e, de *kentrons*, o ponto central de uma circunferência; forma de pensamento comum a certos sistemas filosóficos e crenças religiosas, que atribuía ao ser humano uma posição de centralidade moral em relação ao universo, seja como um eixo ou núcleo em torno do qual estão situadas espacialmente todas as coisas, como na cosmologia aristotélica e cristã do período medieval ou, como a finalidade última, o *télos* que atrai para si todo o movimento da realidade como na teleologia hegeliana, ao fazer do homem o centro de todas as ações, de expressões culturais, históricas e filosóficas, consistindo de um universo para o bem da humanidade.

O movimento antropocêntrico floresceu, portanto em detrimento do teocentrismo, o Deus da tradição judaico-cristã e, trouxe como consequência histórica a separação entre Teologia e Filosofia, resultando no surgimento do humanismo renascentista, que tinha o antropocentrismo como ideia central.

A filosofia da Idade Média tinha sido influenciada pelos ensinamentos religiosos de Santo Agostinho e de São Thomaz, então adotados pelo clero dominante, no que resultou correntes de pensamento filosófico como o neoplatonismo e a escolástica aristotélica. Agora, surgia um interesse renovado pelas filosofias da Grécia e de Roma, que abria o caminho para o pensamento humanista deste novo período, através dos neoplatônicos renascentistas como Pico della Mirandola, Marsílio Ficino, e Nicolau de Cusa entre outros, quando então, se dá a afirmação mais contundente em relação à vida vivida do homem, quando comparada aos predecessores medievais.

O nascimento do antropocentrismo implicou o decaimento do escolasticismo, pois estes novos intelectuais demonstravam interesse primordial pela literatura secular, as *Humanae Litterae*, que no tempo de Cícero (106 - 43 a.C.) designava a educação propriamente humana; relacionada à *Paidéia* grega, educação por meio de disciplinas liberais, atividades específicas do homem, que desta forma o distinguiria dos outros animais.

No Renascimento, o desando à fonte do saber da antiguidade greco-romana, aludiu a estudos que revissem o comportamento humano ante sua postura mundana, compreendendo a leitura de autores antigos e o estudo da gramática, da retórica, da história e da filosofia moral. A esses cursos se deu o nome de *studia humanitatis*, daí o nome de *humanistas* àqueles que os ministravam.

As preocupações dos filósofos renascentistas giravam em torno de três grandes temas: o homem, a sociedade e a natureza; eram questionadores e críticos, que não hesitavam em externar seu pensamento, mais preocupados em problematizar a realidade instituída. Assim, o Humanismo se definia em um conjunto de ideais e princípios que valorizavam as ações humanas, principalmente através de seus valores morais que ajuizavam as ações humanas daquele período, tais como: a

verdade, a honra, a liberdade, a responsabilidade, a justiça, a solidariedade, a honestidade; valores que para os humanistas, tinham nos seres humanos, os responsáveis por sua criação e desenvolvimento, os quais não mais se fiariam na dependência do Creador, como responsável único por essa tarefa.

A contingência desse movimento resultou em ruptura cultural, deslocando do absolutismo religioso para o antropocentrismo, onde humanistas oscilaram do teocentrismo, Deus como centro de todas as cogitações, então adotado e imposto pelo clero, para a visão antropocêntrica, que alocava o Homem no centro de todas as realizações sociais.

A partir do Renascimento, o homem seria tido como criatura, criada por Deus, mas também um criador de si, no que revive o conceito do livre-arbítrio de Santo Agostinho. Para Blackham, no Humanismo, racionalismo e irracionalismo constituem uma ambiguidade que denota historicamente o movimento da atividade humana, aonde o humanismo deu origem de todo o pensamento moderno: “O humanismo é um esforço do homem para o homem que deve: pensar, sentir e agir por si próprio, decidir-se a si dentro do âmbito de sua própria experiência e aceitar a lógica dos resultados” (BLACKHAM, 1969, p. 4).

Carl Becker (2003) ressalta que mesmo na idade da razão de Locke, Hume, Diderot e Voltaire, na verdade, existiu um retorno ao mundo medieval, e que estes filósofos desfizeram a cidade célica de Santo Agostinho, para reconstruí-la sob novas teorias. Para tanto se serviram do movimento pré-renascentista e, dele apregoaram os princípios essenciais:

1. O homem não é, originalmente, depravado.
2. O fim da vida é a vida em si mesma, uma boa vida sobre a terra ao invés de uma vida beatífica depois da morte.

3. O homem é capaz, quando apenas guiado pela luz da razão e da experiência, de aperfeiçoar a boa vida aqui na terra e a primeira e essencial condição desta boa vida aqui, é a libertação do espírito dos grilhões da ignorância e da superstição, e dos corpos da opressão arbitrária e das autoridades sociais constituídas (BECKER, 2003, p.102).

O renascimento promoveu a inversão de valores, fundamental ao retorno à causa mesma, movimento denominado de *giro coperniano*, em alusão ao sistema heliocêntrico de Nicolau Copérnico. Os humanistas aceitaram a existência de um único Deus, porém esse conceito provinha de princípios intelectuais e existenciais do mundo antigo, aplicados às novas condições de vida geradas pelo auge do comércio e da burguesia mercantil do século XIV. Enquanto no *Medioevo* era o celeste que dava sentido ao terrestre, posto que o homem ocupasse hierarquicamente uma posição insignificante e inalterável, condenado a estar permanentemente imerso em um mundo repleto de tentações e pecados, no Renascimento esse pensamento é contestado pelos humanistas, que admitiam uma única verdade refletida no próprio projeto divino, na qual seria o terrestre a dar sentido ao celeste, conceito evidentemente reprovado pela visão ortodoxa da Igreja. Os pensadores do renascimento abdicaram à concepção medieval de pobreza, do celibato e da solidão do homem lançado a mercê de seu destino e, passaram a destacar a vida familiar e o viver com dignidade.

A ruptura com o mito de uma verdade pré-configurada, deu lugar ao desenvolvimento de disciplinas que se ocupavam do *Homo faber*, construtor de seu mundo e de sua felicidade. Os Humanistas se encontravam entre pintores, escritores, literatos e arquitetos, que procuraram o caminho para uma revisão fundamental nas relações entre o homem e o seu ser na sociedade, de forma a espelhar a harmonia do mundo, nos moldes do projeto inicial do

Creador. Autores como Dante, Petrarca, Boccaccio e Pico della Mirandola, defendiam a capacidade do homem de pensar por si mesmo. Contrariamente ao pensamento teocêntrico medieval, a religiosidade humanista quis chegar a Deus por meio da liberdade, do pleno exercício da razão consciente, condição determinante para alcançar a dignidade que o homem teria direito pela própria gênese. Giovanni Pico, em especial, retrata no *Oratio*, que o homem embora destronado do centro do universo, seria a medida do celeste e a este tenderia se assim o desejasse, fazendo-o segundo sua própria proporção.

A exaltação ao homem foi característica comum a todos os humanistas italianos. Para Marsilio Ficino, o homem era vicário de Deus, sua imagem, nascida para reger o mundo, e assim poderia pretender todas as coisas. Pico della Mirandola, discípulo de Ficino, com expressão dramática, em seu oratio, pôs na boca de Deus a seguinte imprecisão: “Tu, que não estás sujeito a nenhum limite, determinarás por ti mesmo tua própria natureza, segundo tua livre vontade”.

Giovanni Pico no *Oratio* enfatiza três pontos fundamentais de seu Humanismo: o primeiro considera ser o homem a totalidade de sua vida vivida, do que resulta o estabelecimento das questões cosmológicas; no segundo considera que nada ou ninguém detém o monopólio da verdade; e, por fim, admite a existência de uma afinidade entre a cultura clássica pagã e o cristianismo, dado que o ensinamento sobre o homem, a vida e a virtude ministrado pelos autores clássicos se imbrica com o cristianismo em inúmeras passagens.

Na mitologia grega, o humanismo não aparece na forma explicitada da Renascença, o que não significa sua ausência; um bom exemplo é o personagem de Prometeu que desafiou Zeus, ao roubar o fogo dos deuses e trazê-lo a terra; punido e, em meio a torturas, mesmo assim continuou seu enfrentamento à autoridade instituída.

Platão, nos diálogos de “A República”, faz sobressair o tema central da justiça ao questionar a sua essência, assim como demonstra o questionamento libertador, do jovem que transgride as leis instituídas e abandona a caverna para descortinar um novo mundo. Do mesmo modo, a *Ilíada* narra um drama, na qual a condição humana abordada por Homero mostra os dilemas mortais, as interferências de instâncias superiores e suas conseqüências personificadas nos deuses que tomam partido.

Panofsky primeiro observa Marsílio Ficccino, que definiu o homem como *o único ser que é ao mesmo tempo autônomo e finito*, e por segundo a concepção renascentista de *humanitas* que tinha um aspecto duplo desde o início, quando o interesse no ser humano se fundava tanto na renovação da antítese clássica, entre *humanitas* e *barbaritas* ou *feritas*, quanto na aparição da antítese medieval entre *humanitas* e *divinitas*, por isso entende o homem como alma racional, que participa do intelecto de Deus, mas opera num corpo. E foi, diz Panofsky, dessa concepção ambivalente de *humanitas* que o humanismo surgiu: *não tanto um movimento, mas uma atitude*, que pode ser definida como a convicção da dignidade do homem, baseada, ao mesmo tempo, na insistência sobre os valores humanos da racionalidade e da liberdade e, na aceitação das limitações humanas, a falibilidade e a fragilidade; que resultaram na responsabilidade e na tolerância (BAUNANN, Vol 2, n. 1, 1997).

A dignificação do homem apregoada pelo Humanismo se traduz, igualmente, na dignificação de sua vida. O homem que no *Medioevo* morria para viver Deus deu lugar ao homem que para completar o projeto do Creador, vive plenamente a vida não mais como uma passagem para outro mundo, mas como uma vida com valor intrínseco, na qual define seu destino; deixa de buscar nos céus as místicas contemplações divinas, para escrutinar

seu mundo, onde se descobre natural e sujeito apenas a leis naturais.

Epilogo do tradutor

Não por acaso citei Shakespeare no início deste trabalho, posto relevante salientar que o texto é praticamente reedição *fac-similar* do texto preâmbulo do *Oratio*. Shakespeare teve a lucidez de colocar na boca do personagem principal de sua mais famosa peça; *Hamlet, prince of Denmark* (1601), o qual em um dos célebres monólogos da peça, à semelhança de Giovanni Pico, primeiro realça a *obra-prima em que se constitui o homem* para, ante as mazelas do castelo de Elsinore, para ostensivamente questionar os valores humanos daquela sociedade, aludindo ao homem apenas a *quintessência do pó*, referência a passagem bíblica que afirma: *E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, formado pelos quatro elementos: Ar, Água, Fogo e Terra e, lhe inspirou o fôlego da vida* (Gn, 2: 7).

Fiel aos conceitos de Jacques Maritain (1980), procurei abordar e traduzir o *Oratio* de Pico como um discurso completo, perfeito, posto integrar uma proposição que exprime um juízo ou a concepção do espírito que ora compõe ora divide, seguido de uma argumentação que exprime o raciocínio correspondente.

Ortega & Gasset cita Goethe ao afirmar que vamos dos conceitos ao mundo, ou que existe um movimento espontâneo da mente para os conceitos e depois ao mundo, e assim sempre extravasamos o real, porque nosso prurido vital de realismo nos faz cair numa ingênua idealização do real, posto que esta seja uma propensão nativa humana (1999, p.64).

Em Goethe, na tradução há uma aspiração por se identificar com o original:

Uma tradução que tende a identificar-se com o original aproxima-se da versão interlinear e facilita enormemente a compreensão do original; através dela somos conduzidos ao texto básico, e todo o

círculo dentro do qual se move o aproximar-se do estranho e do familiar, do conhecido e do desconhecido finalmente se fecha (GOETHE, in Amati-Mehler, 2005, p. 253).

Considerarei e me permiti seguir por Ortega & Gasset, em um processo inverso, procurando tomar as idéias de Pico conforme se apresentavam no decorrer do texto, deixando que a obra adentrasse a minha mente, na busca por decodificar suas significações a partir de um **(re)**en-torno ao seu momento vivido (AMATI-MEHLER, Loc. cit.)

Depois de Babel postula que a tradução está formal e pragmaticamente implícita em cada ato de comunicação, na emissão e recepção de cada um e de todos os modos de significar, sejam elas compreendidas no mais amplo sentido semiótico ou em trocas mais especificamente verbais. Compreender é decifrar. Alcançar a significação é traduzir. Assim, os meios e problemas estruturais e operacionais essenciais do ato de traduzir estão integralmente presentes nos atos de fala, de escrita ou de codificação pictórica no interior de qualquer língua dada (Steiner, 2005, prefácio).

O discurso de Pico não objetivou promover relações sociais, ao contrário, as constituiu num processo discursivo que procurou transfigurar e dinamizar a ambiência de então. Há que se considerar que esta postura encontrada no *Oratio*, hoje é entendida como uma concepção funcional da linguagem, que têm seu espaço na linguística do discurso, constituindo-se no ramo piloto da pragmática e da fenomenologia, na forma como define Merleau-Ponty.

A língua dispõe de certo número de sinais fundamentais, arbitrariamente ligados a

significações chaves; ela é capaz de recompor qualquer significação nova a partir daquelas, conseqüentemente de dizê-las na mesma linguagem, e finalmente se exprime porque **reconduz** todas as nossas experiências ao sistema de correspondências iniciais entre tal sinal e tal significação de que nos apoderamos aprendendo a língua, e que é, ele, absolutamente claro, porque nenhum pensamento se arrasta nas palavras, nenhuma palavra no puro pensamento de alguma coisa (PONTY, 1974, p.21).

Busquei além, com as anotações e comentários, a partir de estudo crítico da obra e do autor, intentar reconstruir na língua portuguesa, o mais fielmente possível, o sentido original respaldado pela cultura em que ambos subjazem, para aclarar aos leitores o subliminar, que na obra original se encontra implícito e decorrente de seu tempo e espaço. Esta prudência em traduzir não apenas o conteúdo, mas considerar a estrutura filológica do *Oratio* buscou informações diversas, que denotassem a experiência estésica da obra, não somente como relato histórico, mas enquanto admirável arte literária da *Rinascita* e autêntico espírito do *Umanesimo italiano*, no sentido primeiro de preservar a memória do supradito filósofo neoplatônico e humanista, Giovanni Pico della Mirandola.

Antonio A. Minghetti

20 de Setembro de 2015

Obras relevantes de Pico

Além das escrituras já mencionadas, existem outros trabalhos completos (Bolonha, 1496; Veneza, 1498; Strasburgo, 1504; Basle, 1557, 1573 e 1601). Pico escreveu em italiano uma imitação do "Banquete" de Platão. Suas cartas ("Aureae epistolae", Paris, 1499) constituíram a base para a formação da filosofia do Iluminismo. As muitas edições de trabalhos inteiros de Pico no século XVI provam suficientemente sua influência.

Ioannis Pici Mirandulae Vita, 1496

De morte Christi et propria cigitanda. libri tres, 1496

De studio divinae et humanae philosophiae. libri duo, 1496

Opusculum de sententia ex communicationis iniusta pro h.s. prophetae innocentia, 1497

Defensio hieronymi savonarolae adversus samuelem cassinensem

Epistola del conte Zuanfrancesco da la Mirandola in favore de fra hieronymo da ferrara dappoi la sua captura

Defensio de ente et uno

De imaginatione seu phantasia

Operecta in defensione di pietro bernardo di firenze servo di Iesu Cristo, 1501

Physici libri duo, prior de appetitu primae materiae, posterior de elementis, 1513

De imitatione ad Petrum Bembum, eiusdem ad d.Ioannem franciscum Picum responsum

Strix sive de ludificatione 1523

Theoremata numero XXV de fide et ordine credendi

Iustini philosophi et martyris admonitorium gentium liber a greco in latinum sermonem ab eo traslatum

Heroicum carmen de mysteriis domenicae crucis iam
dudum in germaniam delapsis
De rerum praenotione libri IX, 1506-1507
De veris calamitatum causis, 1519
Examen vanitatis doctrinae gentium, 1520
Epistolarum variorum generum, libri IV
De reformandis moribus, oratio ad Leonem X et concilium
lateranense, 1517
Lettera al dottor Giacomo Essler, 1508
De providentia dei contra philosophastros liber, 1508
De anima rationali (commentari contro aristotele)
De animorum immortalitate
Regulae adevrsus scrupolos
Adnotationes in sacra eloquia
Nostrorum gesta temporum
Leges civiles et pontificias
Inni erotici
De adorazione, 1524
Descrizione dell'isola-giardino, 1524
Ioannis Francisci Pici mirandulae domini comitis depulsoria
calumniae romaniensis-oratio, 1524
De auro. libri tres, 1529
Compendio delle cose mirabili della venerabile serva di Dio
Catterina da Racconisio, 1532
De amore divino
Vita Hieronymi Savonarolae
Istituzione logica
Anatema, due libri
Dell'umana perfezione
Del bandire venere
Risoluzione della potesta' ecclesiastica
Degli arcani caduti giu' dal cielo in germania
Annotazioni ai sacri ragionamenti del vecchio e nuovo
testamento de animorum immortalitate

Referências bibliográficas

à tradução

AMATI-MEHLER, Jacqueline. ARGENTIERI, Simona. CANESTRI, Jorge. **A Babel do Inconsciente**. Título Original La Babele dell'inconscio, 1990. Tradução de Cláudia Bachi, Ed. Imago, RJ, 2005.

ARNS, Heriberto. **A Tagédia: O homem – Edgar Allan Poe**. Ed. Imprensa Paranaense, Paraná: 1959.

BAUNANN, Thereza de B. **Iconografia da Loucura, da História**. Artigo Científico, Revista de História Regional, 1997, Univ. Fed. Fluminense, Volume II, nº 1, 1997.

BECKER, Carl L. **The Heavenly City of the Eighteenth-Century Philosophers**. Ed. Nabu Press, Londres: 2003.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições Portugal, Espanha e Itália Séculos XV-XIX**. Edit. Cia das Letras, São Paulo Ano: 2000

BLACKHAM, H.J. **Objecções ao Humanismo**. Ed. Paz e Terra, RJ: 1969.

BÖHM, Winfried. **La Historia de La Pedagogia. De Platón hasta la actualidad** – Traducción de Junior Medeiros 1ª. Ed. – Villa Maria: Eduvim: 2010.

BRUNO, Giordano. **Acerca do infinito, do universo e dos mundos**. Intr. Victor Matos e Sá. Trad. notas, bibl. Aura Montenegro. Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 3.a ed. 1984.

-
- BURCKHARDT, Jacob. **A CULTURA DO RENASCIMENTO NA ITÁLIA**. Trad. de Sergio F. Guarischi Bath e Alberto de lós Santos. Ed. UnB, Brasília: 1991.
- CANTIMORI, Delio. **Umanesimo e religione nel Rinascimento**. Pubblicato da Einaudi nella collana Piccola biblioteca Einaudi di IBS. Itália:1980
- CASSIRER, E. **Individuo e Cosmos na Filosofia do Renascimento**, Editora Martins Fontes, São Paulo: 2001.
- GILSON, Etienne. **A FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA**. Trad. de Eduardo Brandão. Ed. Martins Fontes, São Paulo: 1995.
- KERSTING, Wolfgang. **LIBERDADE E LIBERALISMO**. Trad. de Luís Marcos Sander. Ed. EDIPUCRS, Porto Alegre: 2005.
- MACEDO, Cecilia Cintra Cavaleiro de. **A FILOSOFIA MEDIEVAL JUDAICA**. Revista Pandora Brasil Nº 43 - ISSN 2175-3318 – São Paulo: 2012.
- MANZO, Silvia Alejandra. **Éter, espírito animal e causalidade no *Siris* de George Berkeley: uma visão imaterialista da analogia entre Macrocosmo e Microcosmo**. *Sci. stud.* [online]. 2004, vol.2, n.2, pp. 179-205. ISSN 1678-3166.
- ORTEGA & GASSET, José. **A Desumanização da Arte**. Ed. Cortez, Tradução de Ricardo Araújo, SP, 1999.
- PARRET, Hermann. **Encyclopédie Philosophique Universelle. "Les Notions Philosophiques"** - Dictionnaire, vol 1, , Paris, PUF, 1990.

-
- PERNOUD, Régine. **IDADE MÉDIA: O que não nos ensinaram.** Trad.de Maurício Brett Menezes, Ed. Livraria Agir. Rio de Janeiro: 1979.
- PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social da Idade Média.** Ed. Mestre Jou, tradução de Lycurgo Gomes da Motta, São Paulo: 1963.
- PRABHAVANANDA, Swami, MANCHESTER, Frederick. ***Upanishads* – Sopro Vital do Eterno.** Versão Inglesa - Ed. Pensamento - Cultrix, São Paulo: 1987.
- ROHDEN, Huberto. **Filosofia da Arte.** Rio de Janeiro, Ed. Freitas Bastos, 2007.
- RÓNAI, Paulo. **A Tradução Viva.** Ed. Nova Fronteira, RJ, 1981.
- SANTO AGOSTINHO. **A doutrina Cristã:** manual de exegese e formação cristã. Tradução Nair de Assis Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- SCHOLEM, Gershom **As grandes correntes da mística judaica.** Tradução Dora Ruhman, Fany Kon, Jeanete Meireles e Renato Mezan. Ed. Perspectiva, São Paulo: 1972.
- SHAKESPEARE, William. **Hamlet.** Trad. de Millôr Fernandes, Pocket Editora, São Paulo: 1984.
- SÓFOCLES. **Antigone.** Tradução J. B. Mello e Souza. Ed. Ouro, Rio de Janeiro: 1996.
- STEINER, George. **Depois de Babel – Questões de Linguagem e Tradução** – tradução de After Babel - Aspects of language & translation. New York:

Oxford University Press por Carlos Alberto Faraco, Ed. UFPR, PR, 2005.

STORCK, Alfredo Carlos. **Filosofia Medieval**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 2003.

Università degli Studi di Bologna e Brown University di Providence. Disponível: <
http://www.brown.edu/Departments/Italian_Studies/pico/index.html>- ***Oratio Ioanis Pici Miran Concordiae Comitiss***, em sua ***Editio princeps*** parte do Progetto Pico “de hominis dignitate”, *um progetto di collaborazione tra Università degli Studi di Bologna e Brown University*.
http://www.brown.edu/Departments/Italian_Studies/pico/oratio.html Último acesso em 25 de Abril de 2015.

Glossário

Aleph: A visão do livro como um arcano parece ter sua realização mais perfeita na obra de Jorge Luís Borges. A totalidade era um tema caro a Borges, que a explorou de variadas maneiras (sendo "O Aleph" provavelmente a mais famosa). A imagem do livro, como elemento condensador da totalidade ou como chave para decifrá-la, é constantemente recorrente em seus contos e ensaios.

Alvedrio: prazer.

Amolga: tornar amolecido, abrandado.

Apofântico: No *aristotelismo*, diz-se de qualquer enunciado verbal passível de ser considerado verdadeiro ou falso, em função de descrever corretamente ou não o mundo real.

Apresto: apetrecho.

Arcano: mistério.

Comensal: diz-se de ou cada um dos que comem juntos.

Conspurcar: honrar

Dêítico: elemento linguístico que expressa dêixis, que no momento da enunciação, faz referência ao contexto situacional, ao discurso ou aos intérpretes do discurso, no que envolve tempo, espaço e/ou pessoa.

Desacoimar: retirar a culpa, absolver a pena, castigo ou multa.

Desando: regresso

Elegia: composição poética consagrada ao luto e a tristeza.

Enlevar: deleitar, deliciar, maravilhar, roubar, encantar.

Epítome: compêndio, resenha, resumo, sinopse, sumário, síntese.

Escoimar: livrar ou libertar de coima, pena, censura; desacoimar.

Estro: alento, inspiração.

Guildas: associações de mutualidade formadas na Idade Média entre as corporações de operários, negociantes ou artistas.

Hierofante: sacerdote que, nas religiões de mistérios da Grécia antiga, notadamente em Elêusis, instruía os futuros iniciados, mostrando-lhes solenemente os objetos sagrados. O grão-pontífice na antiga Roma.

Hiperbóreo: relativo ao extremo norte da terra; situado para o lado do norte.

Ignaro: inculto, ignorante.

Impender: prestes a cair ou a acontecer, ser preciso; caber, tocar, cumprir.

Inepta: inábil, que não tem aptidão ou habilidade para fazer alguma coisa.

Ingente: desmedido, enorme.

Íncscio: inciso; sínico.

Inumada: enterrada, sepultada.

Ínvios: invejosos

Livor: estado do que é lívido; lividez, livor, palidez, cor lívida.

Minudência: detalhe, minúcia, particularidade, pormenor.

Multíscios: erudito, instruído, culto, ilustrado.

Obducto: coberto, encoberto, escondido, latente, oculto.

Opróbrio: humilhação, enxovalho, demérito, degradação, vexame.

Polemologia: estudo científico das guerras e seus efeitos, formas, causas e funções enquanto fenómeno social.

Postremo: último, extremo, afastado, afinal, derradeiro.

Prelo: máquina manual tipográfica usada para imprimir; também designada por prensa.

Prestância: aplicação, uso, proveito, valia, valor, validade.

Prístino (prisco): antigo.

Prófugo: andante, nômade, fugitivo, desertor, vagante.

Recipiendário: pessoa que é solenemente recebida ou admitida em companhia, corporação ou sociedade.

Relicário: sacrário, patuá, santuário, cofre.

Secular: que se faz de século a século; que existe há séculos; muito antigo; relativo a ignaros; que vive no século ou sem votos monásticos; mundano; temporal; civil, àquele que não pertence a nenhuma ordem, religiosa.

Suserano: no feudalismo, dizia-se de ou aquele que tinha domínio sobre um feudo de que dependiam outros feudos; senhor, senhor feudal.